

ESTUDO TOPONÍMICO DO RIO TIETÊ

Carlos Drumond (*)
Arlinda Rocha Nogueira (*)

ABSTRACT

Besides tracing the many uses and variations of the toponyms of the Tietê river (and its tributaries), the following study tries to draw a pattern of the way in which they are used, and their different orthography. In order to do that the AA have gone through works, maps and documents dating from the seventeenth century onwards.

Nevertheless, it seems that those aims have not always been achieved: many of the toponyms require a more thorough analysis. So far, not all the attempts are not entirely convincing.

In the study mentioned, an analysis of the names which have been attributed to the Tietê river — *Anhembi* and *Tietê* — with its starting point as the history of that river, has been essayed. Afterwards, a survey of the tributaries and the study of every and each one of them has been undertaken. The essay ends with an attempt at classifying the toponyms.

INTRODUÇÃO

Um dos estudos mais sugestivos na área de toponímia é, a nosso ver, o que diz respeito aos nomes dos cursos d'água, pois não há dúvida de que os rios exercem marcada influência no comportamento humano. Afora outras serventias, como fonte de alimentação, por exemplo, atraem o homem que se aglomera às suas margens também por serem um meio de comunicação. Algumas vezes, um mesmo rio, sendo habitado por populações de linguajares diferentes, recebe nomes variados, de acordo com as regiões que atravessa. Como bem salientou o Padre Tastevin⁽¹⁾, em trabalho sobre os nomes genéricos dos cursos d'água na América tropical, "a denominação oficial pode vir de um povo que desapareceu há muito sem deixar traços de seu idioma. Este mesmo nome, tornado misterioso e inexplicável, nos terá sido conservado, mais ou menos alterado, por um

(*) Do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo.

(1) Tastevin, C. — Noms génériques de cours de l'eau dans l'Amérique tropicale. *Récueil de 76 Études de Linguistique, d'Ethnologie, de Science Religieuse, de Préhistoire et autres*. Viena, 1921.

povo conquistador que o absorveu ou expulsou a tribo primitivamente estabelecida às suas margens. Estes nomes podem ser os únicos testemunhos da passagem de um dado povo, em uma terra onde não mais existe hoje. Eles podem, assim, auxiliar a restabelecer uma cadeia da pré-história e, a este título, mereceriam um estudo atento”.

O conhecido lingüista francês Albert Dauzat⁽²⁾ compartilha também desta opinião ao escrever que: “les noms de cours d'eau présentent un intérêt très particulier: ils renferment, parmi toutes les catégories de toponymes, la plus forte proportion des noms les plus anciens, la rivière /.../ étant particulièrement rebelle aux substitutions. Ce sont ces noms qui nous permettent de plonger le plus loin dans le passé linguistique de l'Europe occidentale”.

Certos de que podemos transplantar para o Brasil a afirmação de Dauzat, desde há muito vimos coligindo material para a elaboração de trabalho volumoso sobre os nomes de rios do Brasil de origem indígena. Como se trata de pesquisa muito demorada, pela própria natureza do trabalho, pareceu-nos útil separar, dentre todo o material já reunido, os dados que permitam a elaboração de monografias sobre determinados cursos d'água. Assim sendo, em colaboração com a doutora Arlinda Rocha Nogueira, do Instituto de Estudos Brasileiros, procedemos ao estudo toponímico do Rio Tietê.

Procuramos neste trabalho seguir os ensinamentos de Theodoro Sampaio⁽³⁾, quando pondera que “o problema mais importante, o estudo mais sério e, a meu ver, essencial, é o da *identificação histórica* do vocábulo ou a restauração da sua grafia primitiva /.../. É mister, portanto, ler os documentos mais antigos, as crônicas, roteiros, relações de viagem, os mapas /.../. Conseguida a *restauração histórica* do vocábulo, fácil será explicar como ele se alterou ou como evoluiu até nós /.../”.

Em verdade, cada nome foi pesquisado em todas as fontes ao nosso alcance, mas confessamos que muitos deles ainda estão a requerer estudo mais aprofundado, pois as nossas tentativas de restauração, estamos certos, não são ainda totalmente convincentes. Esperamos que, após a publicação deste trabalho, outros estudiosos de posse de outras fontes de informação possam melhor resolver as nossas dúvidas.

Agradecemos a todos os que nos auxiliaram. Gostaríamos, porém, de destacar dois nomes: o da doutora Heloísa Liberalli Bellotto, a quem recorremos quando em dúvida quanto às normas de citação bibliográfica, e o de d. Ondina Blacke, a quem rendemos nosso preito de saudade.

(2) Dauzat, Albert — *Les noms de lieux* — origine et évolution. Paris, Librairie Delagrave, 1926, p. 195.

(3) Sampaio, Theodoro — *O tupi na geografia nacional*, 4.^a ed. (Salvador), Câmara Municipal, 1955, pp. 148, 149.

HISTÓRICO

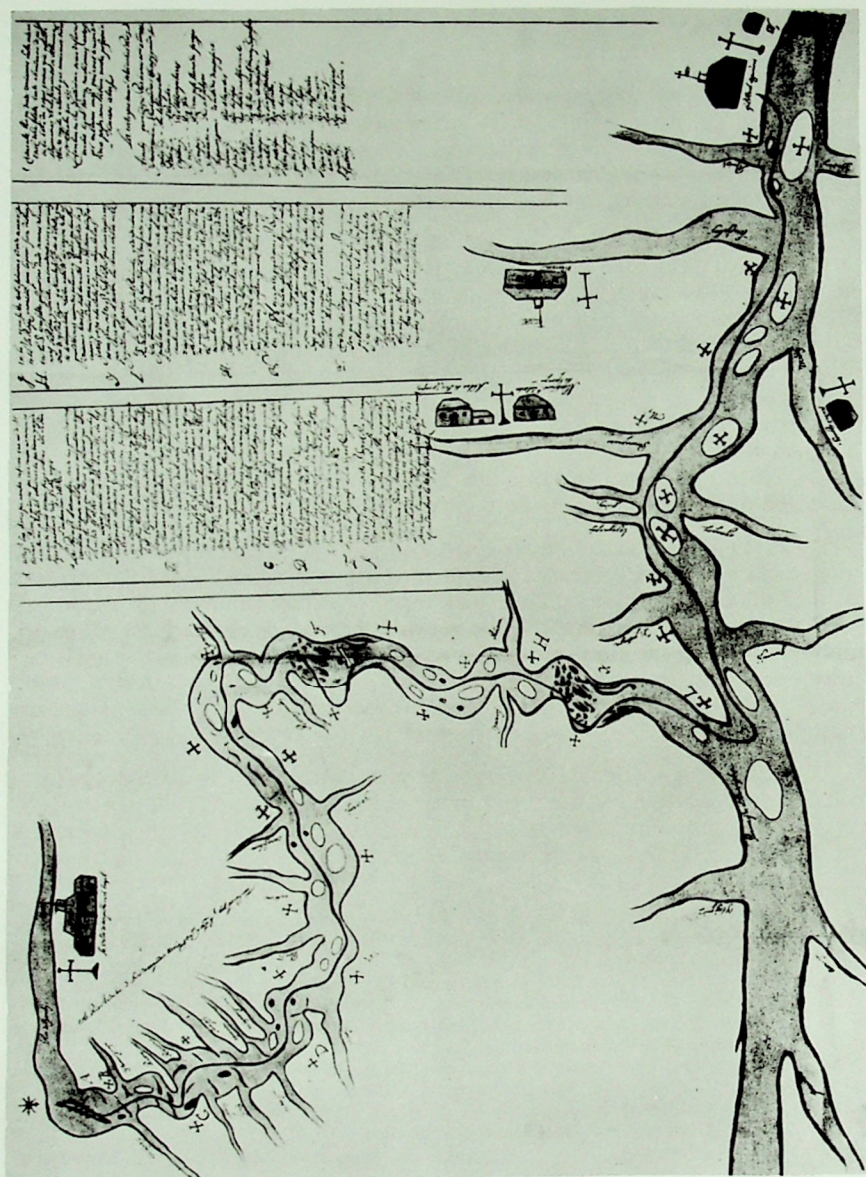
O rio Tietê é *sui generis* quanto à sua trajetória, pois, nascendo a poucos quilômetros do litoral — mais precisamente na serra do Parana-piacaba —, ao invés de dirigir-se para o oceano, volta-se para o interior, correndo inicialmente na direção EO, para depois tomar a de NE até desaguar no rio Paraná, poucos quilômetros abaixo da cachoeira de Urubupungá⁽⁴⁾.

João P. Cardoso considerou-o um rio “eminentemente paulista”, não só por receber poucas águas de Minas, como também por atravessar o Estado de São Paulo de sueste a noroeste⁽⁵⁾. Na verdade, o Tietê atravessa, com exceção do litoral, as mais diferentes regiões geográficas do Estado de São Paulo: “o *Planalto Atlântico*, de suas cabeceiras até Itu, depois de espreguiçar-se pela Bacia sedimentar de São Paulo; a *Depressão Paleozóica*, de Itu até Barra Bonita; e o grande *Planalto Ocidental*, de Barra Bonita até sua foz”⁽⁶⁾. A sua bacia hidrográfica é da ordem de 71.410 km², dos quais 70.360 km² encontram-se em território paulista que, desta forma, tem cerca de 28% de sua superfície banhada por ela⁽⁷⁾.

Nestas condições, o seu papel de via de comunicação, tanto entre as regiões por ele banhadas quanto entre São Paulo e os Estados limítrofes, teria sido e seria muito maior, não fosse o grande número de acidentes que apresenta em seu curso, o que o torna inavergável em vários trechos⁽⁸⁾. João Vampré, com muita propriedade, referindo-se à história do rio Tietê, assim se expressou: “É a narrativa áspera e dramática dos esforços feitos para dominar e vencer os obstáculos que ele levanta diante dos passos do conquistador”⁽⁹⁾.

Apesar das dificuldades impostas pela natureza, o colonizador, superando-as ou contornando-as, utilizou-se desde cedo desta via de penetração. Assim, em um requerimento de protestação, datado de 24 de novembro de 1602, encontramos, por exemplo, as seguintes palavras: “... vindo como

-
- (4) Lima, Gastão Cesar Bierrembach. — *Dicionário Geográfico do Estado de São Paulo*, São Paulo, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1943, p. 418 (Boletim, 2). Freitas, Affonso A. de — *Geographia do Estado de São Paulo*, São Paulo, Escolas Profissionais Salesianas, 1906, p. 22.
 - (5) Comissão Geographica e Geologica do Estado de S. Paulo — *Exploração do rio Tietê*, Barra do Rio Jacaré-Guassú ao rio Paraná: 1905. São Paulo, Brazil de Rothschild, 1910 (sem numeração).
 - (6) Penteadó, Antonio Rocha e Florençano, Paulo C. — *Paisagens do Tietê. Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, 6:52, 1950.
 - (7) Lefèvre, Valdemar — Aspectos Geográficos do Estado de S. Paulo, *Revista do Instituto Geográfico e Geológico*, São Paulo, 5 (3,4): 251, 1947.
 - (8) Freitas, Affonso A. de — *Geographia do Estado de São Paulo*. São Paulo, Escolas Profissionais Salesianas, 1906, p. 22.
 - (9) Vampré, João — O Tietê na história e na lenda. Rio de Janeiro, *Jornal do Comércio*, 1934. *Apud* Nóbrega, Mello — *História de um rio (O Tietê)*. São Paulo, Martins (1948), p. 43.



"Mapa de Luiz de Céspedes Xeria (1628)", in Taunay, Afonso de E. — *Coletânea de Mapas da Cartografia Paulista Antiga*, São Paulo, Companhia Melhoramentos de São Paulo, 1922.

des ou doze omês que estavam em segim^{to} de nicolau bareto capitão que roque bareto capitão que foi desta cap^{ta} mādou ao sertão mudarão de viagem e se forão pelo *rio anhembi* abaixo aonde lhes pode soseder m^{to} mal com os matare o proprio gentio q anda fogido. . .”⁽¹⁰⁾.

Conhecido primitivamente por Anhembi, só com o passar dos anos recebeu o apelido de Tietê, assim mesmo para uma parte apenas do seu percurso, isto é, o trecho entre as nascentes e o salto de Itu. O termo Anhembi permaneceu por mais algum tempo para identificar o restante do trajeto, ou seja, a porção entre Itu e sua foz no Paraná⁽¹¹⁾. Afora Anhembi, o Tietê foi batizado também por “rio de Povoador, rio que leva para o povoado, rio que tinha o povoado”, segundo Leonardo Arroyo⁽¹²⁾. Ordonhes, por exemplo, em 1785, explicava que o Tietê era conhecido “por antonomasia nestas minas, e pelos navegantes Rio de Povoador”⁽¹³⁾.

Certos trechos do Tietê, nos quais a navegação pode se desenvolver livremente, recebem denominação própria, como é o caso do estirão compreendido entre as corredeiras de Arranca-Rabo e Lage, conhecido por *Rio Morto* graças à movimentação quase nula de suas águas. Hércules Florence relacionava tal denominação com a “tranquilidade inalterada das águas”⁽¹⁴⁾. O mesmo podemos dizer do *Manso do Bacury*, entre as corredeiras de Bacury e Travessa Grande, e do *Manso de Lambary*, entre as de Aracanguá e Cruzes⁽¹⁵⁾.

Pelo antigo Anhembi circularam não só os que tinham em mente o aprisionamento de índios ou o descobrimento de metais e pedras preciosas, como também os que demandavam ou vinham das terras paraguaias. Segundo Leonardo Arroyo, na segunda metade do século XVII, o Tietê já não mais apresentava “segredos quanto à sua importância no sistema de comunicações fluviais com o interior”⁽¹⁶⁾. Em 1628, o Capitão-General do Paraguai, d. Luiz de Céspedes Xeria, a partir do porto de Nossa Senhora da Atocha, provavelmente Porto Feliz, viajou pelas águas tieteanas até as barrancas do Paraná. Dessa travessia resultou o mais antigo documento cartográfico do rio Tietê de que se tem notícia⁽¹⁷⁾. Este mapa é de um valor

(10) *Actas da Câmara da Villa de S. Paulo (1596-1622)*. São Paulo, Arquivo do Estado de S. Paulo, 1915, v. 2. p. 114.

(11) Taunay, Afonso de E., ed. — *Relatos Monçoeiros*. São Paulo, Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo (1954), p. 16. (Biblioteca Histórica Paulista, 9).

(12) Arroyo, Leonardo — *Relação do Rio Tietê*. (São Paulo) Obelisco (1965), p. 47.

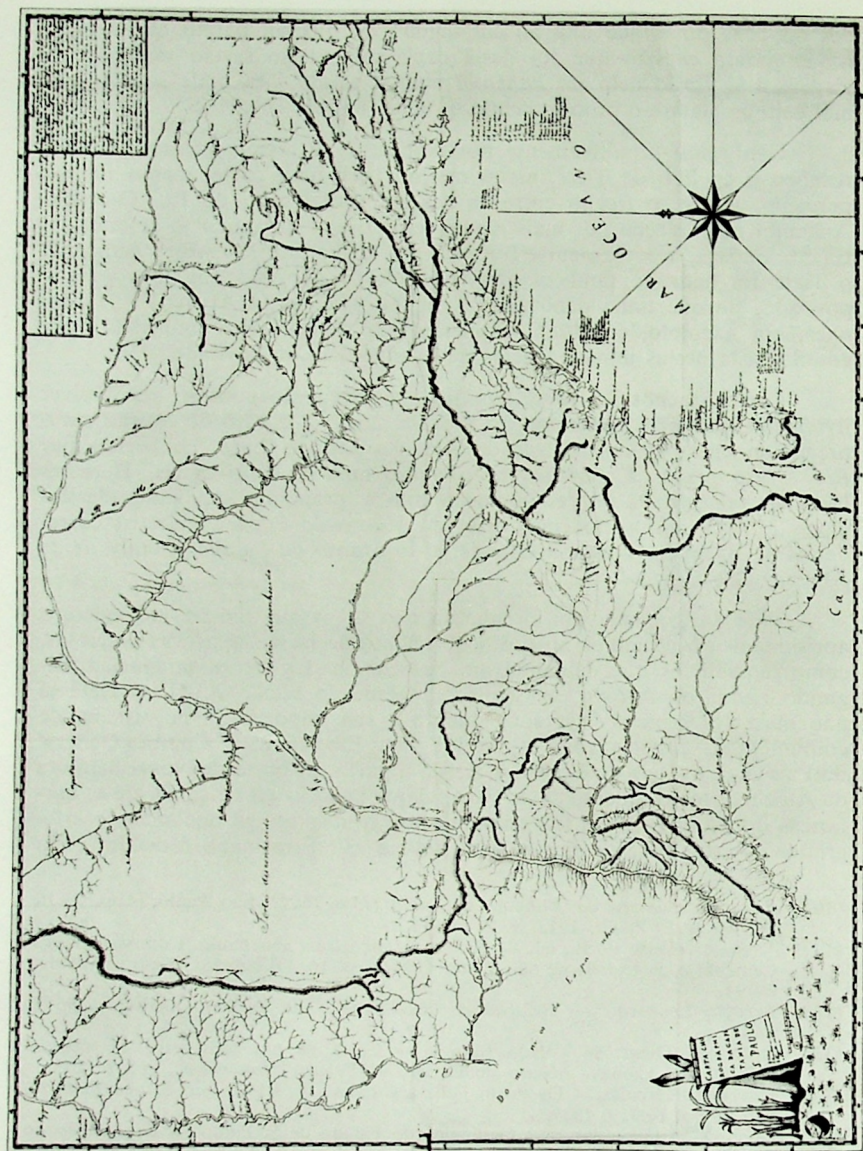
(13) Ordonhes, Diogo de Toledo Lara e — Carta de um passageiro de monção (1785). In: Taunay, Afonso de E., ed. — *Relatos Monçoeiros*, cit., p. 205.

(14) Florence, Hércules — De Porto Feliz a Cuiabá. . . . *Revista do Museu Paulista*, São Paulo, 16:919, 1929.

(15) Comissão Geographica e Geologica do Estado de S. Paulo — *Exploração do Rio Tietê*. . . , cit., p. 2.

(16) Arroyo, Leonardo — *Relação do Rio Tietê*, cit., p. 19.

(17) Taunay, Afonso de E. — *História das Bandeiras Paulistas*. 2.^a ed. (São Paulo), Melhoramentos (1961), t. 2, p. 110.



“Carta Corográfica da Capitania de São Paulo (1793), atribuída a João da Costa Ferreira”, in Taunay, Afonso de E. — *Coletânea de Mapas da Cartografia Paulista Antiga*, São Paulo, Companhia Melhoramentos de São Paulo, 1922.

inestimável, sobretudo para os estudos de natureza toponímica, uma vez que fornece elementos para a reconstituição histórica de vários topônimos da região.

A utilização desta via fluvial como caminho de penetração, se foi apenas esporádica no início da colonização, generalizou-se. Teve a sua navegação aperfeiçoada somente no século XVIII, quando, graças à descoberta do ouro em Mato Grosso, foi necessário estabelecer um contato regular com aquela região⁽¹⁸⁾. A partir de então, o Tietê passou de via de penetração “para a devassa de terras e preia de índio em via comercial e militar”, segundo Taunay⁽¹⁹⁾. Passou a ser o palco das monções, isto é, de expedições fluviais que, a partir de Ararituaba — hoje, Porto Feliz — demandavam as terras matogrossenses para as quais levavam víveres e das quais traziam o ouro e o diamante. O risco dessas empresas era tal, que em geral eram realizadas em grandes comboios com o fito de obter maior segurança.

O autor da Notícia 7.^a Prática dizia ser o tempo mais conveniente para as monções aquele entre os dias 20 de maio e 13 de junho, para evitar “de ter contra si as correntes dos rios, e suas enchentes, nas quais se tem perdido muita gente”⁽²⁰⁾.

As viagens eram realizadas das 8h às 17h, pois o nevoeiro que envolvia o rio fora desse horário impedia a sua ampliação⁽²¹⁾. De acordo com Juzarte, o nevoeiro era por vezes tão intenso, que só se dissipava ao meio-dia. Por outro lado, dizia, o pouco que era feito à tarde, o era antes que o Sol se pusesse, “para haver tempo de se arrancharem, cearem, e cozinharemos o que no outro dia se há (*sic*) de comer”⁽²²⁾. Com referência a este assunto, o autor da Notícia 6.^a Prática assim se expressou: “e por estas pedras e madeiros, que também têm atraveçados (*sic*) nos canais, obriga a se navegar só de dia e depois de dissiparem os nevoeiros por se não virarem as canoas, porque ainda que a gente se salve, sempre o mantimento se perde e se molha a pólvora e sem uma e outra coisa se fica exposto a perecer de todo, por ser este sertão muito afastado do povoado e com uma única roça que se fez a pouco tempo em Pitamduva (?) (*sic*), e o rio pouco abundante de peixe o e o mais é que chegam brancos e negros aos poucos (?) e ranchos tão cansados que apenas lhes lembra o

(18) Hollanda, Sérgio Buarque de — *Monções*. Rio de Janeiro, Casa do Estudante do Brasil, 1945, p. 123 (Coleção Estudos Brasileiros).

(19) Taunay, Afonso de E. — *História das Bandeiras Paulistas*, cit., p. 113.

(20) Barros, Manuel de — Notícia 7.^a Prática... In: Taunay, Afonso de E., ed. — *Relatos Monçoeiros*, cit., p. 141.

(21) Hollanda, Sérgio Buarque de — *Monções*, cit., p. 185.

(22) Juzarte, Theotônio José — *Diário da Navegação do Rio Tietê*, Rio Grande Paraná e Rio Guatemi... In: Taunay, Afonso de E., ed. — *Relatos Monçoeiros*, cit., p. 219.

comer, além de suportar neste rio um excessivo calor de dia e um demasiado frio de noite com uma perseguição de mosquitos que os não deixa dormir nem descansar”⁽²³⁾.

Como alimentos básicos os viajantes levavam feijão, toucinho e farinha de milho ou mandioca. No caminho, aproveitavam a caça e a pesca que conseguiam⁽²⁴⁾. Muitas vezes as viagens chegavam a ser adiadas por algum tempo à espera dos mantimentos que deveriam ser levados. Assim, por exemplo, Azambuja declarava que, ao chegar em Araritaguaba, fora necessário esperar um tanto para “dar lugar a que crescesse o milho e o feijão, e se fizessem as farinhas e toucinhos”⁽²⁵⁾. Esses alimentos eram acondicionados em sacos de anagem, com exceção do toucinho, que era colocado em jacás com capacidade de 3 a 4 arrobas⁽²⁶⁾. A distribuição era feita não só entre as embarcações especialmente designadas para o transporte de cargas, como também entre as demais, tanto assim que “nas dos soldados, sem embargo de levar cada uma vinte e tantos homens, fora remeiros, e pilotos, se meteram os cunhetes de bala e pederneira, e a roupa precisa para o caminho, rede e mosquitoireiro⁽²⁷⁾ de cada soldado /.../ havendo algumas que chegaram a levar noventa sacos de mantimentos, e trinta e tantas cargas de barris e frasqueiras /.../ sempre vos há de fazer dificuldade que em tão pouco se acomodasse o mantimento que haviam de gastar 190 homens em 5 meses, o que procede constar esta de feijão, farinha e toucinho, e algumas galinhas só para os doentes de maior perigo. Ainda para a minha mesa este era o fundamento, porque o mais que levava de paios, presuntos, biscoitos e carne de vinha d’alhos, era à proporção do que as canoas podiam, e não do que era preciso”⁽²⁸⁾.

Algumas canoas seguiam à frente para procederem à caça e à pesca necessárias⁽²⁹⁾. Aliás, a abundância de caça e a piscosidade de certos trechos do Tietê e de seus afluentes explica o grande número de topônimos ligados a representantes da nossa fauna existentes na região. Ordonhes dizia em seu relato: “no último Salto do Tietê pesca-se (*sic*) tanto peixe e de tanta variedade, e grandeza tão enormes, que causava admiração: Era

(23) Rebello, Gervásio Leite — Notícia 6.^a Prática... In: Taunay, Afonso de E., ed. — *Relatos Monçoeiros*, cit., p. 103.

(24) Hollanda, Sérgio Buarque de — *Monções*, cit., p. 156.

(25) Azambuja, Conde (Antonio Rolim de Moura) — *Relação de viagem*... In: Taunay, Afonso de E., ed. — *Relatos Monçoeiros*, cit., p. 194.

(26) Hollanda, Sérgio Buarque de — *Monções*, cit., p. 194.

(27) Sobre os mosquitoireiros, esclarecia Azambuja, era “uma cobertura de linhagem, ou de outra droga leve, a qual lançam por cima de uma corda, que prendem aos mesmos paus, a que atam a rede, por cima dela dois palmos (...). Quando chove cobrem esta máquina com uma baeta singela, da largura que baste para alcançar alguma coisa mais abaixo da altura em que a rede fica, depois de seu dono deitado nela. É incrível que isto resiste, ainda nas maiores chuvas do que eu não me podia capacitar enquanto o não vi” (Azambuja, Conde — Antonio Rolim de Moura — *Relação de viagem*..., cit., p. 186).

(28) *Idem*, pp. 185-186.

(29) *Idem*, p. 186.

deitar o anzol e logo físgavam, ficaram as praias cheias de peixes por não haver quem os quisesse, o que até os pretos enjoavam”⁽³⁰⁾.

As refeições eram preparadas à noite. Segundo Juzarte, “porque se não (*sic*) pode acender fogo ao jantar se come (*sic*) frio o feijão que ontem se cozinhou”⁽³¹⁾.

Além dos obstáculos impostos pela natureza à navegabilidade do Tietê, os viajantes tiveram que enfrentar outros problemas, tais como as febres, a fome, os naufrágios e os índios que, por vezes, exterminavam expedições inteiras⁽³²⁾, tendo se constituído em uma verdadeira aventura a navegação pelo Tietê. Todos os relatos ressaltam, sobremaneira, os perigos de que ela se revestia. Céspedes Xeria, a propósito das dificuldades de travessia em um dos saltos do Tietê, assim descreveu: “es un salto peligrosísimo (*sic*) donde sacamos de las canoas la Ropa y comida por cima de peñascos y corrientes mas de media legua y adviertase que des de el salto grande de abayandava hasta aqueste de ytapira todo es grandissimas corrientes, peñascos y Riscos por donde veniamos todos los dias desnudos y embujando para las canoas y teniendolas per que no se haziessem pedasos y otras veses echandolas alagua con palancas”⁽³³⁾. Por vezes era necessário descarregar totalmente as canoas; em algumas deixava-se o lastro e de outras eram tiradas apenas as cargas de cima, de acordo com as características apresentadas pelos obstáculos.

O fato é que, muito navegado durante todo o século XVIII, o antigo Anhembi começou a ser colocado de lado no início do século XIX. Para Sérgio Buarque de Holanda, a partir da Independência as viagens pelo Tietê se tornaram cada vez mais raras e chega a apontar os anos por volta de 1838, quando grassou um surto de febre tifóide, como o do seu abandono definitivo⁽³⁴⁾. Saint-Hilaire testemunhou, ao percorrê-lo na primeira metade do século XIX, o pouco uso que se fazia, então, do Tietê e informou: “se, por ocasião de minha viagem, o comércio havia abandonado a via fluvial /.../ o governo ainda da mesma se servia, algumas vezes, para transportar até Mato Grosso tropas e munições de guerra”⁽³⁵⁾.

Mello Nóbrega, citando Jacques Ourique, que refez a viagem das antigas monções, é de opinião que a última unidade militar em demanda a Mato Grosso desceu em 1858. Depois desta data apenas cientistas e

(30) Ordonhes, Diogo de Toledo Lara e — *Carta de um passageiro de monção*, cit., p. 207.

(31) Juzarte, Theotonio José — *Diário da Navegação*, cit., p. 219.

(32) Taunay, Afonso de E., ed. — *Relatos Monçoeiros*, cit., p. 10.

(33) Xeria, d. Luiz de Céspedes — *Carta do Capitão General Governador do Paraguay...* (1628). In: Taunay, Afonso de E., ed. — *Relatos Monçoeiros*, cit., p. 96.

(34) Holanda, Sérgio Buarque de — *Monções*, cit., p. 110.

(35) Saint-Hilaire, Auguste de — *Viagem à Província de São Paulo e resumo das viagens ao Brasil, Província Cisplatina e Missões do Paraguay*. São Paulo, Martins (1940), p. 70. (Biblioteca Histórica Brasileira, 2).

turistas se utilizaram dessa via de penetração. Com a criação das colônias militares de Avanhandava e Itapura houve um recrudescimento nas viagens pelo Tietê, mas, segundo Nóbrega, não corresponderam à expectativa. Assim, com o término do posto militar de Itapura encerrou-se a navegação pelo antigo Anhembí. O que permaneceu foi um trânsito de caráter comercial nos trechos de maior navegabilidade⁽³⁶⁾.

No século XIX, tanto na esfera provincial como na imperial, encontramos dispositivos legais concedendo favores especiais aos que se interessassem em desenvolvê-la. Assim, de acordo com a Lei n.º 79, de 22 de abril de 1873, o governo provincial ficava autorizado a conceder um privilégio exclusivo a quem se interessasse pela navegação a vapor do rio Tietê e do rio Piracicaba, desde a colônia de Avanhandava até a cidade de Constituição⁽³⁷⁾. Através do Decreto n.º 5.290, de 24 de maio do mesmo ano, o governo imperial concedia ao senador Francisco Antonio de Souza Queiroz e a João Luiz Germano Bruhus o privilégio do estabelecimento da navegação a vapor nos rios Tietê e Piracicaba por 30 anos⁽³⁸⁾. Segundo Nóbrega, o incipiente tráfego fluvial teve a sua morte ligada por um lado à própria natureza, que limitou a alguns trechos apenas a navegação, e por outro à concorrência feita pelas estradas de ferro, com o que a navegação do rio foi preterida⁽³⁹⁾.

Com os progressos da ciência e da tecnologia modernas, as águas do Tietê passaram a ter um novo significado, dado o potencial energético que encerram. O engenheiro Lysandro Pereira da Silva, da Comissão de Melhoramentos do Rio Tietê, em relatório apresentado em 1950, ressaltou a importância do papel desempenhado pelo engenheiro Asa White Kenney Billings ao conceber as grandiosas obras de represamento das águas das bacias do Tietê e do Pinheiros para o aproveitamento da energia elétrica⁽⁴⁰⁾.

Lefèvre, em 1947, informava que, naquela altura, a bacia do Tietê já fornecia 171.800 K.V.A., através de suas 56 usinas hidrelétricas. Suas águas, porém, ainda continuavam sendo pouco exploradas no sentido de transporte, pois, segundo ele, praticamente não havia movimento de mercadorias, com exceção daquele que barcaças de madeira faziam com os materiais de construção nas vizinhanças da cidade de São Paulo⁽⁴¹⁾.

(36) Nóbrega, Mello — *História de um rio (O Tietê)*. São Paulo, Martins (1948), p. 75.

(37) *Repertório das Leis Promulgadas pela Assembléia Legislativa da Província de S. Paulo desde 1835 até 1875*. São Paulo, Typ. Correio Paulistano, 1877, p. 899.

(38) *Collecção das Leis do Império do Brasil de 1873*. Rio de Janeiro, Typ. Nacional, 1874, t. 36, 2.ª parte, v. 1, p. 408.

(39) Nóbrega, Mello — *História de um rio, cit.*, p. 79.

(40) Comissão de Melhoramentos do Rio Tietê — *Relatório apresentado pelo engenheiro Lysandro Pereira da Silva...* São Paulo, Prefeitura do Município de São Paulo, 1950, p. 8.

(41) Lefèvre, Valdemar — *Aspectos Geográficos do Estado de S. Paulo, cit.*, p. 253.

Atualmente, o transporte fluvial representa uma grande economia e os países mais adiantados do mundo têm atestado esta afirmativa. Isto explica o empenho que ultimamente se verifica nas esferas governamentais, tanto federais como estaduais, em transformar o Tietê numa hidrovia, sobretudo para explorar a navegação industrial. Em 1967 foi criado o CENAT — Comissão Executiva de Navegação do Sistema Tietê-Paraná⁽⁴²⁾. Completa, a hidrovia contará com 1.400 km, o que possibilitará que mais de 100 municípios dos vales do Tietê e do Paraná se beneficiem desse meio de comunicação⁽⁴³⁾. Está projetada ao longo do Tietê uma série de obras: barragens, eclusas, obras de drenagem e de saneamento, etc., bem como a retificação do mesmo em decorrência da grande necessidade de urbanizar a várzea do rio na porção em que ele atravessa a cidade de São Paulo⁽⁴⁴⁾.

Hoje, como ontem, o Tietê vem merecendo a atenção de cientistas, viajantes e cartógrafos. Poucos dos nossos cursos d'água contam com tão abundante bibliografia. Mesmo assim, o estudo toponímico desse rio tem o caráter de ineditismo, uma vez que os estudiosos ainda não compreenderam ou não querem compreender a sua importância. Concordamos com Emmanuel De Martonne quando afirma: "Le cours d'eau lui-même attire l'attention, comme un objet d'étude plus vivant qu'aucun autre phénomène de géographie physique"⁽⁴⁵⁾.

(42) *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 4/XII/70.

(43) *Idem*, 5/XII/70.

(44) Comissão de Melhoramentos do Rio Tietê — *Relatório apresentado...* cit., p. 1.

(45) Martonne, Emmanuel De — *Traité de Géographie Physique*. Paris, Armand Colin, 1948, t. 1, p. 449.

Batizado de *Anhembi* pelos índios, assim foi registrado o Tietê nos documentos mais antigos. Tempo houve em que as duas denominações coexistiram. Manuel de Barros, no início do século XVIII, assim se expressou: "Este rio de Itu, quando passa por S. Paulo, e desce até o grande salto, que faz na mesma Vila de Itu, se chama Tietê, daí para baixo o Anhembi, que vale o mesmo que Madre do Rio"⁽⁴⁶⁾. Esta interpretação dada ao topônimo é completamente diversa das demais encontradas no decorrer das pesquisas, pois, apesar dos autores não serem unânimes em sua tradução, encontram em representantes de nossa fauna a origem do vocábulo. Ao contrário, vejamos:

Para Céspedes Xeria, *Ayembi* significa "Rio de unas aves añimas"⁽⁴⁷⁾. *Añima* ou *anhuma* é uma ave da família dos Anhímidas (*Anhima cornuta*), também conhecida por inhuma, cametau, camixi, unicorne e, na Amazônia, por alicorne⁽⁴⁸⁾. Aliás, José de Anchieta, em carta datada de 1560, já se referia a esta ave brasileira⁽⁴⁹⁾.

Leonardo Arroyo é de opinião que o topônimo em questão deriva dessa ave que, segundo ele, teve grande importância na medicina da época⁽⁵⁰⁾.

Na verdade, a presença delas ao longo do rio foi atestada da seguinte forma: "Tambem ha no mesmo rio humas Aves, chamadas Anhumas de muita estimação, pois tem unicornio na cabeça dehu gemio decomprido, e fino, que hé degrande virtude para contra venenos além deste unicornio tem mais dois nos encontros das azas: Estas Aves são quaze do tamanho do piru, com a cor preta: a sua criação eassistencia ha nas alagoas, e por isso muy difficil deos apanhar"⁽⁵¹⁾. Portanto, é bem provável que exista tal conotação. Ribeiro Neto também opinou a favor de que o termo signifique "Rio das Anhumas ou dos pássaros pretos"⁽⁵²⁾.

Sérgio Buarque de Hollanda, em seu trabalho *Caminhos e Fronteiras*, faz referência ao fato de os cronistas e viajantes fazerem alusões freqüentes

(46) Barros, Manuel de — Notícia 7.^a Prática... In: Taunay, Afonso de E., ed. — *Relatos Monçoeiros*, cit., p. 141.

(47) Xeria, Luiz de Céspedes — Carta do Capitão General... In: Taunay, Afonso de E., ed. — *Relatos Monçoeiros*, cit., p. 97.

(48) Ferreira, Aurélio Buarque de Hollanda — *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira (1961).

(49) Leite, Serafim — *Monumenta Brasiliae* (1558-1563). Roma, "Monumenta Historica Societatis Iesu", 1958, v. 3, p. 231.

(50) Arroyo, Leonardo — *Relação do Rio Tietê*, cit., p. 56.

(51) Divertimento admirável para historiadores... *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 77 (2.^a Parte): 134, 1914.

(52) Ribeiro Neto, Oliveira — O Porto Feliz do Tietê. *Revista do Arquivo Municipal*. São Paulo, 176:193, 1969.

a essa ave, bem como “ao espanto que causava no europeu, com seu unicórnio frontal, os esporões das asas, os pés desproporcionadamente grandes e o grito, que, segundo Anchieta, fazia pensar num burro zurrando. De sua abundância no sertão da capitania de Martim Afonso há testemunhos antigos e numerosos. A própria designação primitiva do Tietê já é indício dessa abundância, pois Anhembi quer dizer rio das anhumas, ou das anhimas /.../. Se hoje seu número se acha consideravelmente diminuído, devêmo-lo, talvez, em parte, à perseguição que desde remotas eras lhes movem os caboclos, empenhados em buscar remédio ou preservativo para toda a sorte de males. Especialmente do unicórnio, mas também dos esporões, e até dos ossos, em particular dos ossos da perna esquerda, faziam-se amuletos e mezinhas contra ramos de ar, estupor, mau-olhado, envenenamento, mordeduras de animais /.../. Era costume, em toda a província de Goiás, levarem de crianças um desses amuletos atados ao pescoço, com o que se livrariam de qualquer moléstia ou acidente”⁽⁵³⁾.

Em Toponímia Brasília, a interpretação dada foi: “rio das perdi-
zes”⁽⁵⁴⁾. Por perdiz é conhecida uma ave da família dos Tinâmidos (*Rhynchotus rufescus*)⁽⁵⁵⁾.

Taunay, ao tomar a versão de Xeria como verdadeira, ponderou que o fato de ele ter vivido entre os guaranis (1628-57), fazia dele uma autoridade⁽⁵⁶⁾.

Afonso de Freitas, não vendo que relação possa haver entre um curso fluvial e a ave *enambu*, que nem mesmo é aquática, toma o termo *Anhembi* como corruptela de *anhang-y*, isto é, rio de veado. Ao estudar o vocábulo *anhang*, explica ser a contração de *anhan* (correr) e *anga* (alma, espírito, gênio). Como os tupi-guarani consideravam o duende um protetor da caça ou o gênio que corre, a simbologia recaía sobre o veado, dada a sua fama de mais ágil e veloz da fauna brasileira⁽⁵⁷⁾.

Para o autor, o rio teria recebido esta denominação em função do grande número desses animais que afluíam às várzeas do Tietê em busca de pastagens.

O termo Anhembi recebeu diferentes grafias através dos tempos. Mello Nóbrega menciona, em sua obra, nada menos que 12 variantes encontradas na documentação dos três primeiros séculos. A saber: *Agembi*, *Aiembi*, *Anemby*, *Aniemi*, *Anhambi*, *Anhebi*, *Anhebig*, *Anhembu*, *Iniambi*,

(53) Hollanda, Sérgio Buarque de — *Caminhos e Fronteiras*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1957, p. 96 (Col. Documentos Brasileiros, 89).

(54) Departamento de Estatística do Estado de São Paulo — *Toponímia Brasília* (cidades e vilas paulistas). São Paulo, 1952 (Divisão de Estatísticas Físicas, Sociais e Culturais).

(55) Ferreira, Aurélio Buarque de Hollanda — *Pequeno Dicionário*..., cit..

(56) Taunay, Afonso de E., ed. — *Relatos Monçoeiros*, cit., p. 17.

(57) Freitas, Afonso A. de — *Diccionario historico, topographico, ethnographico* (...), cit., pp. 174, 176 e 185.

Inhambi, Inhembi e Niembi⁽⁵⁸⁾, sem contar, dizia o autor, com as alterações decorrentes da “fantasia e da ignorância dos escribas do tempo”.

Segundo Theodoro Sampaio, a forma *Anhembi* é a mais correta e pode ser identificada com “a palavra *Inhamby*, às vezes pronunciada *Inhambú*, com a qual se designa a perdiz, ave gallinacea, outr’ora abundante nos campos de Piratininga ou de cima da Serra”⁽⁵⁹⁾.

Enfim, a denominação Anhembi perdurou por muitos anos. Com o passar do tempo, o topônimo Tietê se impôs, inicialmente a um trecho do curso fluvial, como tivemos a oportunidade de assinalar, e por fim englobando todo o rio. Muito embora o topônimo já fosse de uso corrente, cartograficamente ele foi registrado pela primeira vez em 1748 no mapa D’Anville⁽⁶⁰⁾. Com relação a este termo, os tupinólogos também não são unânimes.

José Gonçalves Fonseca, no século XVIII, explicava que o topônimo Tietê tem sua origem numa ave muito comum às suas margens que, segundo ele, assemelha-se a pintassilgos, porém mais “vistosos”, e que são conhecidos por tétês⁽⁶¹⁾.

Quanto à origem e o significado do topônimo Tietê, Theodoro Sampaio levantou duas hipóteses. A primeira é que seria o produto de *tiê-etê*, isto é, *tiê* verdadeiro. *Tiê* é a voz onomatopáica das aves da família traupidas, das quais são conhecidos os *Tiêpiranga* ou *Tapiranga*, *Tiê-sangue* ou *Sangue-de-boi*, dada a sua coloração vermelha e o *Tiê-juba*, de corpo amarelo, asas verdes e bico preto. A segunda, é que seria o produto de *ty-etê*, isto é, rio bastante fundo, rio verdadeiro, rio considerável. Visto que *ty* ou *ti* significa a água, o líquido, o vapor. Daí *ti-etê* corresponder à água ou corrente verdadeira, volumosa. Para Theodoro Sampaio esta segunda suposição tem sua razão de ser, uma vez que era “o primeiro curso de água considerável que encontrava o forasteiro” ao se embrenhar pelo sertão⁽⁶²⁾.

Por outro lado, Plínio Ayrosa, ao dar seu parecer sobre o topônimo Tietê, em 1929, no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, opinou que, apesar de etimologicamente significar rio grande, legítimo ou privilegiado, acreditava que “o nome Tietê não era indígena, mas dado pelos portugueses”, mesmo porque, no seu entender, nem pelo seu volume, nem

(58) Nóbrega, Mello — *História de um rio (O Tietê)*, cit., pp. 45, 46.

(59) Sampaio, Theodoro — *O Tupi na Geografia Nacional*. 4.^a ed. (Salvador) Câmara Municipal, 1955, p. 157.

(60) Nóbrega, Mello — *História de um rio*, cit., p. 48.

(61) Fonseca, José Gonçalves — Notícia da situação de Mato-Grosso e Cuiabá: Estado de uma e outras minas e novos descobrimentos de ouro e diamantes. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 29 (1.^a Parte) :384, 1866.

(62) Sampaio, Theodoro — *O Tupi na Geografia Nacional*. 4.^a ed. (Salvador) Câmara Municipal, 1955, pp. 114, 289.

pela comparação com outros cursos d'água, os índios seriam levados a atribuir-lhe tal qualificativo⁽⁶³⁾.

A divergência entre os estudiosos se verifica não só no campo da interpretação, como também da grafia do topônimo. Dacio Pires Correia, em artigo publicado na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, defendeu seu ponto de vista segundo o qual a grafia correta é *Tietê* e não *Tieté*, como querem alguns. Para tal tomada de posição, apresentou as seguintes razões: "não só porque é a acentuação adotada por todos os indigenistas consultados (excepto João Mendes), como também por ser a única que não se divorcia da correta pronúncia"⁽⁶⁴⁾. O fato é que ambas as formas, *Tietê* e *Tieté*, foram empregadas na documentação do século XVIII, como muito bem demonstra Mello Nóbrega⁽⁶⁵⁾ em sua obra. Para Taunay, o dimorfismo *Tietê*—*Tieté* "provém sobretudo /.../ das inscrições cartográficas e das referências corográficas que induzem, geralmente, as pessoas estranhas ao meio paulista ao emprego do *e* agudo quando os ribeirinhos do caudal e os paulistas em enorme maioria pronunciam o *e* circunflexado"⁽⁶⁶⁾.

(63) Ata da 3.^a sessão regimental de 1929 (...) *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, São Paulo, 35:333, 1938.

(64) Correia, Dacio Pires — *Tietê ou Tieté*. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, São Paulo, 23:294, 1925.

(65) Nóbrega, Mello — *História de um rio*, cit., p. 48.

(66) Taunay, Afonso de E., ed. — *Relatos Monçoeiros*, cit., p. 17.

LEVANTAMENTO DOS TOPÔNIMOS DA REGIÃO DO TIETÊ

Tal levantamento foi realizado não só através de documentos cartográficos, mas também pela leitura de diários e relatos de viagem. Faremos a relação apenas daqueles referentes ao documento cartográfico mais antigo e àquele que, quando da elaboração de trabalho, em 1962, era dos mais recentes.

MAPA DE LUIZ DE CÉSPEDES XERIA (1628)

Ayemby	Mbagueariguien
Ytamiriguaçu	Yacarey (três vezes)
Mbey, rij	Piray
Rivera	Mbae, e y ry
Capibary	Camasiboca
Y, roy	Yacarepepi
Sarapoy	Rivera grande
Y, equacatu	

FOLHAS TOPOGRÁFICAS DO ESTADO DE SÃO PAULO (1954)

Afluentes da margem direita e outros acidentes:

Ribeirão do Alegre	Rio Verde
Rio Piraitinga	Ribeirão Vermelho
Córrego Lindeiro	Córrego Rico
Ribeirão Botujuru	Córrego Camargo
Córrego Volta Fria	Córrego Vermelho
Rio Jaguar	Córrego Garcia
Ribeirão Mandi	Córrego Barreiro
Ribeirão Perová	Córrego Pedroso
Córrego Pirati Mirim	Córrego Ponte Velha
Ribeirão da Botinha	Córrego do Pires
Córrego Picanço	Córrego do Morro dos Mateus
Córrego do Japonês	Rio Ponunduva
Córrego Fartura	Córrego do Caracol
Ribeirão dos Cubas	Córrego Santa Quitéria
Rio Guapira ou Cabuçu de Cima	Rio Jundiuvira
Rio Mandaqui	Córrego Bananal
Ribeirão Cabuçu de Baixo	Ribeirão Guaxatuba

Córrego Água Comprida
 Rio Cabriuva
 Ribeirão Itaguaí
 Córrego do Sítio do Buraco
 Rio Jundiá
 Córrego do Ajudante
 Cachoeira do Bispo
 Cachoeira Buru
 Cachoeira Atuaú
 Ribeirão Atuaú
 Cachoeira Itapocu
 Córrego Itapoçu
 Cachoeira Itapuá
 Cachoeira Caiacatinga
 Cachoeira Carambuí
 Ribeirão Eleutério
 Cachoeira Salvador
 Ribeirão Sete Fogões
 Cachoeira do Bujú
 Corredeira dos Pilões
 Corredeira do Matias
 Rio Capivary
 Ribeirão Capivary Mirim
 Ribeirão Pederneiras
 Corredeira do Rodado
 Ribeirão do Ponces
 Córrego das Flores
 Ribeirão Jibóia
 Corredeira Jataí
 Ribeirão dos Anhumas
 Ribeirão dos Patos
 Ribeirão dos Pintos
 Ribeirão Moquéim
 Ribeirão das Vacas
 Ribeirão Descascador
 Ribeirão Barreiro
 Ilha Tabatingüera
 Ilha Três Bocas
 Água da Fazenda Dois Córregos
 Ilha do Jaú
 Ilha Muitos Filhos
 Ilha Pedra de Ferro
 Rio Piracicaba
 Rio da Cruz
 Ribeirão Maurício Machado ou
 Ribeirão do Machado

Ilha do Arruda
 Ribeirão Água Vermelha
 Cachoeira Quebra Pote
 Ribeirão Três Barras
 Córrego do Banharão
 Córrego Barreirinho
 Córrego Severino
 Córrego Pau D'Alho
 Córrego Barra Bonita
 Córrego Itaipu
 Porto Corumbatá
 Córrego Iguatemi
 Córrego Santa Cruz
 Córrego das Araras
 Ribeirão Ave Maria
 Córrego Barra Mansa
 Córrego Campinho
 Água do Barreiro
 Córrego Bica da Pedra
 Ilha Bauru
 Ilha Baririzinho
 Rio Jaú
 Corredeira Bariri Grande
 Ribeirão da Queixada
 Córrego do Catingueiro
 Porto do Marco
 Ribeirão do Sapé
 Porto Piririca
 Ilha Congoinha
 Ilha Congonha
 Porto Florêncio
 Ilha Soturna
 Ribeirão Boa Vista de Cima
 Córrego Boa Vista de Baixo
 Córrego do Pontal
 Porto Umbelina
 Rio Jacaré Pepira
 Córrego Palmital
 Córrego Lagoa Seca
 Rio Jacaré Guaçu
 Córrego Laranja Azeda
 Córrego Lagoa dos Patos
 Água Santa Cândida
 Córrego São Joaquim
 Córrego Vamicanga
 Ilha do Vamicanga

Corredeira do Vamicanga
 Córrego Santa Maria
 Porto Monção
 Córrego das Palmeiras
 Corredeira do Tambaú
 Córrego Guararema
 Ilha do Tambaú ou Tamanduá
 Água do José Patrício
 Rio dos Porcos
 Corredeira do Jataizeiro
 Córrego da Onça
 Córrego da Laranja
 Córrego do Gato
 Ribeirão do Fugido
 Ribeirão Espírito Santo
 Córrego Escaramuça do Gato
 Córrego do Esteio Lavrado
 Ilha do Limoeiro
 Córrego Aparecida
 Ilha dos Passarinhos
 Ribeirão Três Pontas
 Rio Morto
 Rio Turvo
 Córrego do Barreiro
 Córrego Ponta Alta
 Córrego Fundo
 Ribeirão Cervo Grande
 Ribeirão do Cervinho
 Ribeirão Barra Mansa
 Córrego do Barreiro
 Ribeirão dos Bagres
 Ilha do Campo
 Porto Carvalho
 Rio da Fartura
 Porto Queixada
 Corredeira da Laje
 Ribeirão dos Pintos
 Córrego dos Cardoso
 Córrego Limeira
 Água Suja
 Ribeirão da Corredeira
 Córrego Guaçu
 Córrego da Embira
 Ribeirão dos Ferreiros ou
 das Oficinas
 Ribeirão São Jerônimo

Corredeira da Escaramuça
 Ribeirão Santa Bárbara
 Corredeira do Macuco
 Ribeirão Palmeiras
 Ribeirão Mato Grosso
 Porto Menezes
 Ribeirão Macaubas
 Corredeira do Aracanguá
 Ribeirão da Mata
 Ribeirão Lambari
 Salto das Cruzes
 Cachoeira das Cruzes
 Ribeirão das Cruzes ou Barreiro
 Canal do Inferno (trecho do Tietê)
 Corredeira Bacuri Mirim
 Corredeira Bacuri
 Córrego Bacuri Mirim
 Ribeirão do Barreiro
 Córrego do Osório
 Córrego Quinze de Novembro
 Córrego do Cateto
 Córrego Campestre
 Córrego da Mata
 Córrego Leopoldina
 Córrego Santíssimo
 Volta do Anzol (trecho do Tietê)
 Córrego Ponte Pensa
 Ilha Pirataraca
 Córrego Visconde de Parnaíba
 ou Laranja Azeda
 Córrego Pederneiras
 Córrego Anhumas
 Córrego Barra Bonita
 Córrego Sumido
 Córrego da Ilha Seca
 Ilha Seca
 Córrego Júlia Augusta
 Córrego Paraíso
 Córrego Julinha
 Córrego Itapura
 Córrego Itapura Mirim
 Salto do Itapura
 Corredeira Vai-Vém
 Ilha do Machado
 Canal Pequeno
 Ilha Grande

Afluentes da margem esquerda e outros acidentés:

Ribeirão do Pote	Córrego da Tábua
Ribeirão Biritiba Mirim	Ribeirão Itaqui
Córrego do Matadouro	Córrego Cruz das Almas
Ribeirão do Canudo	Ribeirão Mandiçununga
ou Água Baixa	Córrego da Estiva
Rio Jundiá	Córrego da Curva
Rio Taiaçupeba	Ribeirão dos Pilões
Córrego da Capela	Ribeirão Pau d'Alho
Ribeirão Una, Chico ou da Vargem	Rio Sorocaba
Rio Guaió	Ribeirão da Onça
Córrego da Chácara Bela Vista	Córrego Taquaranxi
Córrego Três Pontes	Ribeirão do Pará
Córrego Itaim	Rio das Conchas
Ribeirão do Lajeado	Rio do Peixe
Água Vermelha	Ilha das Flores
Rio Itaquera	Ribeirão dos Remédios ou Bonito
Ribeirão do Jacu	Ilha do Chapéu
Ribeirão Tiquatira	Corredeira do Chapéu
Ribeirão Aricanduva	Rio Alambari
Rio Tamanduatê	Córrego das Sete Garantãs
Rio Pinheiros	Ribeirão do Campo
Córrego Bossucaba	Córrego Fazenda Domingão
Córrego Guardinha	Rio Capivara
Córrego Tijuco Preto	Água da Fazenda Velha
Ribeirão Carapicuíba	Ilha da Barra
Córrego da Pedreira	Córrego do Cerrito
Rio Cotia	Córrego da Água Preta
Rio São João ou Barueri	Rio Araquá
Rio Cachoeira ou Nico da Barra	Rio Araquá Mirim
Rio Itaim	Ribeirão Banharão
Ribeirão Santo André	Córrego Saltinho
Córrego Jurumirim	Ribeirão Laranja Azeda
Córrego Itaquiri	Córrego do Bosque
Rio Cavetá	Córrego Monjolo
Rio Araçariguama	Água da Mina
Ribeirão do Colégio	Ribeirão das Possas
Rio Sussuau de Cima	Rio Lençóis
Rio Pirapitingui	Água do Tucum
Córrego Guaraú	Córrego Bocaiúva
Córrego Frio	Córrego Laranja Azeda
Rio Itaim Guaçu	Ribeirão dos Patos
Córrego Itapeva	Ribeirão Pederneiras
Ribeirão Ponunduva	Córrego Grande
Ribeirão Caiacatinga	Rio Bauru
Rio AVECUIA	Córrego Anhumas

Água do Matão
 Córrego do Monte Alegre
 Ribeirão Taquaral
 Ribeirão Água Limpa
 Córrego Alambari
 Ribeirão do Veado
 Ribeirão Bonito
 Ribeirão Soturna
 Córrego Santa Clara
 Córrego Floresta
 Ilha do Corvo Branco
 Córrego do Corvo Branco
 Córrego do Garcia
 Córrego da Anta
 Rio Claro
 Córrego Santa Amélia
 Ribeirãozinho
 Córrego Arrebenta Rabicho
 Água do Inferninho
 Córrego Varação
 Água da Bomba
 Ribeirão da Monção
 Água do Mucuri
 Córrego Grotão
 Ribeirão Doce
 Córrego Jacutinga
 Ilha da Onça
 Ilha do Gato
 Porto Nicolau
 Rio Batalha
 Córrego Esgoto Grande
 Córrego do Esteio Lavrado
 Ribeirão Sucuri
 Corredeira do Arranca Rabo
 Porto Ferrão Onça
 Córrego da Onça
 Ribeirão do Cervão
 Córrego do Relógio Queimado
 Córrego do Meio
 Córrego do Macuco
 Córrego Bom Sucesso
 Córrego Mariana
 Córrego Santa Cruz
 Córrego Esgotão
 Água Sumida
 Córrego Baía Nova
 Córrego Tupi

Rio Dourado
 Corredeira da Laje
 Ribeirão dos Patos
 Aguinha das Minas
 Córrego dos Patinhos
 Ribeirão do Farelo
 Córrego Barbozinha
 Lagoa Preta
 Salto Avanhandava
 Córrego Sapezinho
 Córrego do Sapé
 Ribeirão Lajeado
 Córrego das Congonhas
 Porto Machado
 Córrego Seco
 Córrego dos Baixotes
 Córrego Quinze de Novembro
 Porto Marcos Pereira
 Córrego dos Goulart
 Ribeirão Baguaçu
 Porto Sarjobe
 Córrego Machado de Melo
 Córrego dos Espanhóis
 Porto Pio Prado
 Córrego das Êguas
 Ribeirão Azul
 Córrego Aracanguá ou
 Aracanguá Mirim
 Córrego das Cinzas
 Córrego Anhangai
 Ribeirão Jacarecatinga ou Água Parada
 Córrego Jacarezinho
 Ribeirão Água Fria
 Córrego P. Sales
 Córrego Quintino Bocaiúva
 Córrego Prudente de Moraes
 Ribeirão do Cotovelo
 Córrego dos Patos
 Córrego Lussanvira
 Ribeirão Travessa Grande
 Córrego Ilha Seca
 Córrego Macaé
 Córrego Três Irmãos ou Iguatemi
 Córrego Timboré
 Ribeirão Anhumas
 Córrego Itapura Mirim
 Pontal do Rio Tietê

ABAREMANDUAVA — Este topônimo foi citado pelo autor da Notícia 7.^a Prática de data ignorada (10 — Barros, Manuel de: 142). O primeiro documento datado que o registrou foi o roteiro de viagem de Palácio de 1726 (65 — Palácio, Francisco: 5), seguido por Azambuja, em 1751 (7 — Azambuja, conde — Antonio Rolim de Moura: 187); foi citado por Juzarte, em 1769 (44 — Juzarte, Theotonio José: 224, 240); em 1783, por um viajante que percorreu a região (26 — *Divertimento admirável*: 136) e, no nosso século, por Freitas, em 1906 (37 — Freitas, Affonso A. de: 23). Estes registros foram feitos sob formas as mais diversas: *Abaremanduaba*, *Abaremanduava-Açu*, *Avaremanduaba*, *Abaramanduaba*, *Avarémanduava*, *Averemanduava* e *Avarémunduabussu*. O primeiro documento que o registrou dava para o topônimo o seguinte significado: “Abaremanduaba, por cair nela o venerável Padre José de Anchieta e ser achado dos índios debaixo da água, rezando no Breviário”. Esta explicação foi dada, em outros termos, mas sempre com o mesmo fundo histórico, pelos diferentes autores. Theodoro Sampaio (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário) esclarece que a grafia correta é *Abaremandoava*, vindo de *abará-mandoava*, isto é, a memória ou recordação do padre, pois *abará* vem a ser o mesmo que *avaré*, padre, missionário, enquanto que *maenduaba* significa lembrança.

ACAMBUY — Um afluente à margem direita do Tietê, com este nome, foi citado por Freitas em sua obra de 1906 (37 — Freitas, Affonso A. de: 24). Provavelmente o mesmo que *cambuí*, árvore da família das Mirtáceas (*Myrcia sphaerocarpa*) (31 — Ferreira, Aurélio Buarque de Hollanda: dicionário).

ACANGUERA — Duas cachoeiras — *Acanguera* e *Acangueramirim* — foram citadas por Palácio em seu roteiro de viagem de 1726 (65 — Palácio, Francisco: 5). Um viajante que percorreu a região em 1783, anotou em seu relato as cachoeiras: *Acangueruçu* e *Acanguemirim* (26 — *Divertimento admirável*: 125-156). O topônimo foi registrado também por Freitas em 1906: cachoeira *Acanguera* (37 — Freitas, Affonso A. de: 23). A margem do manuscrito de Palácio foi anotado, com relação a *Acanguera*, que a denominação fora dada por ter sido ali

(67) Neste capítulo, as citações bibliográficas foram abreviadas da seguinte forma: 1.º) número que a obra recebeu na bibliografia apresentada no final do trabalho; 2.º) nome do autor ou título do trabalho; 3.º) número das páginas.

encontrada uma caveira. Theodoro Sampaio explica que *acanguera* ou *acanuera* é o produto de *acã-uera*, isto é, o crânio, a caveira (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário). Outro significado provável para o vocábulo seria: cabeça separada do corpo.

ÁGUA — A partir de 1905, topônimos compostos com este substantivo se multiplicaram nos documentos. No trabalho da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de São Paulo, de 1905, encontramos o registro dos ribeirões: *Água Parada* e *Água Fria* (18 — Comissão Geográfica e Geológica do Estado de São Paulo (CGG): 4, 7). Freitas também citou um afluente da margem esquerda do Tietê por nome *Água Branca* (37 — Freitas, Affonso A. de: 23). Nas Folhas Topográficas (43 — Instituto Geográfico e Geológico do Estado de São Paulo (IGG): S. José do Rio Preto, Araçatuba, São Paulo, Bauru), os exemplos se multiplicaram: córrego *Água Comprida*, ribeirão *Água Vermelha*, córrego *Água Preta*, ribeirão *Água Limpa*. Em outros casos, o termo indica um acidente geográfico, segundo nos parece, uma vez que não vem acompanhado de nenhuma outra indicação; a saber: *Água da Fazenda Dois Córregos*, *Água Santa Cândida*, *Água do José Patrício*, *Água Suja*, *Água Baixa*, *Água Vermelha*, *Água da Mina*, *Água do Matão*, *Água do Inferninho*, *Água Sumida*, *Água Parada*, *Água Fria*, *Água Grande*, *Água Branca*, *Água da Barrinha da Figueira*, *Água da Pedra*, *Água da Fazenda Velha*, *Água do Barreiro*, *Agüinha das Minas* e *Água da Bomba*. O significado destas expressões é evidente. Em todos os casos, o que se nota é uma simples caracterização do tipo de água. Fora estes exemplos, temos ainda a assinalar: *Água do Tucum* (sendo que *tucum* corresponde a uma espécie de palmeira — *Baetris setosa* — que fornece fibras de ótima qualidade), *Água do Muriti* (sendo que *muriti* vem a ser o mesmo que *buriti*, espécie de palmeira encontrada desde o Pará até São Paulo, a *Mauritia vinifera*, também conhecida por *buritizeiro*, *muriti*, *muritim*, *muruti* e *pissandó*) (31 — Ferreira, Aurélio Buarque de Hollanda: dicionário) e *Água do Mucuri* (por *mucuri* é conhecida uma árvore da família Clusiáceas, a *Platonia insignis*. O termo, segundo Antenor Nascentes, vem do tupi: *moku'ri*, o apetecido (58 — Nascentes, Antenor: dicionário).

AJUDANTE — As Folhas Topográficas (43 — IGG: São Paulo) registraram este topônimo em 1954, dando nome a um córrego.

ALAMBARI — Freitas, em 1906, citou um afluente da margem esquerda do rio Tietê com este nome (37 — Freitas, Affonso A. de:

23). Um córrego e um rio, afluentes da referida margem do Tietê, foram registrados em 1954 nas Folhas Topográficas (43 — IGG: Bauru). O termo vem do tupi *arabé* (barata) — *araberi* (baratinha). Por *lambari* ou *alambari* são conhecidas diversas espécies de peixe de rio da família dos Carácidas (31 — Ferreira, Aurélio Buarque de Hollanda: dicionário).

ALEGRE — Em 1954 as Folhas Topográficas (43 — IGG: Taubaté) registraram o topônimo junto a um ribeirão.

ANA PERES — Palácio, em seu roteiro de 1726, anotou a existência de uma ilha com esta denominação (65 — Palácio, Francisco: 8). A explicação dada à margem do texto para o topônimo foi: “Por nella Seemborcar huà molher deste nome”.

ANHANDAIM — Cachoeiras com este nome foram registradas no mapa de Müller sob as formas: *Anhadaim* e *Anhadaim-mirim* em 1837 (57 — Müller, Daniel Pedro: mapa).

ANHANGAI — O termo foi registrado unicamente em 1954, na bibliografia por nós consultada, ligado a um córrego (43 — IGG: Araçatuba). Theodoro Sampaio (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário) explica: *anhanga-y*, a água ou rio do diabo.

ANHUMAS — Um ribeirão e um córrego à margem direita e outro à margem esquerda do rio Tietê levam este nome, segundo o registro feito em 1954 nas Folhas Topográficas (43 — IGG: Bauru, Araçatuba, Campinas). Para o padre A. Lemos Barbosa (9 — Barbosa, A. Lemos: vocabulário), *anhuma* corresponde a *anhyma*, ave da família dos Palamedeídeos. Antenor Nascentes (58 — Nascentes, Antenor: dicionário) acrescenta: “do tupi ña u ave preta, com o protético”. Segundo Aurélio Buarque de Hollanda Ferreira (31 — Ferreira, Aurélio Buarque de Hollanda: dicionário), ave da família dos Anhímidas (*Anhima cornuta*). Céspedes Xeria (90 — Xeria, Luiz de Céspedes: 97), ao estudar o termo *Ayembi*, interpretou-o como “rio de umas aves ânimas”. As aves *añumas* ou *añimas* são abundantes na região, o que explica a frequência do topônimo. Em 1783, um sertanista paulista, ao descrever a fauna do rio Tietê, dizia: “Tambem ha nomesmo rio humas Aves, chamadas Anhumas demuita estimação, pois tem hum unicornio na cabeça dehu gemio decomprido, e fino, que hé de grande virtude para (*sic*) contra venenos além deste unicornio tem mais dois nos encontros das azas: Estas Aves são quaze do tamanho dopirú, com a côr preta; a sua criação eassistencia he nas alagoas, e por isso muy difficil deos apanhar” (26 — *Divertimento admirável*: 134).

ANTA — O trabalho da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de São Paulo, datado de 1905, registrou: ilha das Antas (18 — CGG: 7). Em 1954, nas Folhas Topográficas (43 — IGG: Bauru) o topônimo reapareceu dando nome a um córrego. No fim do século XVIII, um viajante que percorreu a região do Tietê comentou a existência de grande número de antas no percurso desse rio (26 — *Divertimento admirável*: 134).

ANZOL — Um trecho do rio Tietê foi registrado — como *Volta do Anzol* — nas Folhas Topográficas de 1954 (43 — IGG: Araçatuba). Ao referir-se ao último salto do rio Tietê, Ordonhes informava que a região era tão piscosa que causava admiração não só pela variedade, como também pelo tamanho dos peixes: “era deitar o anzol logo físgavam, ficaram as praias cheias de peixes por não haver quem os quisesse, o que até os pretos enjoavam” (64 — Ordonhes, Diogo de Toledo Lara e: 207). Segundo Bernardino de Souza, o termo *volta* é empregado para indicar as curvas, sinuosidades ou meandros dos rios (80 — Souza, Bernardino de: dicionário). No trabalho da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de São Paulo (18 — CGG: 2) foi explicado que tal denominação é empregada para identificar o ponto mais estreito do *Rio Morto* (vide *Morto*). Logo, o topônimo composto — *Volta do Anzol* — provavelmente advém não só da curva feita pelo rio Tietê, como também ao fato da região ser piscosa.

APARECIDA — Em toda a bibliografia consultada só uma vez nos deparamos com este topônimo — córrego Aparecida —, registrado em 1954 nas Folhas Topográficas (43 — IGG: Bauru).

ARACANGUÁ — Para Antenor Nascentes, esta é a forma haplológica de Araracanga (58 — Nascentes, Antenor: dicionário). Na Notícia 7.^a Prática encontramos o registro de uma cachoeira denominada *Araracanguá-mirim* (10 — Barros, Manuel de: 145). No roteiro de Palácio foram anotadas as cachoeiras de *Aracanguá-mirim* e *Aracanguãba* (65 — Palácio, Francisco: 16). Juzarte, em 1769, citava as cachoeiras: *Araracanguara-mirim* e *guaçu*. Quanto ao significado os autores foram unânimes: cabeça de arara pequena ou grande, conforme o sufixo. Em 1783 um viajante registrou-as como *Araçangua-mirim* e *Araçanguavuçu* (26 — *Divertimento admirável*: 136). A partir do mapa de Müller (57 — Müller, Daniel Pedro: mapa), de 1837, o topônimo apareceu sob as formas *Aracanguá-mirim* e *Aracanguá*. Dando nome a um córrego, a uma ilha e a um ribeirão, foi registrado em 1905 no trabalho da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de São Paulo (18 — CGG: 2, 3, 4).

Freitas, em 1906 (38 — Freitas, Affonso A. de — *Geographia do Estado de São Paulo*: 23), e as Folhas Topográficas, em 1954 (43 — IGG: Araçatuba), registraram o vocábulo junto a uma corredeira, a uma ilha e a um córrego. Por *Araracanga* são conhecidas duas aves da família Psitácidas (*Aramacao* e *A. chloroptera*), também denominadas *macau* e *ararapiranga* (58 — Nascentes, Antenor: dicionário). Em 1783, um sertanista paulista dizia a propósito da fauna do Tietê: “Os pássaros são innumeráveis edediversas qualidades: as Araras humas são vermelhas compenas azuis nas azas, e rabo, a que lhe dão onome Ararapiranga” (26 — *Divertimento admirável*: 132). Hoje, a cachoeira *Aracangá-guassú* é conhecida por *das Cruzes* (18 — CGG: 3).

ARAÇARIGUAMA — *Araçari* é o nome comum de várias aves trepadoras da família Ranfástidas (58 — Nascentes, Antenor; dicionário). O topônimo, de acordo com a documentação por nós consultada, surgiu pela primeira vez em 1726, na relação da viagem realizada por Rodrigo César de Menezes às minas de Cuiabá, quando foi feita referência ao distrito de *Aracariguama* (68 — Rebello, Gervásio Leite: 101). Montezinho (56 — Montezinho, Antonio Roiz: mapa), em 1791-92 registrou a freguesia de *Araçariguama*. Müller (57 — Müller, Daniel Pedro: mapa), em 1837, assinalava uma cachoeira com tal nome em seu mapa. O topônimo foi registrado também nas Folhas Topográficas (43 — IGG: São Paulo) de 1954. Em Toponímia Brasileira a explicação dada ao termo é de que vem de *araçari-guama* e a interpretação é de bando de araçaris ou tucanos (24 — Departamento de Estatística do Estado de S. Paulo: 5). Azevedo Marques (53 — Marques, Manuel Eufrásio de Azevedo) cita Martius (54 — Martius, Carl Friedrich Phil v.: 492) e adota a versão deste, segundo a qual *Araçariguama* significa “sítio onde se reúnem os araçaris (pássaros) para comerem”. Já para Theodoro Sampaio (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário), *araçari-guama* corresponde a comedouro ou cevadouro de tucanos araçaris.

ARAÇATUBA — Uma cachoeira com este nome foi registrada em 1759 por Juzarte (44 — Juzarte, Theotônio José: 236), quando em seu diário apontou *Arassatuba* ou frutas de arassá. Um viajante que percorreu a região em 1783 assinalou a cachoeira com este nome (26 — *Divertimento admirável*: 136). Müller registrou em seu mapa o topônimo (57 — Müller, Daniel Pedro: mapa); no trabalho da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de S. Paulo o vocábulo reapareceu ao lado de dois córregos, de uma cachoeira e de uma ilha (18 — CGG: 7). Um ano depois, Freitas, ao fazer a relação das cachoeiras do grande rio paulista,

apontou uma com este nome (38 — Freitas, Affonso A. de — *Geographia do Estado de S. Paulo*: 23). Antenor Nascentes informa que por *araça* são conhecidas diversas árvores da família das *Mirtáceas*. O mesmo que *araçazeiro*. O termo é empregado, também, para o fruto da referida árvore. Segundo o autor, vem do tupi *ara'sa*, estação, época (58 — Nascentes, Antenor: dicionário). *Tyba* é sufixo abundancial (9 — Barbosa, A. Lemos: vocabulário). Como o *y* em tupi tende para *u* ou *i*, temos *tiba* ou *tuba*. A propósito do referido topônimo, Theodoro Sampaio dá a seguinte interpretação: “corr. *araçá-tyba*, o sítio das *araçás*, onde há *araçás* em abundância. Alt. *Araçatiba*” (76 — Sampaio, Theodoro: 173).

ARAQUÁ — Segundo Antenor Nascentes, *araquã* é o nome comum a três aves galináceas: uma do gênero *Penelope* e duas do gênero *Ortalida* (do tupi *ara'kwã*) (58 — Nascentes, Antenor: dicionário). Em 1783, um sertanista já descrevia essa ave que encontrara em sua viagem pelo Tietê: “as *Araquan's* são dotamano, efeito do *Jacucaca*, e damesma côr, e serve a sua carne para os doentes purgados...” (26 — *Divertimento admirável*: 133). Freitas, em 1906, registrou um afluente da margem esquerda do Tietê com este nome (37 — Freitas, Affonso A. de: 23). Nas Folhas Topográficas encontramos assinalados os rios *Araquá* e *Araquá-mirim* (43 — IGG: Bauru). Numa publicação da Estrada de Ferro Sorocabana, a propósito da ilha *Araquá* situada no Tietê (na foz do rio *Araquá-mirim*), o termo foi traduzido por esconderijo dos papagaios (79 — Souza, Aureliano de: 27). Seria o desnasalamento de *aracuã* (*aracuá*), ave da família dos *Gracídeos*: *ara* + *cuára* (cova, buraco) (9 — Barbosa, A. Lemos: vocabulário).

ARARACANGUABA — Um descarregadouro *Araracanguava* foi registrado na Notícia 7.^a Prática, cujo autor interpretou o topônimo como “lugar onde se matou a *Arara*” (10 — Barros, Manuel de: 145, 146). Em 1727, um salto, *Araracanguaba*, foi registrado por Camello (12 — Camello, João Antonio Cabral: 115). Juzarte citou em seu diário as cachoeiras de *Araraquanguara-mirim* e *guaçu*, e interpretou como cabeça de *arara* pequena ou grande (44 — Juzarte, Theotonio José: 236, 237). *Araracanga* é o nome comum a duas aves da família *Psitácidas* (*Aramacão* e *A. chloroptera*). Segundo Antenor Nascentes (58 — Nascentes, Antenor: dicionário), *Guaba* é “verbal de *u*: modo, tempo, instrumento, etc., de comer”, segundo Lemos Barbosa (9 — Barbosa, A. Lemos: vocabulário). Portanto, *araracanguaba* corresponderia ao lugar onde as *aracangas* comem, ou pouso, morada.

ARARAS — Antenor Nascentes registra *arara* como “nome comum a várias aves trepadoras da família Psitácidas, pertencentes ao gênero *Ara*. Variedade de amaranto (*Amarantus melanc holius tricolor*). O termo vem do tupi *ara’ra*, vocábulo onomatopáico, imitativo do grito da ave” (58 — Nascentes, Antenor: dicionário). Em 1954, as Folhas Topográficas registraram este termo ligado a um córrego (43 — IGG: Bauru).

ARARATUBA — O topônimo foi assinalado por Müller em 1837 para identificar uma cachoeira (57 — Müller, Daniel Pedro: mapa). Como *tyba* é um sufixo abundancial, o termo significa: lugar de muita arara.

ARATIGUAVA (Arariguaba) — O autor da Notícia 7.^a Prática ao registrar um sítio por nome *Ararituabá*, dizia significar “Arara que come nas pedras” (10 — Barros, Manuel de: 141). O topônimo foi assinalado pelo autor da Notícia 6.^a Prática de 1726 (68 — Rebello, Gervásio Leite: 101). Nesse mesmo ano, Palácio, em seu roteiro, fazia referência ao porto de *Ararituaba*. À margem do texto o termo foi interpretado como significando “morro onde as araras crião” (65 — Palácio, Francisco: 4). No ano seguinte o topônimo foi registrado por Camello (12 — Camello, João Antonio Cabral: 114). Azambuja, em 1751, citava a localidade do Ararituaba (7 — Azambuja, conde — Antonio Rolim de Moura: 185); em 1785, Ordonhes fez o mesmo (64 — Ordonhes, Diogo de Toledo Lara e: 205); em 1769, Juzarte interpretou-o como “pedra aonde crião as araras” (44 — Juzarte, Theotônio José: 217) e, em 1791-92, Montezinho (56 — Montezinho, Antonio Roiz: mapa) também o registrou. Segundo Theodoro Sampaio (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário), o vocábulo vem de “*arár-itá-guaba*, o barreiro das araras ou dos papagaios, lugar abarrancado à margem do rio onde essas aves vêm comer o barro salitroso”. O vocábulo foi assinalado com grafias diferentes, a saber: *Aratiguava*, *Aritaguaba*, *Ararituabá* e *Araitaguaba*. Para Taunay (86 — Taunay, Afonso de E., ed.: 10), o topônimo *Araraitaguava*, de acordo com os índios, está ligado ao fato de ali virem as araras amolar os “férreos e aduncos bicos”. Em 1837, o porto foi assinalado no mapa de Müller (57 — Müller, Daniel Pedro: mapa) com o nome de Porto Feliz, conhecido até hoje. Segundo Azevedo Marques (53 — Marques, Manuel Eufrásio de Azevedo: 187), serviu de núcleo à povoação que leva este nome. A capela, edificada em 1721, sob a invocação de *Nossa Senhora de Ararituaba*, foi elevada à vila com o nome de *Porto Feliz* em 1797. No porto que o rio Tietê faz nesta cidade, embarcavam-se antigamente os passageiros e cargas que demandavam à capitania de Mato Grosso e parte de Goiás. Aliás, o porto de *Nossa Senhora de Atocha*, ponto de

partida da viagem de Xeria, passou mais tarde, segundo Oliveira Ribeiro Neto, à *Nossa Senhora Mãe dos Homens de Ararita-guaba* (71 — Ribeiro Neto, Oliveira, v. 176:193).

ARICANDUVA — Um afluente da margem esquerda do Tietê foi registrado com este nome por Freitas (37 — Freitas, Affonso A. de: 23) e nas Folhas Topográficas (43 — IGG: São Paulo). Segundo Theodoro Sampaio, “corr. *airi-can-dyba*, o sítio dos airis, ou das palmas airis; onde há abundância dessas palmas” (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário). *Airi* é o nome pelo qual é conhecida uma espécie de palmeira (*Astro* — *carium airy*) (31 — Ferreira, Aurélio Buarque de Hollanda: dicionário).

ARRANCA RABO — Uma corredeira e uma ilha assim denominadas foram registradas no trabalho da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de S. Paulo (18 — CGG: 2, 3, 7). As Folhas Topográficas de 1954 também assinalaram o topônimo dando o nome a uma corredeira (43 — IGG: Bauru).

ARREBENTA RABICHO — Um córrego com este nome foi assinalado nas Folhas Topográficas de 1954 (43 — IGG: Bauru). A expressão talvez traduza o fato de os cavalos arrebentarem seus rabichos (parte do arreio) quando vão beber água neste córrego, provavelmente em decorrência da inclinação das margens com relação ao nível das águas.

ARRUDA — Uma ilha — do *Arruda* — foi registrada nas Folhas Topográficas de 1954 (43 — IGG: Bauru). Provavelmente, trata-se de um antrotopônimo, mas por *arruda* são também conhecidas várias espécies de plantas da família das Rutáceas, aromáticas e medicinais, sendo a mais comum a *Ruta graveolens* (31 — Ferreira, Aurélio Buarque de Hollanda: dicionário).

ATUAÚ — Freitas (37 — Freitas, Affonso A. de: 23) ao apresentar a relação das cachoeiras do rio Tietê, citou uma denominada *Atuahy*. Foi neste estudo que encontramos pela primeira vez o termo. Em 1954, ressurgiu dando nome a uma cachoeira e a um ribeirão nas Folhas Topográficas (43 — IGG: São Paulo), agora sob a forma *Atuaú*. Parece-nos topônimo de origem indígena: *atuá* — pescoço, cogote, nuca, mais u = y — rio. Portanto — *Atuaú*: rio do pescoço.

AVACUCAIA — A única citação que encontramos deste topônimo foi em Freitas, ao relacionar as cachoeiras do rio Tietê (37 — Freitas, Affonso A. de: 23).

AVANHANDAVA — Por sua importância, este salto foi citado desde os primeiros relatos. Na Notícia 7.^a Prática (10 — Barros, Manuel de: 145), de data ignorada, o termo foi registrado. Em 1726, Palácio anotava em seu roteiro de viagem: cachoeira *Avanhandamirim* e salto *Avanhandava* (65 — Palácio, Francisco: 12). Em 1727, o topônimo foi citado por Camello (12 — Camello, João Antonio Cabral: 115) sob a forma *Panhandabá* (*Avenhandavaba*); em 1751, por Azambuja (7 — Azambuja, conde — d. Antonio Rolim de Moura: 188); em 1769, por Juzarte (44 — Juzarte, Theotonio José: 231, 241); em 1783, por Ordonhes (64 — Ordonhes, Diogo de Toledo Lara e: 207) e por um sertanista que viajou pelo Tietê naquele ano (26 — *Divertimento admirável*: 136); em 1905, no trabalho da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de S. Paulo (18 — CGG: 2, 3, 6); no ano seguinte, por Freitas (37 — Freitas, Affonso A. de: 23) e, finalmente, em 1954, nas Folhas Topográficas (43 — IGG: S. José do Rio Preto). A grafia alterou-se através dos tempos: *Panhandabá* (*Avenhandavaba*), *Avanhindaba*, *Avanhandava*, *Avenhundaba*, *Averemanduava*, *Avanhandamirim*. À margem do texto de Palácio, o topônimo *Avanhandamirim* foi interpretado como “onde agente corre co’ carreira pequena” e *Avanhandava* como “onde agente corre” (65 — Palácio, Francisco: 12). *Abá* significa o homem, a gente, a pessoa, o macho. Segundo Theodoro Sampaio (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário), no tupi amazônico corresponde a *auá*. Na língua geral altera-se, por vezes, em *avá*, e assim entra na composição de muitos vocábulos. Como *nhã*, *nhana*, correr e *nhandaba*, modo, tempo, lugar de correr (9 — Barbosa, A. Lemos: vocabulário). O topônimo *Avanhandava*, segundo Theodoro Sampaio, composto de *abá-nhandaba*, significa a corrida da gente, lugar onde a pessoa anda às carreiras para evitar o perigo da navegação. Para Juzarte, a tradução de *Avanhandava* seria: “onde correm os homens”. No trabalho da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de S. Paulo, de 1905, foram registradas as corredeiras de: *Avanhandava-mirim*, *Avanhandava Acima do Salto* e *Avanhandava Abaixo do Salto*.

AVE MARIA — Um ribeirão assim denominado foi assinalado nas Folhas Topográficas de 1954 (43 — IGG: Bauru).

AVECUIA — Este termo foi empregado por Freitas (37 — Freitas, Affonso A.: 23), em 1906, ao apresentar uma relação das cachoeiras do rio Tietê. Em 1954, *Avecuia* foi registrada nas Folhas Topográficas (43 — IGG: São Paulo) dando, então, nome a um rio.

AVENHABÁ — Na Notícia 7.^a Prática encontramos registrada a cachoeira *Avenhabá-mirim* (10 — Barros, Manuel de: 144). O topônimo

não foi registrado em nenhum outro documento que consultamos. Supomos que seja uma corruptela de Avanhanda.

AZUL — Um ribeirão assim denominado foi registrado nas Folhas Topográficas de 1954 (43 — IGG: Araçatuba).

BACURI — Duas cachoeiras com este nome foram apontadas no mapa de Müller (57 — Müller, Daniel Pedro: mapa) de 1837: *Bacurymirim* e *Bacury*. Em 1905, o topônimo foi assinalado no trabalho da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de S. Paulo (18 — CGG: 2, 7) junto a uma ilha e a um córrego, sob a forma Bacuri. Um ano depois, Freitas (37 — Freitas, Affonso A. de: 23) citou uma cachoeira com este nome. Em 1954, o topônimo ressurgiu, ligado a corredeiras do Tietê e junto a um córrego (43 — IGG: Araçatuba). Segundo o Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa, por *bacuri* é conhecida uma árvore da família Guttíferas (*Platonia insignis*) — também conhecida por bacurizeiro — bem como o fruto da referida árvore (31 — Ferreira, Aurélio Buarque de Hollanda: dicionário). Theodoro Sampaio (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário) informa que o vocábulo é o produto de *ybá-cury* ou *yba-curi*, o fruto contínuo, apressado, o que frutifica de pronto (*Platonia insignis*). No trabalho da Comissão, acima citado, foi assinalado um trecho do Tietê, entre as corredeiras Bacury e Travessa Grande, conhecido por *Manso do Bacury* (18 — CGG: 2).

BAGRES — Nas Folhas Topográficas, o topônimo foi registrado junto a um ribeirão (43 — IGG: São José do Rio Preto). Segundo Antenor Nascentes (58 — Nascentes, Antenor: dicionário), por este nome é conhecido grande número de peixes da família Silúridas, de pele nua e barbilhões mais ou menos desenvolvidos, bem como plantas da família Leguminosas (*Machaerium*). Em 1783, um viajante que percorreu a zona atestou a presença dos referidos peixes (26 — *Divertimento admirável*: 137). Logo, o topônimo deve referir-se à abundância de tal pescado no ribeirão em questão.

BAGUAÇU — O topônimo foi registrado junto a um ribeirão, no trabalho da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de S. Paulo de 1905 (18 — CGG: 7). Em 1954, o mesmo foi também assinalado nas Folhas Topográficas (43 — IGG: Araçatuba). Segundo Theodoro Sampaio (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário), *Baguá* é corruptela de *ybá-guá*, isto é, o habitante ou morador dos alagadiços, de brejos e lagoas (*Ardea, Ciconia*). Tal denominação é aplicada a aves aquáticas. O topônimo seria este vocábulo mais *usu*, isto é, grande. Uma outra hipótese é que

seja o produto de *yba* — árvore ou *yba* — fruta, fruto, mais *guassú*, grande.

BAIA NOVA — As Folhas Topográficas (43 — IGG: São José do Rio Preto) de 1954 registraram este topônimo junto a um córrego. Laudelino Freire (36 — Freire, Laudelino: dicionário), dentre os significados de *baía* aponta alguns que nos parecem pertinentes para esclarecer o topônimo em questão; a saber: qualquer lugar côncavo em que se possa apontar; pequeno pássaro do tamanho de um pardal; nome que os caçadores dão, no campo, à perdiz e, no mato, à paca.

BAIXOTE — O trabalho da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de S. Paulo (18 — CGG: 7) assinalou o ribeirão *do Baixote*. Nas Folhas Topográficas o topônimo reapareceu dando nome a um córrego: *dos Baixotes* (43 — IGG: Araçatuba).

BANANAL — Um córrego com este nome foi registrado, em 1954, pelas Folhas Topográficas (43 — IGG: São Paulo).

BANHARÃO — O mapa de Müller (57 — Müller, Daniel Pedro: mapa), de 1837, já apontava uma cachoeira com este nome, bem como registrou sua existência um viajante que percorreu a região em 1783 (26 — *Divertimento admirável*: 136). O termo ressurgiu em 1906, com Freitas (37 — Freitas, Affonso A. de: 23) e, em 1954, nas Folhas Topográficas (43 — IGG: Bauru), quando o topônimo apareceu junto a um córrego da margem direita e a um ribeirão da margem esquerda. No primeiro documento, acima referido, foi registrado sob a forma de *Banharo*. Nos demais, *Banharão*. Segundo Theodoro Sampaio, o vocábulo é corruptela de *mbaé-nharô*, isto é, o alegre, o risonho, o aprazível. No tupi antigo *nharão* significava estar ou ficar bravo; investir, avançar contra (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário).

BARBOZINHA — Este topônimo foi registrado nas Folhas Topográficas em 1954 (43 — IGG: São José do Rio Preto).

BARIRI (Barueri) — Duas cachoeiras com este nome, uma *guaçu* e outra *mirim* foram assinaladas na Notícia 7.^a Prática (10 — Barros, Manuel de: 143) e por Palácio em seu relato de 1726 (65 — Palácio, Francisco: 10); por Juzarte (44 — Juzarte, Theotonio José: 229, 240) sob as formas de *Barueri* e *Baruiri*, e mesmo por um viajante que no ano de 1783 percorreu a região (26 — *Divertimento admirável*: 136). Em 1906, dentre as cachoeiras citadas por Freitas (37 — Freitas, Affonso A. de: 23), havia uma com este nome. Nas Folhas Topográficas (43 — IGG: São

Paulo, Bauru), a propósito do rio *Baruery*, foi feita a anotação de que o referido rio é também conhecido por *S. João*. Foi também apontada nesse documento cartográfico uma ilha *Baririzinho* e uma corredeira *Bariri Grande*. A forma *Baruery*, explica Theodoro Sampaio, é corruptela de *Bariri* (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário). Para este autor, *Bariry* vem do *mbaériri*, isto é, o *agitado*, o *temido*, o *confuso*. Tal vocábulo, segundo o estudioso, é usado para designar partes do rio onde as águas correm agitadas, rápidas ou, como se diz comumente, uma corredeira. O autor da Notícia 7.^a Prática dava para o topônimo *Baririassú* a significação de cachoeira grande (10 — Barros, Manuel de: 143). Segundo o Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa: “corrente veloz e precipitada das águas dos rios em trechos de sensível desnivelamento” (31 — Ferreira, Aurélio Buarque de Hollanda: dicionário). Para Juzarte, o topônimo *Barueri* referia-se às frutas de mesmo nome (44 — Juzarte, Theotonio José: 240). À margem do texto de Palácio, foi anotado que o termo *Bariri* refere-se a uma fruta agreste “deCoco muy cheirozo” (65 — Palácio, Francisco: 10). Uma outra probabilidade a ser considerada é que o termo seja o produto de *mbaé* — coisa, e *ryryia* — tremer, significando pois a coisa que treme, que se agita.

BARRA — Nas Folhas Topográficas foi registrada uma ilha com este nome (43 — IGG: Bauru). Bernardino de Souza (80 — Souza, Bernardino José de: dicionário) informa que o vocábulo, em Portugal, além de outros sentidos, é empregado para significar a entrada de um porto, máxime se é estreito. No Brasil, entre outros significados, é empregado para indicar foz de rio ou riacho.

BARRA BONITA — Dois córregos da margem esquerda do Tietê receberam esta denominação nas Folhas Topográficas de 1954 (43 — IGG: Bauru, Araçatuba). O Livro dos Municípios (51 — *Livro dos Municípios do Estado de S. Paulo*: 131), ao estudar o município de Barra Bonita, informa que o termo vem de *barra*, entrada de um porto, e *bonita*, agradável à vista, e a denominação da cidade (fundada em 1883) vem de ribeirão. Logo, o topônimo é antigo, embora só o tenhamos encontrado junto aos afluentes do Tietê em documento de 1954.

BARRA MANSA — Este topônimo foi registrado em 1905 no trabalho da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de S. Paulo (18 — CGG: 2, 3, 7), junto a um ribeirão. Reapareceu em 1954 nas Folhas Topográficas (43 — IGG: Bauru, São José do Rio Preto). Bernardino de Souza (80 — Souza, Bernardino

José de: dicionário) informa que este termo, em Portugal, além de outros sentidos, é empregado para designar a entrada de um porto, principalmente se for estreita. No Brasil, entre outros significados, é empregado para indicar foz de rio ou riacho.

BARREIRO — É um dos topônimos mais freqüentes da região do Tietê. Foi registrado no mapa de Montezinho de 1791-92 (56 — Montezinho, Antonio Roiz: mapa), sem qualquer especificação. Em 1905, reapareceu repetidamente no trabalho da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de S. Paulo (18 — CGG: 7), a saber: dando nome a uma corredeira, a uma ilha e a dois ribeirões à margem direita do rio Tietê, sendo um deles conhecido também por rio Morto. Nas Folhas Topográficas (43 — IGG: São Paulo, Bauru, São José do Rio Preto e Araçatuba) foi registrado junto a quatro córregos e dois ribeirões, à margem direita do rio Tietê, e uma vez como *Água do Barreiro*, num mapa de 1954. Sempre sob a forma *Barreiro*; só um dos córregos foi registrado *Barreirinho*. Azambuja (7 — Azambuja, conde — Antonio Rolim de Moura: 188), em sua *Relação de Viagem*, conta-nos: “há, em algumas partes, uma casta de barro que os pássaros comem e lhe chamam barreiros”, isto em 1751. A propósito dos vários sentidos que esta palavra apresenta na nomenclatura geográfica brasileira, citando um artigo de Henrique Silva, publicado na revista *Informação Goiana*, de 15 de fevereiro de 1917, Bernardino de Souza (80 — Souza, Bernardino José de: dicionário) explica que os animais buscam com sofreguidão esses lugares, não só os ruminantes, mas também as aves e os répteis. Tal termo é empregado em grande parte do território brasileiro, sendo bastante freqüente em São Paulo. Antenor Nascentes (58 — Nascentes, Antenor: dicionário) explica que recebem este nome os terrenos que apresentam eflorescências salinas. Terreno salitrado, lugar de terra salgada, que os animais escavam e onde refocilam. Ou, ainda, “sítio onde se esperam as antas”.

BATALHA — Um rio com este nome foi apontado no trabalho da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de S. Paulo (18 — CGG: 3, 7) de 1905. O mesmo topônimo, ligado também a um rio, foi registrado por Freitas (37 — Freitas, Affonso A. de: 23) e nas Folhas Topográficas de 1954 (43 — IGG: Bauru). Aurélio Buarque de Hollanda Ferreira (31 — Ferreira, Aurélio Buarque de Hollanda: dicionário), além do sentido comum de combate, aponta outro significado para a palavra: árvore silvestre do Brasil da família das Lauráceas (*Nectandra robusta*). Uma outra hipótese ocorreu-nos quando da leitura do Dicionário do Império do Brasil (73 — Saint, Adolphe e Milliet, J.

C.R.: dicionário), cujo autor explica o nome de um riacho homônimo existente na Paraíba por correr perto de uma igreja, cuja padroeira era Nossa Senhora da Batalha. Ou seria, no caso, um simples antrotopônimo?

BAURU — Este termo foi assinalado na Notícia 7.^a Prática, que se supõe ser do século XVIII (10 — Barros, Manuel de: 143): “passando umas correntes pelo meio do rio entrarão em rio manso até chegarem a uma cachoeira, chamada Bauru, vale o mesmo que não tem significação”. Palácio fez referência ao topônimo, junto a uma ilha e a um ribeirão. À margem do texto foi anotado: “Quer dizer huas frutas agrestes q se comem” (65 — Palácio, Francisco: 9). Um viajante que navegou pelo Tietê nos anos de 1783 também anotou o topônimo (26 — *Divertimento admirável*: 136). Em 1837, duas cachoeiras foram registradas com a denominação Bauru (uma delas com o sufixo *guaçu*), no mapa de Müller (57 — Müller, Daniel Pedro: mapa). Em 1906, Freitas (37 — Freitas, Affonso A. de: 23) citou uma cachoeira com este nome e, em 1954, o topônimo ressurgiu junto a um rio nas Folhas Topográficas (43 — IGG: Bauru). Em Toponímia Brasileira (24 — Departamento de Estatística do Estado de S. Paulo: 5), a explicação dada para o termo foi a seguinte: vem de *upaú-r-y*, isto é, rio dos banhados. Para Theodoro Sampaio (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário), provém de *ybá-urú*, o cesto de frutas, pois *ybá*, fruta, fruto, e *urú*, receptáculo, cesto, vasilha.

BICA DE PEDRA — Um córrego com este nome foi registrado nas Folhas Topográficas de 1954 (43 — IGG: Bauru).

BIRIRI — Müller, em seu mapa de 1837, assinalou duas cachoeiras: *Biriri mirim* e *guaçu*. Provavelmente é uma outra forma de *bariri* (57 — Müller, Daniel Pedro: mapa).

BIRITIBA — Dentre a documentação por nós consultada, o topônimo foi registrado uma única vez: nas Folhas Topográficas, junto a um córrego denominado *Biritiba mirim* (43 — IGG: São Paulo). De acordo com a Toponímia Brasileira (24 — Departamento de Estatística do Estado de S. Paulo: 5), o vocábulo vem de *mbiriti*, nome de uma palmeira. Uma outra possibilidade é que o topônimo seja o produto de *pire* — espécie de junco, e *tiba* — sufixo abundancial.

BISPO — Uma cachoeira com este nome foi assinalada nas Folhas Topográficas (43 — IGG: São Paulo).

BOA VISTA — Este topônimo composto foi registrado nas Folhas Topográficas em três oportunidades: córrego *Boa Vista de Baixo*; ribeirão *Boa Vista de Cima* e córrego da *Chácara da Boa Vista* (43 — IGG: São Paulo, Bauru).

BOCAIUVA — Um córrego com este nome foi assinalado nas Folhas Topográficas (43 — IGG: Bauru, Araçatuba). Segundo Theodoro Sampaio, é uma alteração do termo *Macahiba* que se apresenta ainda em outras formas, como *Macahyba*, *Macahuba*, *Macayuba*, *Bocayuva*. Para o autor, o topônimo é produto de *macáyba*, a árvore da macaba. E a palmeira *Acrocomia Sclerocarpa*, também conhecida por *côco-de-catarro* (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário).

BOM SUCESSO — Um córrego com este nome foi registrado nas Folhas Topográficas (43 — IGG: Bauru).

BONITO — Dois ribeirões da margem esquerda do rio Tietê receberam esta denominação nas Folhas Topográficas de 1954 (43 — IGG: Bauru), sendo um deles também conhecido por ribeirão dos Remédios.

BOSQUE — Um córrego com este nome foi registrado na Folhas Topográficas (43 — IGG: Bauru).

BOSSUCABA — Topônimo registrado apenas num documento: nas Folhas Topográficas (43 — IGG: São Paulo), junto a um córrego. Provavelmente o termo é o produto de *soca* — quebrar-se, partir-se ou *socaba* — quebrado, partido e *yby* (ybu, ubu, bu, bo), isto é, terra. Significando, portanto, a terra fendida, a fenda.

BOTINHA — Um ribeirão com este nome foi registrado nas Folhas Topográficas de 1954 (43 — IGG: São Paulo).

BOTUJURU — Um ribeirão assim denominado foi assinalado nas Folhas Topográficas (43 — IGG: São Paulo). Para Theodoro Sampaio, o vocábulo deriva de *ybytu-jurú*, a boca do vento, garganta ou quebrado por onde sopra o vento (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário).

BOYUIGUARA — Uma cachoeira com este nome foi citada por um viajante que percorreu o Tietê em 1783 (26 — *Divertimento admirável*: 136).

BRACAIÉ — Uma cachoeira com este nome foi citada por Juzarte, em 1769, quando dizia: “passamos por uma cachoeira de muito

perigo, e com muitas voltas, e Pedras escondidas debaixo da água, cuja em razão dos muitos rodeios, se chama Bracaié, que quer dizer em Português escaramuça do Gato” (44 — Juzarte, Theotonio José: 233, 241). Aliás, esta expressão, como topônimo, apareceu em documentos mais recentes, como veremos oportunamente. Theodoro Sampaio (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário), ao apresentar o termo *Bracayá*, informa ser ele o produto de *mbaracá-yá*, nome dado ao gato montês (*Felis pardalis*). Outra possibilidade é que o termo venha de *Maracajá*, gato do mato. A verdade é que o final das palavras não coincide, isto é, é e *a*. Mas isto pode ser explicado por um erro de impressão ou mesmo confusão de Juzarte ao registrar o topônimo, pois nos parece evidente a relação entre os dois termos.

BUGRES — Encontramos um ribeirão com este nome no trabalho da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de S. Paulo (18 — CGG: 7). Aliás, foi o único documento dos que consultamos que registra este topônimo. Bernardino de Souza (80 — Souza, Bernardino José: dicionário) explica: “Bugre, nome que se aplica hoje em dia, indistintamente, aos selvagens do Brasil, aos ameríndios bravos, aos caboclos que ainda erram nas selvas e campos do Brasil interior, seja qual for sua família ou língua /.../. Amadeu Amaral registra o termo como aplicado indistintamente a qualquer indígena e de uso muito corrente em S. Paulo”.

BUJUI — Uma cachoeira com este nome foi registrada nas Folhas Topográficas de 1954 (43 — IGG: São Paulo).

BURU — Uma cachoeira com este nome foi assinalada por Freitas (37 — Freitas, Affonso A. de: 23) em 1906; o mesmo topônimo foi registrado pelas Folhas Topográficas (43 — IGG: São Paulo) em 1954, identificando uma cachoeira. Seria uma corruptela de *buri*? Antenor Nascentes (58 — Nascentes, Antenor: dicionário) esclarece que por este nome é conhecida uma espécie de palmeira (*Diplothemium candescens*). Enquanto Plínio Ayrosa tomou por “*Burú* (*mburú*) — revolto, agitado, transtornado, o redemoinho, a corredeira meio oculta” e *bury*, nome de várias espécies de palmeiras (6 — Ayrosa, Plínio: 140).

CABRIÚVA — Um rio com este nome foi assinalado nas Folhas Topográficas (43 — IGG: São Paulo). Segundo Theodoro Sampaio, o topônimo é o produto de *caburé-yba*, a árvore de caburé. O termo apresenta várias grafias: *cabureyba*, *cabureúba*, *cabureuva* e *cabreuva* (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário). Segundo o Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa, *caburé* é uma “ave

noturna da família dos Bubônidas, pequeno môcho comum em todo o Brasil (*Glaucidium brasilianum*)” (31 — Ferreira, Aurélio Buarque de Hollanda: dicionário). A interpretação dada na Toponímia Brasileira foi outra: o termo vem de *caburéya*, isto é, árvore ou pau de coruja (24 — Departamento de Estatística do Estado de S. Paulo: 6).

CABUÇU — Por duas vezes este topônimo foi assinalado nas Folhas Topográficas (43 — IGG: São Paulo): rio *Cabuçu de Cima* (também conhecido por Guapira) e ribeirão *Cabuçu de Baixo*. Para Theodoro Sampaio (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário), o topônimo é o produto de *cab-uçú*, isto é, a vespa grande, o tavão, o marimbondo, uma variedade de abelhas, apresentando as seguintes alterações: *caussú* e *cassú*. Ao passo que, para Antenor Nascentes (58 — Nascentes, Antenor: dicionário), o topônimo é o mesmo que *cabaçu*, nome comum a duas plantas da família Poligonáceas (*Coccoloba Martii* e *C. paniculata*).

CACHOEIRA — Nas Folhas Topográficas foi registrado, entre os afluentes do rio Tietê, o rio *Cachoeira*, também conhecido por *Nico da Barra* (43 — IGG: São Paulo). Segundo Bernardino de Souza (80 — Souza, Bernardino José de: dicionário), o vocábulo significa: queda d'água, catadupa. Entretanto, em alguns Estados é empregado para designar o trecho de um rio em que as águas, devido a declives mais acentuados, correm aceleradamente. Neste sentido é sinônimo de corredeiras, corridas, águas puladeiras e pararacas.

CAIACATINGA — Saint-Hilaire registrou um ribeirão com este nome: ribeirão *Caracatinga* (74 — Saint-Hilaire, Augusto de: 238, 239). Uma cachoeira com este nome foi assinalada por Freitas (37 — Freitas, Affonso A. de: 23). As Folhas Topográficas registraram o topônimo junto a uma cachoeira e a um ribeirão (43 — IGG: São Paulo). Theodoro Sampaio (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário) apresenta o termo como vindo de *caia*, queimada, incêndio. Quanto à *catínga*, o correto é *caatinga*, o mato branco, alvaco, especial das regiões secas do nordeste do Brasil. Uma outra possibilidade é que o termo venha de *cajá*, fruto do cajazeiro (árvore da família das Anacardiáceas — *Spondias lutea*), também chamada caja (31 — Ferreira, Aurélio Buarque de Hollanda: dicionário).

CAMARGO — Este topônimo foi registrado uma só vez em toda a bibliografia por nós consultada: nas Folhas Topográficas de 1954 (43 — IGG: São Paulo).

CAMBAGIBOCA — Céspedes Xeria, em 1628, já registrava o topônimo como *Camasiboca* (90 — Xeria, Luiz de Céspedes: 97). O autor da Notícia 7.^a Prática, de data ignorada, também o fez sob a forma *Cabagibóca* (10 — Barros, Manuel de: 144) e *Palácio* em 1726 registrou-o como *Cambayuboca* (65 — Palácio, Francisco: 12). Juzarte, em 1769, citou uma cachoeira denominada *Cambagevóca* (44 — Juzarte, Theotonio José: 241); é a *Cambayuosca* de um viajante que percorreu a região em 1783 (26 — *Divertimento admirável*: 136); a *Cambagiboca* de Daniel Pedro Müller (57 — Müller, Daniel Pedro: mapa) e de Freitas (37 — Freitas, Affonso A. de: 23). À margem do manuscrito de Palácio foi atribuído ao topônimo o seguinte significado: “paragem de Canas ocas muy finas”. Para Xeria, o topônimo significava “rio de las camajibas que hacen frechas”, enquanto que Juzarte interpretou o termo como “cana rachada”.

CAMBALHETUBA — Este topônimo, identificando uma cachoeira, foi registrado por Juzarte em seu diário de 1769, oportunidade em que o autor o interpretou por hastes de flechas (44 — Juzarte, Theotonio José: 241).

CAMPESTRE — Um córrego com este nome foi registrado nas Folhas Topográficas (43 — IGG: Araçatuba).

CAMPO — Este topônimo foi assinalado no mapa de Müller (57 — Müller, Daniel Pedro: mapa) de 1837, mas sem qualquer especificação. Uma ilha com este nome foi apontada em 1905 no trabalho da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de S. Paulo (18 — CGG: 2, 3, 7). Em 1954, nas Folhas Topográficas (43 — IGG: São José do Rio Preto, Bauru) foram registrados: córrego *Campinho*, ilha do *Campo* e ribeirão do *Campo*.

CANGOEIRA — Topônimo citado pelo autor da Notícia 7.^a Prática (10 — Barros, Manuel de: 141), dando nome a uma cachoeira. Segundo Manuel de Barros, o significado do mesmo seria “caveira de defunto”. Aurélio Buarque de Hollanda Ferreira informa que o vocábulo designa uma “flauta pequena feita pelos indígenas, com os ossos compridos dos mortos”, enquanto que em Goiás é assim denominada a leitoa magra (31 — Ferreira, Aurélio Buarque de Hollanda: dicionário).

CANUDO — Um ribeirão com este nome, conhecido também por *Água Baixa*, foi registrado nas Folhas Topográficas (43 — IGG: São Paulo) de 1954. No Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa (31 — Ferreira, Aurélio Buarque de Hollanda: dicionário), um dos significados da palavra é o de uma planta

da família das Convolvuláceas (*Ipomoea fistulosa*) e outro é o de uma abelha melipônida (*Melipona limão*). Dada a frequência de topônimos na região do Tietê que apresentam conotação com a fauna e a flora brasileiras, é bem provável que o termo em questão tenha essa conotação.

CAPELA — Um córrego com este nome foi registrado nas Folhas Topográficas de 1954 (43 — IGG: São Paulo).

CAPIVARA — O topônimo foi registrado por Freitas (37 — Freitas, Affonso A. de: 23) e nas Folhas Topográficas (43 — IGG: Bauru). Theodoro Sampaio (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário) informa que o vocábulo vem de “*caapii-uára*, o comedor de capim, o herbívoro (*Hydrochoerus capybara*)”, sendo apresentado por vezes sob as formas *Capiguara* e *Capibara*. O Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa (31 — Ferreira, Aurélio Buarque de Hollanda: dicionário) informa que por esse nome é conhecido não só um grande mamífero roedor, da família Hidroqueridas (*Hydrochoerus hydrochoeris*), como também uma planta da família das Aristolochiáceas (*Aristolochia birostris*).

CAPIVARI — Este topônimo tem uma longa história. Registrado em 1628 por Céspedes Xeria (90 — Xeria, Céspedes: 97), em 1726 foi assinalado por Palácio (65 — Palácio, Francisco: 8), em 1769 por Juzarte (44 — Juzarte, Theotonio José: 226), em 1783 por um viajante que percorreu a região (26 — *Divertimento admirável*: 135) e, dez anos depois, na Carta Corográfica da Capitania de São Paulo (14 — Carta Chorographica: p. 6, mapa 8), onde apareceu ao lado de dois rios: *Capivari guacu* e *mirim*, que foram registrados em 1791-92 por Montezinho (56 — Montezinho, Antonio Roiz: mapa). No mapa de Müller (57 — Müller, Daniel Pedro: mapa), de 1837, foi apontado uma vez, bem como em 1906 na obra de Freitas (37 — Freitas, Affonso A. de: 24) e, finalmente, nas Folhas Topográficas de 1954 (43 — IGG: Campinas). Céspedes Xeria interpretou o topônimo como “rio das Capivaras”. À margem do texto de Palácio foi feita a observação: “rio de Capivaras q hê huã caSsa q Se come”. Theodoro Sampaio (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário) informa que a decomposição do mesmo se faz da seguinte forma: *Caapiuar-y*, o rio das capivaras, sendo muitas vezes alterado para *Capibary* (vide *Capivara*).

CAPOEIRA DOS INDIOS — Este topônimo foi registrado no trabalho da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de S. Paulo (18 — CGG: 2).

CARACOL — Um córrego com este nome foi assinalado nas Folhas Topográficas (43 — IGG: São Paulo). Este termo corresponde a um molusco gastrópode pulmonado do gênero *Helix* (31 — Ferreira, Aurélio Buarque de Hollanda: dicionário).

CARAMBUÍ — Em 1906, na relação das cachoeiras apresentada por Freitas (37 — Freitas, Affonso A. de: 23), há o registro de uma que leva o nome de *Caramby*. Em 1954, as Folhas Topográficas (43 — IGG: São Paulo), assinalaram a cachoeira *Carambuí*. Tudo faz crer que seja a mesma, sendo apenas a grafia diferente.

CARAPICUIBA — Este topônimo foi registrado nas Folhas Topográficas de 1954 (43 — IGG: São Paulo) dando nome a um ribeirão. A interpretação dada pela Toponímia Brasília (24 — Departamento de Estatística do Estado de S. Paulo: 6) é que o vocábulo vem de *acarápuku-ayba*, isto é, acará comprido, ruim. O padre Lemos Barbosa (9 — Barbosa, A. Lemos: vocabulário) informa: *carapucu* é uma variedade de cogumelo, *acarapucu*, espécie de salema. No entanto, o Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa (31 — Ferreira, Aurélio Buarque de Hollanda: dicionário) aponta *acarapicu* como o nome de vários peixes marítimos, da família dos Encinostômidas, sendo *carapicu* uma variante do termo.

CARDOSO — Nas Folhas Topográficas foi anotado entre os afluentes do Tietê o córrego dos Cardoso (43 — IGG: São José do Rio Preto).

CARVALHO — Um porto com este nome foi assinalado nas Folhas Topográficas de 1954 (43 — IGG: São José do Rio Preto).

CATETO — Um córrego com este nome foi registrado em 1954 nas Folhas Topográficas (43 — IGG: Araçatuba). Theodoro Sampaio (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário), ao estudar o vocábulo *catête*, informa: “corr. *tatetú* ou *tâytetu*, o dente aguçado ou pontiagudo. É o porco do mato (*Dicotyles*). Alt. *Caitetú*, *Catêto*”. Aurélio Buarque de Hollanda Ferreira, a propósito de *catêto*, envia o leitor para *catete*, que informa ser o nome de uma espécie de milho também chamada *catêto* e *balité*, além de ser designativo de uma raça brasileira de suínos (31 — Ferreira, Aurélio Buarque de Hollanda: dicionário).

CATINGUEIRO — Um córrego com este nome foi registrado nas Folhas Topográficas (43 — IGG: Bauru). Para Antenor Nascentes, o termo vem de *catinga* mais o sufixo *eiro*. Entre os significados

apontados para catinga, podemos citar: cheiro forte e desagradável, "mata enfezada de pequenas árvores tortuosas, quase sempre separadas umas das outras e entremeadas de cardos, espinheiros, gravatãs". Logo, *catingueiro* referir-se-ia ao habitante da catinga. Também por esse nome é conhecida uma espécie de veado (*mazama simplicicornis* III) (58 — Nascentes, Antenor: dicionário) também denominada *guaçubirá*, *guaçucatinga*, *quatro-olhos*, *suaçutinga*, *veado-virá*, *virá* e *virote*, de acordo com o Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa (31 — Ferreira, Aurélio Buarque de Hollanda: dicionário).

CAVALO — Uma cachoeira com este nome foi citada por um viajante de 1783 (26 — *Divertimento admirável*: 136). Por este nome é conhecido o mamífero solípede (*Equus caballus*) e também o corpo de uma rocha encaixado dentro de um filão (31 — Ferreira, Aurélio Buarque de Hollanda: dicionário).

CAVETÁ — O rio *Cavetá*, afluente da margem esquerda do Tietê, foi assinalado por Freitas em 1906 (36 — Freitas, Affonso A. de: 23) e, em 1954, nas Folhas Topográficas (43 — IGG: São Paulo). Segundo Theodoro Sampaio, é o produto de *caba-etá*, as vespas, os marimbondos (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário).

CERQUILHO — Este topônimo foi registrado por Freitas ao enumerar os principais afluentes da margem esquerda do Tietê (37 — Freitas, Affonso A. de: 23).

CERRITO — Um córrego e um porto foram registrados com este nome nas Folhas Topográficas (43 — IGG: Bauru). Bernardino de Souza (80 — Souza, Bernardino José: dicionário) informa ter sido o termo "registrado por Calage, com o significado de pequeno cerro ou lugar alto e pedregoso. Sud Menucci informa que é termo corrente em São Paulo, cujas cartas topográficas oficiais o anotam: São pequenos cerros".

CERVO — Topônimos, em que o termo cervo foi assinalado sob diferentes formas, são freqüentes a partir de 1905, quando encontramos os primeiros registros no trabalho da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de S. Paulo (18 — CGG: 2, 7): ilha *Cervinho*, ribeirão *Cervo Grande*, ribeirão *Cervinho*, ribeirão do *Cervão*. Os três ribeirões foram também assinalados nas Folhas Topográficas de 1954 (43 — IGG: São José do Rio Preto, Bauru). Antenor Nascentes informa ser este vocábulo sinônimo de veado, vindo do latim *cervu* (58 — Nascentes, Antenor: dicionário).

CHÁCARA BELA VISTA — Este topônimo composto foi registrado somente nas Folhas Topográficas, dando nome a um córrego (43 — IGG: São Paulo).

CHAPÉU — Uma ilha e uma corredeira com este nome foram assinaladas nas Folhas Topográficas (43 — IGG: Bauru).

CHICO — O ribeirão Chico, também conhecido por *Una e da Vargem*, foi registrado nas Folhas Topográficas (43 — IGG: São Paulo).

CINZAS — Um córrego com este nome foi citado nas Folhas Topográficas (43 — IGG: Araçatuba).

CLARO — O topônimo, junto a um rio, foi registrado nas Folhas Topográficas (43 — IGG: Bauru).

COCOËRA — Um afluente à margem direita do rio Tietê, com este nome, foi citado por Freitas em 1906 (37 — Freitas, Affonso A. de: 24). Segundo Theodoro Sampaio, *cô* significa “a roça, a colheita, a plantação, a limpa”; enquanto *coera* significa “velho, extinto, passado, antigo. Alt. cuéra, cuér, cué, guéra, boéra, poéra” (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário). Logo, seria a roça velha, extinta.

COLÉGIO — Um ribeirão com este nome foi assinalado nas Folhas Topográficas (43 — IGG: São Paulo).

CONCHAS — Afluente da margem esquerda do Tietê apontado por Freitas em seu trabalho de 1906 (37 — Freitas, Affonso A. de: 23). Este rio foi também registrado nas Folhas Topográficas (43 — IGG: Bauru). O Livro dos Municípios (51 — *Livro dos Municípios do Estado de São Paulo*: 285) informa que a cidade de Conchas é assim chamada devido a um rio existente nas imediações. Este, por sua vez, recebe este nome dada a quantidade de conchas que possui. Dá o ano de 1896 como data de fundação da cidade. Portanto, o termo já devia ser corrente, desde que se saiba que a cidade não recebeu outra denominação. Dentro da bibliografia consultada foram essas as únicas referências que encontramos.

CONGONHAS — O topônimo junto a um pouso e a um porto foi citado pelo autor da Notícia 7.^a Prática (10 — Barros, Manuel de: 144). Uma cachoeira assim denominada foi registrada por Palácio (65 — Palácio, Francisco: 10). Juzarte, em 1769, assinalou-a sob a forma *Cogoanhan* (44 — Juzarte, Theotonio José: 241), cuja tra-

dução dizia ser Congonhas; um viajante, em 1783, também se referiu a ela (26 — *Divertimento admirável*: 136); em 1837, Müller citou a cachoeira de Congonhas (57 — Müller, Daniel Pedro: mapa); em 1905, o topônimo reapareceu no trabalho da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de S. Paulo (18 — CGG: 7, 12); em 1906, na obra de Freitas (37 — Freitas, Affonso A. de: 23) e, em 1954, nas Folhas Topográficas, em diferentes oportunidades: ilha *Congoinha*, ilha *Congonhas* e córrego *das Congonhas* (43 — IGG: Araçatuba). À margem do texto de Palácio, foi dado para o topônimo a seguinte interpretação: “paragem onde Seapanha huà erva aSsim chamada”. Para Theodoro Sampaio, o termo vem de congô e significa “o que sustenta ou alimenta; é a herva-matte, variedade (*Ilex Congonha*)” (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário). No vocabulário Kaingang o termo *Kongói'n* significa erva-mate (32 — Floriana, Mansueto Barcatta de Val: 58). Congonhas é Tupi ou Kaingang? Na Notícia 7.^a Prática, a explicação dada com referência ao porto de Congonhas era: “neste costumam os sertanistas fazer suas congonhas tanto para branco como para índios e negros, por lhe ser conveniente a todos beberem-nas pela manhã, e quando aqui se pausa, é comumente por ir já cansada a gente por isso é mais dilatada a demora...” (10 — Barros, Manuel de: 144). Taunay explica que “fazer congonhas” significava “fazer provisão de folhas, cuja infusão salutar se lhes mostrava” (85 — Taunay, Afonso de E.: 122).

CORDEIRO — Um porto com este nome foi registrado em 1905 no trabalho publicado pela Comissão Geográfica e Geológica do Estado de S. Paulo (18 — CGG: 2, 7).

CORREDEIRA — Um ribeirão que leva este nome foi assinalado no trabalho da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de S. Paulo (18 — CGG: 3, 7) e nas Folhas Topográficas de 1954 (43 — IGG: São José do Rio Preto). Bernardino de Souza (80 — Souza, Bernardino José de: dicionário) informa que o termo é um brasileirismo que corresponde aos “rápidos” franceses. Designa o trecho de um rio em que as águas, por força de maior declividade do seu leito, adquirem grande velocidade, dificultando muito a navegação. Hoje em dia é empregado em todo o país.

CORVO BRANCO — O topônimo apareceu ao lado de uma ilha e de um córrego nas Folhas Topográficas (43 — IGG: Bauru). Por *corvo* são conhecidas umas aves negras européias, cujo correspondente brasileiro são as gralhas, impropriamente denominadas urubus (31 — Ferreira, Aurélio Buarque de Hollanda: dicionário).

- CORUMBATÁ** — Um porto com este nome foi assinalado nas Folhas Topográficas (43 — IGG: Bauru). Corumbatá vem a ser a corruptela de *curimatã* ou *curumbatã*, nome de um peixe fluvial da família dos Euritrínidas, do gênero *Prochilodus* (31 — Ferreira, Aurélio Buarque de Hollanda: dicionário).
- COTIA** — Em 1791-92, Montezinho (56 — Montezinho, Antonio Roiz: mapa) já assinalava em seu mapa o rio *Cutia*. O topônimo só reapareceu em 1954 nas Folhas Topográficas, então como rio *Cotia* (43 — IGG: São Paulo). Antenor Nascentes (58 — Nascentes, Antenor: dicionário) informa que por *Cutia* é conhecido um mamífero da família Cávidas (*Dasyprocta aguti*) e uma árvore da família Rutáceas (*Pilocarpus*), vindo o termo do tupi *aku'ti*. Segundo Theodoro Sampaio (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário), "*acuti* vem de "*a-coti*", indivíduo que se posta ou se assenta; alusão ao habito do animal desse nome de se assentar para comer (*Dasyprocta*). Alt. *Cutia*. Para os índios, este animal symbolisa a imprevidencia preguiçosa".
- COTOVELO** — Registrado ao lado de um ribeirão no trabalho da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de S. Paulo (18 — CGG: 7), este topônimo foi assinalado também nas Folhas Topográficas (43 — IGG: Araçatuba).
- CRUAMA ONÇA (?)** — Este topônimo foi citado por Müller em seu mapa de 1837 (57 — Müller, Daniel Pedro: mapa).
- CRUZ** — No trabalho da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de S. Paulo (18 — CGG: 1, 2, 7), encontramos o registro do porto *Cruz do Amâncio*, da ilha *Cruzes* e do córrego *Cruzes*, sendo que esta última era conhecida, anteriormente, por córrego *Araçangú-guaçu*. Este topônimo, simples ou composto, foi assinalado nada menos que cinco vezes nas Folhas Topográficas (43 — IGG: Araçatuba, São Paulo, Bauru), a saber: rio *da Cruz*, salto, cachoeira e ribeirão *Cruzes*, este último também conhecido por ribeirão *do Barreiro*, além de um córrego *Cruz das Almas*.
- CUBAS** — Juzarte (44 — Juzarte, Theotonio José: 241), em seu diário de 1769, registrou uma cachoeira do Tietê com este nome. O topônimo reapareceu nas Folhas Topográficas (43 — IGG: São Paulo), junto a um ribeirão. Juzarte explicava a origem do antropotopônimo da seguinte forma: "perdeu-se este homem nela". No entanto, acreditamos que, no caso do ribeirão, a explicação deva ser outra, pois o registro foi de ribeirão *dos Cubas*. Logo, a referência é a mais de uma pessoa. Parece-nos

que a interpretação do topônimo, no segundo caso, deva ser completamente independente daquela do primeiro caso.

CURVA — As Folhas Topográficas registraram um córrego com este nome (43 — IGG: São Paulo).

DECÓ — Este topônimo foi registrado uma única vez, em 1769, por Juzarte, quando relacionou as cachoeiras do rio Tietê, ocasião em que interpretou o mesmo como “da roça” (44 — Juzarte, Theotonio José: 241). Outra probabilidade é de que o topônimo seja o produto de *nde*, teu, tua, e *kó*, roça. Logo: tua roça.

DESCASCADOR — Um ribeirão com este nome foi registrado nas Folhas Topográficas de 1954 (43 — IGG: Bauru).

DIANGUÁ — Uma cachoeira assim denominada foi citada por Juzarte (44 — Juzarte, Theotonio José: 240) em seu diário. Não encontramos em toda a bibliografia consultada qualquer outra referência ao topônimo. Para o autor em questão o termo equivale a pilões. Aliás, em tupi, *unguá* significa pilão, almofariz. É preciso que se frise que o topônimo *pilão* foi registrado nas Folhas Topográficas junto a mais de um acidente geográfico (43 — IGG: São Paulo), sendo uma das vezes ligado a uma cachoeira, provavelmente a mesma citada por Juzarte.

DOCE — Um córrego com este nome foi citado no trabalho da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de S. Paulo (18 — CGG: 7). Nas Folhas Topográficas o topônimo foi registrado junto a um ribeirão (43 — IGG: Bauru).

DOURADO — No trabalho da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de S. Paulo (18 — CGG: 2, 3, 7) encontramos o registro desse topônimo junto a um rio e nas formas: rio *Doirado*, rio *dos Dourados* e ribeirão *Dourados*. Nas Folhas Topográficas foi assinalado o rio *Dourado* (43 — IGG: São José do Rio Preto). É provável que se trate do mesmo rio, embora não tenhamos absoluta certeza. Seria o topônimo referente ao colorido ou à fauna? Por dourado é conhecido um peixe fluvial da família dos Carácidas (*Salminus maxillosus*), também conhecido por pirajuba, e um peixe de mar da família dos Corifênidas (*Coryphaena hippurus*) (31 — Ferreira, Aurélio Buarque de Hollanda, dicionário). Segundo tudo indica, a segunda hipótese é a mais provável, pois no trabalho da Comissão Geográfica acima citado encontramos a seguinte afirmativa: “Pelas barrancas do rio Tietê há figueiras colossais. Na estação própria, os figos maduros que caem despertam a gula voraz dos

peixes que acodem em grandes cardumes a cevar-se em tão substancioso alimento, formando-se assim pescueiros naturais, onde abundam, entre outros, as piracanjubas e os dourados (18 — CGG: 5). Saint-Hilaire, a propósito do salto de Itu, dizia que acima daquele acidente geográfico só eram encontradas pequenas espécies de peixe, e que só abaixo existiam os de maior porte, como, por exemplo, os dourados (74 — Saint-Hilaire, *Auguste de*: 238).

ÉGUAS — As Folhas Topográficas assinalaram um córrego com este nome (43 — IGG: Araçatuba). Não encontramos o registro deste topônimo em qualquer outro documento pesquisado. Parece-nos que a introdução relativamente recente desse animal além do salto de Avanhandava explica a breve história do topônimo da região.

ELEUTÉRIO — Um ribeirão com este nome foi registrado nas Folhas Topográficas (43 — IGG: São Paulo).

EMBIRA — Este topônimo foi registrado pela Comissão Geográfica e Geológica do Estado de S. Paulo em 1905 (18 — CGG: 7) e em 1954 nas Folhas Topográficas (43 — IGG: São José do Rio Preto). No primeiro caso junto a um ribeirão, no segundo junto a um córrego. Segundo Theodoro Sampaio (77 — Sampaio, Theodoro: *vocabulário*), o termo vem de “*mbira*, o descascado, o tirado de casca. É a entrecasca resistente de certas árvores, servindo para corda. Alt. Imbira”. De acordo com o Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, por este nome é conhecida uma “fibra vegetal liberiana que possa servir de liame, quer provenha das camadas corticais, quer de folhas. Nome comum a muitas árvores das famílias Timeláceas, Anonáceas, Esterculiáceas e Malváceas, que oferecem matéria-prima para cordas e estopa” (31 — Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda: *dicionário*).

EMBOABAS — Juzarte (44 — Juzarte, Theotonio José: 225), em seu diário, refere-se ao *Canal dos Emboabas*. É a única referência que encontramos em toda a bibliografia consultada. São estas as palavras do diarista: “tem este título por cá os filhos do Reino, que quer dizer homem Calçado, ou cabeludo pelas pernas; este canal abriram os Emboabas, ou descobriram quando viajavam para Cuiabá e Mato Grosso...”. É sabido que o apelido dado pelos bandeirantes paulistas aos portugueses que penetravam na região das minas em busca de metais e pedras preciosas era *emboaba*. Theodoro Sampaio, ao tratar no *Vocabulário Geográfico Brasileiro* do termo *emboaba*, o faz nas seguintes palavras: “*corr. mboaba, c. mbo-aba, fazer com que*

se ofenda, mover agressão, agredir. Inúmeras têm sido as interpretações dadas a esta palavra *emboaba*, de procedência tupi. Pelos seus elementos componentes *mbo-aba*, o vocábulo tupi representa uma ação, como se pode ver: *mbo* é o verbo com que, no tupi, se modifica a ação de outros verbos, e traduz-se por *fazer com que*; *aba* é o substantivo derivado do verbo *ab* — ferir, fender, quebrar. Assim, *mboaba* se traduzirá por a provocação, a agressão, a hostilidade; não é um epíteto individual. Chamar, portanto, *emboaba* a um indivíduo é já explicitar que ele é do bando da agressão, da grei dos provocadores” (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário). Outra hipótese levantada por Theodoro Sampaio é que o topônimo venha de *mboaba*, por corruptela *boaava*, significando vestido, coberto, “em alusão a se apresentarem os portugueses ou estrangeiros trajando roupas desconhecidas e calçando largas botas para se protegerem contra os espinhos e os répteis” (77 — Sampaio, Theodoro: 125). Outra probabilidade a considerar é a de que o topônimo derive de *mbo* — mão, e de *aba* — pelo, significando, portanto: *o que tem mão peluda*.

EQUACATU — Céspedes Xeria foi o único a assinalar o topônimo, isto em 1628, quando o citou junto a um rio. A interpretação dada para o termo foi “rio sin peligro” (90 — Xeria, Luiz de Céspedes: 97).

ESCARAMUÇA — A Notícia 6.^a Prática de 1726 (68 — Rebello, Ger-vásio Leite: 103) registrou uma cachoeira com este nome. O mesmo fizeram o autor da Notícia 7.^a Prática (10 — Barros, Manuel de: 145, 146), Palácio, em 1726 (65 — Palácio, Francisco: 13), e um viajante que percorreu a região em 1783 (26 — *Divertimento admirável*: 136). Müller (57 — Müller, Daniel Pedro: mapa), em seu mapa de 1837, assinalou as cachoeiras *Escaramuça* e *Escaramuça do Gato*. Aliás, como já tivemos a oportunidade de anotar, a cachoeira *Bracaié*, citada em 1769 por Juzarte (44 — Juzarte, Theotônio José: 233), vinha acompanhada de dizeres que explicavam corresponder esta cachoeira àquela da *Escaramuça do Gato*. No trabalho da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de S. Paulo (18 — CGG: 7), as citações se multiplicaram, sempre sob a forma *Escaramuça*. Foi assinalado junto a duas corredeiras e a duas ilhas. Em 1906, Freitas apontava as cachoeiras *Escaramuça* e *Escaramuça do Gato* (37 — Freitas, Affonso A. de: 23). Finalmente, em 1954, o topônimo foi registrado nas Folhas Topográficas, sob as formas: *Escaramuça*, junto a um córrego, e *Escaramuça do Gato*, junto a uma corredeira (43 — IGG: Bauru). Segundo Palácio, essa cachoeira “tem o Canal aentrada dap.^{te} direyta todo em voltas com bastante comprimento, eoCanal por onde

despede fica junto aterra Com aboca virada p.^a o réo, hê estreito eperigozo por Cuja razam CareSse q aComettão bons Pilotos, pois Sam muy perigozos Canaes estreitos ainda este q todo hê de voltas, q hum Cavalo naescaramuSsa não faz mais rodeos, e por iSso com m.^{ta} propriedade lhepuzerão otal nome”.

ESGOTÃO — Um córrego com este nome, afluente do Tietê, foi assinalado nas Folhas Topográficas (43 — IGG: São José do Rio Preto).

ESGOTO GRANDE — As Folhas Topográficas registraram dois córregos, ambos à margem esquerda do rio Tietê: *Esgoto Grande* e *Esgotão* (43 — IGG: Bauru).

ESPANHÓIS — Um córrego com este nome foi assinalado nas Folhas Topográficas (43 — IGG: Araçatuba). É um dos poucos exemplos de etnicotopônimos na região.

ESPIRITO SANTO — Um ribeirão com este nome foi registrado no trabalho da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de S. Paulo (18 — CGG: 7) e, em 1954, nas Folhas Topográficas (43 — IGG: Bauru).

ESTEIO LAVRADO — Uma corredeira e uma ilha assim denominadas foram assinaladas no trabalho da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de S. Paulo (18 — CGG: 1, 7) e nas Folhas Topográficas, junto a um córrego (43 — IGG: Bauru).

ESTIRÃO — Uma cachoeira com este nome foi registrada por Müller (57 — Müller, Daniel Pedro: mapa) num mapa de 1837. Só reencontramos o topônimo na relação das cachoeiras feita por Freitas em 1906 (37 — Freitas, Affonso A. de: 23). Este termo, explica Antenor Nascentes, é aplicado no Amazonas, Mato Grosso e Goiás para identificar os trechos de rio que correm em linha reta (58 — Nascentes, Antenor: dicionário).

ESTIVA — O registro do córrego da Estiva feito pelas Folhas Topográficas em 1954 é a única referência a esse topônimo na documentação consultada (43 — IGG: São Paulo). Dentre os significados apontados pelo Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, um é de que o termo é usado no norte do país para designar pontes feitas de um único pau, apoiadas em forquilha, levantadas em terrenos alagadiços ou pantanosos; o mesmo vocábulo é empregado no Rio Grande do Sul e em Minas Gerais para designar pontes toscas feitas de varas e paus atravessados sobre um córrego (31 — Ferreira, Aurélio Buarque de Hollanda: dicionário).

FARELO — Um ribeirão com este nome foi registrado no trabalho da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de S. Paulo (18 — CGG: 7). O topônimo foi também assinalado em 1954 nas Folhas Topográficas (43 — IGG: São José do Rio Preto).

FARTURA — Um rio com este nome foi registrado pela Comissão Geográfica e Geológica do Estado de S. Paulo (18 — CGG: 7). O topônimo reapareceu nas Folhas Topográficas de 1954, então junto a um córrego (43 — IGG: São José do Rio Preto). No trabalho da Comissão, acima citado, foi feita referência ao fato do rio em questão atravessar uma região à margem direita do Tietê conhecida por *Campos do Fartura*. Segundo o Livro dos Municípios (51 — *Livro dos Municípios do Estado de São Paulo*: 338), o nome do rio provém do grande número de peixes nele existente.

FAZENDA — O que se nota, não apenas na região do Tietê, mas no estudo toponímico de diferentes zonas, é que o rio recebe o nome da fazenda por onde passa. Assim, também no Tietê contamos com exemplos de topônimos desta natureza. Um ribeirão denominado simplesmente *Fazenda* foi registrado em documento de 1793 (14 — *Carta Chorographica da Capitania de São Paulo* — 1793: mapa). O mesmo ocorreu no mapa de Montezinho, de 1791-92 (56 — Montezinho, Antonio Roiz: mapa). Nas Folhas Topográficas de 1954 o topônimo reapareceu em forma composta de maneira a caracterizar com maior precisão a terra por onde passa. Assim, temos: *córrego Fazenda Domingão*, *Água da Fazenda Velha* e *Água da Fazenda Dois Córregos* (43 — IGG: Bauru).

FERRÃO ONÇA — Um porto foi assinalado com este nome nas Folhas Topográficas (43 — IGG: Bauru).

FERREIRO — Um ribeirão *do Ferreiro* foi registrado no trabalho da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de S. Paulo, onde foi esclarecido que o referido ribeirão é também conhecido por ribeirão *da Oficina* (18 — CGG: 7). Nas Folhas Topográficas o registro foi da mesma ordem: ribeirão *dos Ferreiros* ou *da Oficina* (43 — IGG: São José do Rio Preto).

FLORÊNCIO — Um porto com este nome foi registrado nas Folhas Topográficas de 1954 (43 — IGG: Bauru).

FLORES — Nas Folhas Topográficas o topônimo foi registrado duas vezes, uma dando nome a um córrego e outra a uma ilha (43 — IGG: Campinas, Bauru).

FLORESTA — Um córrego com este nome foi assinalado nas Folhas Topográficas de 1954 (43 — IGG: Bauru).

FRIO — Céspedes Xeria (90 — Xeria, Luiz de Céspedes: 97), em seu mapa de 1628, apontou entre os afluentes do Tietê um “y, roy” que traduziu por “rio Frio”. Este topônimo só reapareceu em 1954 nas Folhas Topográficas (43 — IGG: São Paulo). Não podemos afirmar que se trate do mesmo rio. No entanto, tudo o faz crer, pois o que se nota, de uma forma geral, é que os cursos d’água raramente têm seus nomes alterados. Embora não tenhamos encontrado o seu registro nos documentos consultados, o nome deve ter permanecido por tradição oral.

FUGIDO — O ribeirão dos Fugidos foi registrado tanto no trabalho da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de S. Paulo (18 — CGG: 3, 7) como nas Folhas Topográficas (43 — IGG: Bauru), nesta como ribeirão *do Fugido*.

FUNDO — Nas Folhas Topográficas foi assinalado um córrego assim denominado (43 — IGG: São José do Rio Preto).

FUNIL — Uma cachoeira com este nome foi citada por Palácio em seu roteiro de 1726 (65 — Palácio, Francisco: 14); em 1729, Juzarte, em seu diário, informava que havia duas com o referido nome (44 — Juzarte, Theotonio José: 234, 241); um viajante, em 1783, citou as cachoeiras *Funil Grande* e *Funil Pequeno* (26 — *Diversimento admirável*: 136). As mesmas foram assinaladas em 1837 no mapa de Müller (57 — Müller, Daniel Pedro: mapa). Uma ilha e uma corredeira do Funil foram apontadas no trabalho de 1905 da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de S. Paulo (18 — CGG: 3, 7). Finalmente, Freitas, em 1906, ao relacionar as cachoeiras do Tietê, referia-se a uma com tal denominação (37 — Freitas, Affonso A. de: 23). Segundo Juzarte, o emprego da palavra *funil* era para significar a “velocidade das águas, ondas, e Pedras escondidas debaixo da água, e à toa se vai por um Canal em muitas voltas, de repente com muitos Redemoinhos, que por isso se lhe chama Funil” (44 — Juzarte, Theotonio José: 234). Antenor Nascentes indica que o termo funil é usual para identificar a “abertura que as águas dos rios fazem nas serras e montanhas, correndo através delas entre barrancos apertados de vivas arestas” (58 — Nascentes, Antenor: dicionário). Aliás, à margem do texto de Palácio foi anotado com relação ao topônimo: “por Ser m.^{to} estreito”.

GARBARINO — Um porto com este nome foi assinalado no trabalho da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de S. Paulo (18 — CGG: 2, 5).

GARCIA — Juzarte (44 — Juzarte, Theotonio José: 241), ao fazer a relação completa das cachoeiras do rio Tietê, apontou entre elas a *Dugarcia*, explicando que recebeu esta denominação porque “perdeu-se este homem nela”. Um viajante que percorreu a região em 1783 também citou uma cachoeira do Tietê denominada Garcia (26 — *Divertimento admirável*: 136). Freitas fez o mesmo em seu trabalho de 1906 (37 — Freitas, Affonso A. de: 23); em 1954, o topônimo reapareceu nas Folhas Topográficas (43 — IGG: São Paulo, Bauru), dando nome a dois córregos: um à margem direita e outro à esquerda do Tietê.

GATO — Uma ilha assim denominada foi registrada no trabalho da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de S. Paulo — (18 — CGG: 7). Em 1954, o topônimo foi assinalado nas Folhas Topográficas, não só junto a uma ilha, como também a um córrego (43 — IGG: Bauru).

GEQUITAYA — João Camello (12 — Camello, João Antonio Cabral: 115), em Notícias Práticas, registrou um salto e uma cachoeira com este nome. O documento data de 1727 e o autor explicava o vocábulo como significando sal, pimenta. Theodoro Sampaio, a propósito de *jiquitaia*, informa: “corr. *viquitái*, o que é picante; o molho; a formiga urente” (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário). O Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa dá outros informes, a saber: molho de pimenta; qualquer caldo picante; pimenta malagueta (*Capsicum baccatum* e *Capsicum pendulum*), seca e reduzida a pó; espécie de formiga (sinônimo: formiga-de-defunto) (31 — Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda: dicionário).

GOULART — Este antropotopônimo foi registrado junto a um córrego nas Folhas Topográficas de 1954 (43 — IGG: Araçatuba).

GRANDE (Guaçu) — Montezinho (56 — Montezinho, Antonio Roiz: mapa) assinalou, em seu mapa de 1791-92, um rio com este nome. Um córrego denominado *Guaçu* foi registrado no trabalho da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de S. Paulo (18 — CGG: 7). Nas Folhas Topográficas os registros foram de: córrego *Guaçu*, ilha *Grande* e córrego *Grande* (43 — IGG: São José do Rio Preto, Bauru).

GROTÃO — Um córrego com este nome foi registrado nas Folhas Topográficas de 1954 (43 — IGG: Bauru). Antenor Nascentes explica que esta palavra indica uma “depressão profunda entre montanhas de lombadas muito alcantiladas” (58 — Nascentes, Antenor: dicionário).

GUAÇU — Um córrego com este nome foi assinalado nas Folhas Topográficas de 1954 (43 — IGG: São José do Rio Preto). Segundo Theodoro Sampaio, o termo “no tupi do Sul, exprime *veado*; no tupi costeiro diz-se *suaçú*, aliás *çoó-açú*, que quer dizer a *caça grande, animal de vulto*. Como adjetivo, exprime *grande, grosso, largo, amplo*” (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário).

GUACURITU — Palácio, em seu roteiro de 1726, registrou a cachoeira *Guacorityba* (65 — Palácio, Francisco: 15). Müller, em seu mapa de 1837, anotou o topônimo sob a forma *Guacurimbu*, também junto a uma cachoeira (57 — Müller, Daniel Pedro: mapa). Em 1783, um viajante que percorreu a região, entre as “cachoeiras notáveis”, citou as de *Guacuritumirim* e *Guacurutuçu* (26 — *Divertimento admirável*: 136). Freitas, em sua obra de 1906, também fez o registro do topônimo: cachoeira *Guacurutuba* (37 — Freitas, Affonso A. de: 23). À margem do texto de Palácio, foi anotado com relação ao topônimo: “lugar onde há cocos de Guacoris, q seComem”. Por *guacuri* é conhecida uma espécie de palmeira (*Attalea princeps*). Segundo Antenor Nascentes, o termo vem do tupi *waku'ri* (58 — Nascentes, Antenor: dicionário). Como *tyba* é sufixo abundancial, o topônimo significa: lugar onde é abundante a planta guacuri.

GUAÍÓ — Um afluente da margem esquerda do Tietê, com tal denominação, foi registrado por Freitas em 1906 (37 — Freitas, Affonso A. de: 23) e, em 1954, nas Folhas Topográficas (43 — IGG: São Paulo). Segundo Theodoro Sampaio, *guayó* é a forma alterada de *guayaó* empregada em São Paulo, que significa cova dos caranguejos (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário). É provável que haja relação em *guajú*, formiga correição ou de *guaiú*, barulhento, ensurdecador, alarido, gritaria.

GUAPIRA — Um rio Guapira, também conhecido por *Cabuçu de Cima*, foi assinalado em 1954 nas Folhas Topográficas (43 — IGG: São Paulo). A propósito, Bernardino de Souza (80 — Souza, Bernardino José: dicionário) informa que outras formas do vocábulo são: *goapira* e *gapira*. Originário do tupi *gua-apira*, significa começo do vale, cabeceiras, nascentes. Este termo é usado em São Paulo para designar o começo de um vale, de uma grota, enfim, a cabeceira do vale. A origem do topônimo seria: *y-apyra*, isto é, cabeceira do rio ou de *ybytyguaia*, vale (9 — Barbosa, A. Lemos: vocabulário).

GUARAÍBA — Uma corredeira com este nome foi registrada no trabalho da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de S. Paulo (18 — CGG: 7). Produto de *guara-iba*, o Pequeno Dicionário Brasi-

leiro da Língua Portuguesa aponta para *guara* os seguintes significados: ave da família dos Ibídidas (*Endocimus Ruber*), também conhecida por flamingo, flamengo, gansão e ganso-do-norte; e mamífero carniceiro da família dos Cânidas (*Chrysocyon brachyurus*) (31 — Ferreira, Aurélio Buarque de Hollanda: dicionário). Enquanto *yba* seria pé de planta, haste ou caule, ou viria de *aiba*, ruim, estragado, impraticável (9 — Barbosa, A. Lemos: vocabulário).

GUARAREMA — Um córrego com este nome foi assinalado nas Folhas Topográficas de 1954 (43 — IGG: Bauru). Theodoro Sampaio (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário) indica: “*guara-rem*a, a madeira fétida; é o chamado pau d’alho (*Scorododendron*), com a sua casca descendendo a alho”. De acordo com este autor, ainda é usado no sul do Brasil como afixo para denominar madeiras. Segundo o Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa (31 — Ferreira, Aurélio Buarque de Hollanda: dicionário), o termo é designativo de uma árvore da família das “*Fitolacáceas* (*Gallezia gorazema*)”. De acordo com o Livro dos Municípios (51 — *Livro dos Municípios*: 392), esta madeira existia em grande quantidade na região, no século passado.

GUARAU — Um córrego com este nome foi registrado em 1954 nas Folhas Topográficas (43 — IGG: São Paulo). Theodoro Sampaio, a propósito de *guarauna* informa: “é também *guaraúna* a garça escura; uma *Ardea*, vulgo *Caráo* ou *Caráu*” (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário). O Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa acrescenta que por esse nome é conhecida uma “árvore leguminosa cuja madeira é empregada em carpintaria; nome de várias aves de plumagem denegrida, pertencentes à família dos *Tresquiornítidas*” (31 — Ferreira, Aurélio Buarque de Hollanda: dicionário).

GUARDINHA — Um córrego com este nome foi registrado nas Folhas Topográficas de 1954 (43 — IGG: São Paulo).

GUARIBA — Topônimo assinalado somente no trabalho da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de S. Paulo (18 — CGG: 7), identificando uma corredeira e uma ilha. Para Theodoro Sampaio, o topônimo em questão é uma “corr. *guarayba*, o indivíduo frio, a gente ruim. Designa uma casta de macacos (*Myctes*)” (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário). O Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa esclarece que o termo designa os macacos do “gênero *Alouatta*, que vivem em pequenos bandos, sob a direção de um velho macaco, conhecido por capelão ou padre-mestre”. Além desse significado é

assinalado o fato de ser o termo empregado em alguns lugares para designar pretos (31 — Ferreira, Aurélio Buarque de Hollanda: dicionário).

GUARITIÇA — Uma cachoeira assim denominada foi registrada pelo autor da Notícia 7.^a Prática (10 — Barros, Manuel de: 145), que interpretou o topônimo como “lugar onde há cachos de frutas”.

GUAXATUBA — As Folhas Topográficas assinalaram um ribeirão com este nome (43 — IGG: São Paulo). Há a possibilidade do topônimo ser o produto de *mduba-tuba-tyba*, daí *guaxinduba*, *gua-xi-tyba*, isto é, *guaxindiba*. Por esta última forma é denominada uma planta da “família das Malváceas (*Kydia brasiliensis*)”, segundo o Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa (31 — Ferreira, Aurélio Buarque de Hollanda: dicionário).

GUAYACURYTUBA — Freitas, em sua obra, apontou uma cachoeira com esta denominação (37 — Freitas, Affonso A. de: 23). Provavelmente o topônimo se originou da fusão de *guaicurutuba*. *Tuba*, como já assinalamos, é um sufixo abundancial. Quanto a *guaicuru*, o Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa informa que, além de designar uma tribo de índios que vivia em Mato Grosso e no Paraguai e o idioma por ela falado, o vocábulo é também empregado para indicar uma planta medicinal da família das Plumbagináceas (*Statice brasiliensis*) (31 — Ferreira, Aurélio Buarque de Hollanda: dicionário).

IACARI PUPIBA — Na Notícia 7.^a Prática encontramos referência à paragem *Iacari pupiba* com a explicação “ribeirão, onde matarão jacarés” (10 — Barros, Manuel de: 144). É provável que o topônimo tenha surgido de *jacaré-pepyra*. Ora, *pepyra*, segundo Lemos Barbosa, significa torcer, envergar (9 — Barbosa, A. Lemos: vocabulário). Logo, a expressão seria: jacaré envergado, jacaré torto.

LAIVAPIRU — Uma cachoeira com este nome foi registrada no diário de Juzarte (44 — Juzarte, Theotonio José: 234, 241), que traduziu uma vez como “mato feio” e outra “mato seco”. Entretanto, é possível que a composição seja: *y-ayba*, isto é, o rio ruim, a água ruim, o rio mau, mais *pirú*, que em guarani significa fraco, seco. Seria um topônimo indicativo de uma cachoeira acidentada e com pouca água.

IARIQUÊ — Um afluente da margem direita do Tietê, com este nome, foi citado por Freitas em 1906 (37 — Freitas, Affonso A. de: 24).

IBAURU — Juzarte registrou duas cachoeiras — guaçu e mirim — com este nome, tendo interpretado o topônimo como “onde se perdeu um guaçu” grande ou pequeno (44 — Juzarte, Theotonio José: 229, 240), conforme o caso. Uma possível decomposição para o topônimo seria: *y-bauru-guaçu*. Theodoro Sampaio, a propósito de *bauru* informa “corr. *ybá-urú*, o cesto de frutas” (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário). *Guaçu*, no caso, funcionaria como adjetivo, com o significado de grande. Logo, *Ibaurú guaçu* seria: o grande cesto de frutas.

ICACOARA-GUAÇU — O topônimo foi registrado por Juzarte junto a uma cachoeira e a sua interpretação foi “ondas grandes” (44 — Juzarte, Theotonio José: 234, 241). É possível que o topônimo se origine de *cassuá*. Ora, Theodoro Sampaio indica: “corr. *caá-açoiá*, a cobertura de folhas; o anteparo de folhagem; a trama ou tecido de paus ou de cipós; seirão de cipós para cangalha” (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário). Enquanto que *guaçu* significa grande.

IÇAPETUBA — Uma cachoeira com este nome foi registrada na Notícia 7.^a Prática, quando foi interpretada por cachoeira baixa (10 — Barros, Manuel de: 144). É provável que o topônimo venha de *sapé-tuba*. Ora, *sapé*, segundo Theodoro Sampaio, “corr. *eçá-pé*, ver caminho, alumiar. É a gramínea conhecida de que se fazem fachos, e tetos de habitação (*Saccharum sapé*)” (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário), tendo também o significado de terra estéril. *Tuba*, como já apontamos, é o sufixo abundancial. Logo, o significado seria lugar de muito sapé. Outra hipótese é a de que viria de *y-sapetuba*, isto é, rio do sapezal.

ICOACATU — Um ribeirão com este nome foi registrado por Juzarte (44 — Juzarte, Theotonio José: 227) em seu diário de 1769. Um rio com o mesmo nome foi assinalado no mapa de Montezinho (56 — Montezinho, Antonio Roiz: mapa) de 1791-92. Quanto à decomposição do referido topônimo, tanto pode ser *ycua(ra)-katu*, isto é, poço bom, ou *yguá-katu*. De acordo com Theodoro Sampaio, *iguá* é o mesmo que *igoá*: “corr. *y-guá*, o seio d’água, a enseada, a baía, a bacia fluvial, o lagamar” (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário).

IGUATEMI — Um córrego e um ribeirão com este nome foram assinalados nas Folhas Topográficas, sendo o ribeirão também conhecido por *Três Irmãos* (43 — IGG: Bauru). É provável que o topônimo venha de *ygareté*. Este termo, segundo Lemos Barbosa, significa canoa de madeira (9 — Barbosa, A. Lemos: vocabulário). O vocábulo, de acordo com o Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, designa uma “embarcação de um mastro e dez a quinze palmos de boca — Amazônia, espécie de chata — Mato Grosso e Goiás” (31 — Ferreira, Aurélio Buarque de Hollanda: dicionário). Outra possibilidade é a de que o topônimo seja o produto de *yguá-etê-mi*, isto é, a enseada verdadeira pequena.

ILHA — Na região do Tietê encontramos exemplos de topônimos que têm conotação de substantivos que indicam acidentes geográficos. Juzarte (44 — Juzarte, Theotonio José: 141) citava em 1769 uma cachoeira com este nome. No trabalho da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de S. Paulo (18 — CGG: 7) foi assinalada uma corredeira e a *Ilha Seca*, antiga *Itapuí*. O topônimo nesta forma composta ressurgiu nas Folhas Topográficas dando nome a uma corredeira, a uma ilha e a um córrego (43 — IGG: Araçatuba).

INFERNO — Um canal com este nome foi registrado por Juzarte (44 — Juzarte, Theotonio José: 237) em 1769. No trabalho da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de S. Paulo (18 — CGG: 2, 3, 7) o topônimo surgiu não somente junto a um canal, mas também dando nome a uma ilha. O topônimo foi registrado nas Folhas Topográficas de 1954 duas vezes: *Canal do Inferno* e *Água do Inferninho*, no primeiro caso identificando um trecho do Tietê (43 — IGG: Araçatuba, Bauru). Juzarte fez referência, em seu diário, ao perigo desse trecho do Tietê. Daí, talvez, sua denominação.

IPICU — Juzarte (44 — Juzarte, Theotonio José: 240), em seu diário de 1769, registrava uma cachoeira com este nome. Foi o único a fazê-lo dentre a bibliografia por nós consultada e apontou o significado do termo como “estirão comprido”. Um outro significado para o topônimo em questão seria: rio comprido desde que se originasse de *y-puku*.

IRAQUANGUA — Este topônimo, dando nome a uma cachoeira, foi assinalado no mapa de Müller de 1837: *Iraquangua-mirim* (57 — Müller, Daniel Pedro: mapa). Seria o mesmo que aracanguá?

ITABUCAVA — Juzarte, ao assinalar uma cachoeira com este nome, indicava que em português o significado do topônimo era “pe-

dras de espingarda" (44 — Juzarte, Theotonio José: 240). Foi este o único registro que encontramos na bibliografia consultada. O significado do termo se explica, pois é produto de *ita*, pedra, e *mocaba*, "arma de fogo; funil, tiro" (9 — Barbosa, A. Lemos: vocabulário).

ITAGAÇAVA — Uma cachoeira denominada *Itaguacaba* foi registrada na Notícia 7.^a Prática de Manuel de Barros, tendo o autor interpretado o vocábulo como "pedra, que atravessa o rio" (10 — Barros, Manuel de: 142). Em 1726, Palácio, em seu roteiro de viagem, assinalava duas cachoeiras de mesmo nome — *ItagaSsaba* — ao longo do Tietê (65 — Palácio, Francisco: 6). À margem do manuscrito, foi atribuído ao topônimo exatamente o mesmo significado acima referido. Palácio, com relação a uma das cachoeiras, assim se expressou: "atraveSsa o rio daesquerda the adireyta, onde vosfica oCanal /.../". Afora estes, outros autores também assinalaram o topônimo, sempre indicando uma cachoeira, se bem que sob formas diferentes, a saber: *Itagueçaba*, *Itaquessava* ou *Itagaçava*. Foram eles: Juzarte, que em 1769 tomou o vocábulo como significando "Lage que atravessa o Rio" (44 — Juzarte, Theotonio José: 240); um viajante, em 1783 (26 — *Divertimento admirável*: 136); Müller, em seu mapa de 1837 (57 — Müller, Daniel Pedro: mapa) e Freitas, em 1906 (37 — Freitas, Affonso A. de: 23). Podemos fazer a seguinte decomposição para o vocábulo em questão: *ita*, pedra, e *késsaba* (quessába), "lugar, tempo, etc. de dormir; rede, cama" (9 — Barbosa, A. Lemos: vocabulário). Logo, o topônimo significaria: cama de pedra ou pouso de pedra. Outra possibilidade seria decompor o topônimo em *itaky* e *sába*, isto é, lugar das pedras de afiar. Já para Martius, *itaguaçaba* vem a ser o mesmo que *tacasava*, originada de *itagua*, *tayua*, barro vermelho e *çaba*, cavado. Logo: argila rubra escavada (54 — Martius, Carl Friedrich Phil v.: 505).

ITAGUÁ — Um córrego com este nome foi citado nas Folhas Topográficas de 1954 (43 — IGG: São Paulo). Segundo Martius, *itagua*, *tayua*, vem a ser o barro vermelho (54 — Martius, Carl Friedrich Phil v.: 505). Para Theodoro Sampaio, *itaguá* ou *itá-guá* significa pedra ou argila variegada, de cores diversas (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário).

ITAIM — Este topônimo foi citado por Freitas, com referência a um dos afluentes da margem direita do Tietê (37 — Freitas, Affonso A. de: 24) e foi assinalado nas Folhas Topográficas de 1954 (43 — IGG: São Paulo), onde apareceu junto a um córrego e a um rio por nome *Itaim*, e também junto a outro rio com o

sufixo *guaçu*, todos afluentes da margem esquerda do Tietê. Segundo Theodoro Sampaio (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário), o topônimo é o produto de “*itá-im*, a pedra pequena, a pedrinha, a conchinha”.

ITAIPIRANGA — Juzarte registrou uma cachoeira com este nome em 1769, indicando significar “pedra vermelha” (44 — Juzarte, Theotonio José: 238, 241). O topônimo pode ser decomposto em *itaim-piranga*, significando pedrinha vermelha; ou *ita-y-piranga*, isto é, rio da pedra vermelha. Pois *ita* corresponde a pedra; *piranga* a vermelho, corado, e *y* a água, rio, etc. (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário).

ITAIPU — Um córrego com este nome foi registrado nas Folhas Topográficas de 1954 (43 — IGG: Bauru). Segundo Theodoro Sampaio, o termo é o produto de *itá-ypú*, ou seja, a fonte das pedras ou o manancial saído da pedra ou do rochedo (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário).

ITAMIRIGUAÇU — Céspedes Xeria, em 1628, registrou um afluente do Tietê como “*Ytamiriguaçu*” (90 — Xeria, Luiz de Céspedes: 97), que traduziu por: “Rio de piedras chicas y grandes”.

ITANHAÉM — O topônimo foi registrado pelo autor da Notícia 7.^a Prática (10 — Barros, Manuel de: 142), e por Palácio, em 1726, sob a forma *Itanheem* (65 — Palácio, Francisco: 5), designando uma cachoeira. O mesmo acidente geográfico foi assinalado por Juzarte em seu diário (44 — Juzarte, Theotonio José: 240) e, posteriormente, por Freitas (37 — Freitas, Affonso A. de: 23). Segundo Theodoro Sampaio, o vocábulo vem de “*itá-nhae*, a bacia de pedra, o vaso de metal, a panela de ferro” (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário). Enquanto Juzarte interpretava o topônimo como a “pedra que fala”, de *ita-nheeng’pla* (9 — Barbosa, A. Lemos: vocabulário), Manuel de Barros dizia que o termo significava apenas pedra. A interpretação dada para o topônimo, à margem do texto de Palácio, foi “pedra q falla”. Palácio esclarece, em seu roteiro, que existia nas proximidades “hua pedraalta com arêa vermelha, cuja pedra responde omesmo q qualqr peSsoa falla por eccos taõ distinctam.^{te} como q.^m fallou: aesta lhe chamo eu apedraConversavel, etãobem enSinada q Selhefallão alto da mesma Sorte responde, ecom taõ boaCriação, q Senão mete aonde anão chamaó, eafirmo qhé amais rara perfeição que tenho visto por estes reynos estranhos”.

ITAPANEMA — O topônimo foi registrado pela primeira vez em 1726 na Notícia 6.^a Prática (68 — Rebello, Gervásio Leite: 103),

junto a uma corredeira. Foi registrado uma outra vez em 1837, então no mapa de Müller (57 — Müller, Daniel Pedro: mapa). Composto de *ita*, pedra, e *panema*, “ruim, imprestável, inútil; infeliz, mal sucedido; pobre, falho, estéril” (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário), significa pedra ruim.

ITAPEMA — Uma cachoeira com este nome foi registrada por Juzarte (44 — Juzarte, Theotonio José: 240) em seu diário de 1769; por um viajante em 1783 (26 — *Divertimento admirável*: 136); por Müller em 1837 (57 — Müller, Daniel Pedro: mapa) e por Freitas (37 — Freitas, Affonso A. de: 23) em 1906. Juzarte, ao fazê-lo, traduziu por “pedra quebrada”. Para Theodoro Sampaio, *itapema* é o produto de “*itá-pema*, ou *itá-pema*, a pedra esquinada, ou angulada, à semelhança da parede”, empregada tanto na Bahia como em São Paulo (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário). O Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa indica que o termo designa também uma “ave da família das Falcônidas (*Elanoides forficatus*)” (31 — Ferreira, Aurélio Buarque de Hollanda: dicionário). Lemos Barbosa, em seu vocabulário, toma a palavra como sinônimo de “gavião-tesoura” (9 — Barbosa, A. Lemos: vocabulário).

ITAPEMERIM — Uma ilha com este nome foi assinalada na Notícia 7.^a Prática (10 — Barros, Manuel de: 143), e o significado ali apontado foi de “lages rasas”. Palácio fez o registro de duas cachoeiras: uma *Itapemerim* e outra *ItapemuSsu*. À margem do texto foram atribuídos aos topônimos os seguintes significados, respectivamente: “lage chata e pequena” e “lage grande” (65 — Palácio, Francisco: 7). Para Theodoro Sampaio (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário), o topônimo tem sua origem em “*itapé-mirim*, a lage pequena, a laginha”. Uma outra decomposição para o topônimo em questão seria: *itapema-mirim*, isto é, a pedra esquinada, angulosa e pequena.

ITAPEVA — O topônimo foi registrado por Freitas em 1906 (37 — Freitas, Affonso A. de: 23), junto a uma cachoeira. Em 1954, novamente foi assinalado pelas Folhas Topográficas (43 — IGG: São Paulo), dando nome a um córrego. Theodoro Sampaio (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário) informa que *itapeva* vem a ser o mesmo que *itapeba*: “*ita-peba*, a pedra rasteira, a lage, o penedão. Alt. *Itapeva*, *Itapé*”. Segundo Antenor Nascentes, este termo é empregado para designar o “recife paralelo à margem do rio” (58 — Nascentes, Antenor: dicionário). A propósito desse topônimo, Bernardino José de Souza (80 — Souza, Bernardino José de: dicionário) exemplifica citando Sud Menuccci, que em carta de 1.^o de janeiro de 1942, a propósito de

um córrego com esse nome, que atravessa a cidade de Piracicaba, informava ser a denominação devida ao "recife de pedras correndo paralelamente às margens".

ITAPOCU — ITAPOÇU — Parece tratar-se de um só vocábulo. Nas Folhas Topográficas (43 — IGG: São Paulo) encontramos o registro de um córrego Itapoçu e de uma cachoeira Itapocu. Segundo Theodoro Sampaio: "*itá-pucú*, a pedra comprida, a penha longa; a barra de ferro" (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário).

ITAPUÁ — Freitas, em 1906, registrou uma cachoeira com este nome (37 — Freitas, Affonso A. de: 23), o que foi feito também em 1954 nas Folhas Topográficas (43 — IGG: São Paulo). Segundo Antenor Nascentes (58 — Nascentes, Antenor: dicionário), a palavra designa "arpão curto com ponta de ferro, empregado na pesca da tartaruga", vindo do tupi: *itapu'ã*. Theodoro Sampaio, a propósito do significado de *itapuã*, esclarece: "*ita-apuã*, a pedra redonda, o bloco de pedra ou *itá-poã*, a pedra erguida, o penedo levantado" (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário).

ITAPURA — O referido topônimo é um dos poucos exemplos da região que estamos estudando que, além de ter uma longa história, foi registrado por quase todos os autores que tivemos a oportunidade de consultar. Assim, na Notícia 7.^a Prática (10 — Barros, Manuel de: 146) e no roteiro de viagem de Palácio de 1726 (65 — Palácio, Francisco: 19), um salto com este nome foi citado. Cabral Camello anotou em 1727 o topônimo como *Itapuyrás* (12 — Camello, João Antonio Cabral: 115). Dentre os demais autores que o citaram, podemos relacionar: Azambuja, em 1751 (7 — Azambuja, Conde — Antonio Rolim de Moura: relação); Juzarte, em 1769 (44 — Juzarte, Theotonio José: 239, 241); um viajante que percorreu o Tietê em 1783 (26 — *Diversimento admirável*: 136); Ordonhes, em 1785 (64 — Ordonhes, Diogo de Toledo Lara e: 206), Müller, em 1837 (57 — Müller, Daniel Pedro: mapa). O topônimo foi por vezes citado junto aos adjetivos *mirim* e *guaçu*, como, por exemplo, por Juzarte e por Müller. No trabalho da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de São Paulo (18 — CGG: 1, 2, 3, 6. 7) de 1905, o topônimo foi citado nada menos que sete vezes, junto a uma corredeira, a uma ilha, a quatro córregos e a um pouso, nas quais apareceu de forma simples ou acompanhado do adjetivo *mirim*. Freitas (37 — Freitas, Affonso A. de: 23), em seu trabalho de 1906 apontou uma cachoeira *Itapuá*. Seria a mesma? Nas Folhas Topográficas (43 — IGG: Araçatuba) de 1954 o topônimo foi assinalado junto a um córrego, junto a uma corredeira e junto a um salto; o primeiro à margem esquerda e os

seguintes à margem direita. A grafia do termo foi alterada através dos tempos: *Itaipurá*, *Itapura*, *Itapuru*, *Itapurá*, *Itapuy-rás*. Quanto ao significado, na Notícia 7.^a Prática foi interpretado como “Pedra dura” (10 — Barros, Manuel de: 147), enquanto que para Juzarte o vocábulo corresponderia a “Ponta de Pedra” (44 — Juzarte, Theotonio José: 241). À margem do texto de Palácio foi atribuído ao topônimo o significado de “salto m.^{to} alto”. Segundo Theodoro Sampaio (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário), o termo seria o produto de *itá-bura*, a pedra que emerge, que aflora, a pedra levantada, pois *bura* significa emergir.

ITAQUAQUECETUBA — Um afluente da margem esquerda do Tietê, com este nome, foi registrado por Freitas em 1906 (37 — Freitas, Affonso A. de: 23). Segundo Martius, o topônimo seria o produto de: *tacuara*, cana brava; *kyce*, faca e *tuba*, lugar (54 — Martius, Carl Friedrich Phil v.: 506). Para Theodoro Sampaio, o termo significa sítio das taquaras da qualidade taquaquicé (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário).

ITAQUERA — Um rio com este nome foi registrado por Freitas (37 — Freitas, Affonso A. de: 23) e nas Folhas Topográficas de 1954 (43 — IGG: São Paulo). Para Theodoro Sampaio, *itaquéra* é “corr. *itacuéra*, as pedras; penhascos. No guarani, *itá-cué*” (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário). A interpretação dada em Toponímia Brasileira (24 — Departamento Estatístico do Estado de São Paulo: 8) é de *itá-coéra*, isto é, pedra velha. Uma outra seria de pedra que dorme, se produto de *ita-kerá*.

ITAQUI — Este topônimo foi registrado nas Folhas Topográficas de 1954, dando nome a um ribeirão (43 — IGG: São Paulo). Segundo Theodoro Sampaio (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário), o termo *itaky* é comumente escrito *itaquy*, de *itá-ky*, “a pedra aguçada, a pedra de amolar”.

ITAQUIRI — Um córrego com este nome foi registrado nas Folhas Topográficas (43 — IGG: São Paulo). A interpretação dada em Toponímia Brasileira (24 — Departamento Estatístico do Estado de São Paulo: 8) é a de “rio do leito de pedras”. Fazendo-se a decomposição do topônimo em *itaqui-y*, o seu significado será: pedra de afiar ou rio da mó.

ITAXERIRICA — Palácio, em seu roteiro de viagem de 1726, registrou uma cachoeira denominada *Yeiririca*. Informava ele: “Navegando vereis hua caxoeira não m.^{to} gr.^{de}; paSsay pelo meyo

a remos, elogio tem huá correnteza com Suas pedras altas, eem meyo desta esta um poSso adireyta q Sempre ferve aagoa nelle, eesta m.^{to} quieta chamáo aesta Yeiririca, naó vos admi-reis de ver hum nome com tanto i, nem tambem as caxoeyras baptizadas com nomes nunca ouvidos em todo o Mundo /.../” (65 — Palácio, Francisco: 5, 6). Juzarte, ao registrar uma cachoeira com este nome, dizia significar “água que ferve” (44 — Juzarte, Theotonio José: 240). É provável que seja o produto de *ita-syryryka* (ou *syruca*): “deslisar, escorregar; re-cuar (resistindo); baixar (a maré)” (9 — Barbosa, A. Lemos: vocabulário). Logo, significaria: a pedra escorregadia. Theodoro Sampaio, por sua vez, ao tratar dos nomes dados pelos indígenas aos acidentes fluviais, esclarece que “a cachoeira com água impetuosa — *itupeva* ou *ycirica*, e, dada a especial pronúncia do primeiro *c*, que é antes chiado, se formou a variante *Yxirica* ou *Xiririca*, por aférese do *y* inicial” (76 — Sampaio, Theodoro: 113).

ITU — Referências à vila de Itu encontramos tanto na Notícia 6.^a Prática (68 — Rebello, Gervásio Leite: 101) como na Notícia 7.^a Prática (10 — Barros, Manuel de: 141). Montezinho, em seu mapa de 1791-92, apontou a freguesia de Itu (56 — Montezinho, Antonio Roiz: mapa), enquanto que Müller, anos mais tarde, em 1837, apontava um salto com este nome (57 — Müller, Daniel Pedro: mapa). Freitas, em 1906, fez referências à cachoeira de *Itu-Guassu* (37 — Freitas, Affonso A. de: 23). No trabalho da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de São Paulo também foi citado o salto de Itu (18 — CGG: 9). Segundo Theodoro Sampaio, o termo vem de “*y-tu*, a queda d’água, o salto, a cachoeira” (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário). O topônimo é bastante antigo, pois uma sesmaria foi dada a Pedro Vaz de Barros na localidade de Itu nos anos de 1607, de acordo com afirmativa de Aguirra (3 — Aguirra, João Baptista de Campos: 259).

ITUPANEMA — A cachoeira que leva este nome foi registrada na Notícia 7.^a Prática (10 — Barros, Manuel de: 145) de data desconhecida, cujo autor interpretou como “lugar onde se tem perdido gente”; foi registrada por Palácio em 1726 (65 — Palácio, Francisco: 13) e à margem do texto foi tomado como significando “salto seco”; foi registrada por Juzarte (44 — Juzarte, Theotonio José: 233, 241) em 1769, que tomou o vocábulo por “falhada” e, em 1906, por Freitas (37 — Freitas, Affonso A. de: 23). No trabalho da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de São Paulo foi esclarecido que a atual cachoeira do *Macuco* corresponde à antiga *Itupanema* (18 — CGG: 3). Theo-

doro Sampaio (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário) decompôs o vocábulo da seguinte forma: *itu*, vem de *y-tu*, isto é, queda d'água, o salto, a cachoeira; *panema*, ruim, imprestável, inútil, infeliz, mal-sucedido, pobre, falho, estéril. Logo, poderíamos traduzir por cachoeira falhada, como, aliás, fez Juzarte.

ITUPEBA — Uma cachoeira com este nome foi registrada pelo autor da Notícia 7.^a Prática (10 — Barros, Manuel de: 146) em data desconhecida. Em 1726, Palácio, em seu roteiro de viagem, assinalou o topônimo junto a uma itaipava (65 — Palácio, Francisco: 17), tendo-lhe sido atribuído o significado de “agoa por cima depedras razas”. Juzarte (44 — Juzarte, Theotonio José: 237, 241) apontou no seu diário de 1769 a existência de duas cachoeiras com este nome: uma *Itupeva* e a outra *Itupeva-mirim*, interpretando o termo como cachoeira rasa. Um viajante, em 1783, registrou-a como *Utupeva* (26 — *Divertimento admirável*: 136). Müller localizou em seu mapa um afluente do Tietê com este nome (57 — Müller, Daniel Pedro: mapa). Os documentos mais recentes anotam a existência de um novo topônimo também dando nome a uma cachoeira: *Itapeva*, a pedra chata, no dizer de Theodoro Sampaio (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário). Nós fazemos a seguinte pergunta: seria a mesma cachoeira? Quanto ao significado do topônimo, *Itupeba*, informa Theodoro Sampaio: “*ytu-peba*, queda d'água rasteira; a cachoeira baixa, a corredeira”. Manuel de Barros e Juzarte interpretaram o vocábulo como cachoeira rasa.

ITUPERAVA — Juzarte (44 — Juzarte, Theotonio José: 241) foi o único dentre os autores consultados que assinalou este topônimo dando nome a uma cachoeira. A interpretação dada foi “cachoeira da ferida”. O topônimo, provavelmente, vem de *yuberaba* ou *ituberava*, isto é, cachoeira brilhante ou salto reluzente. Para significar cachoeira da ferida, a composição deveria ser *ytupereba*, pois *pereba* é que significa, segundo Theodoro Sampaio, “cicatriz, ferida com casca, a ferida velha, a mancha da sarna”. Enquanto que *berá*, segundo o referido autor, é “corr. *beraba*, brilhante, reluzente, transparente, claro. Alt. *verava*, *verá*, *uerá*, *virá*, *birá*” (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário).

ITUPESEM — Palácio, em seu roteiro de viagem de 1726, registrou uma itaipava com este nome (65 — Palácio, Francisco: 14). À margem do manuscrito, foi atribuído ao topônimo o seguinte significado: “parsagem torta”.

ITAPIRU — O autor da Notícia 7.^a Prática fez referência a uma cachoeira denominada *Itupira* (10 — Barros, Manuel de: 146). No roteiro

de Palácio encontramos: ilha *Ytupiru* (65 — Palácio, Francisco: 17); em Juzarte: cachoeira *Itupiru* (44 — Juzarte, Theotonio José: 238, 241); num viajante que percorreu a região em 1783: cachoeira *Itupiru* (26 — *Divertimento admirável*: 136). No mapa de Müller consta uma cachoeira com este nome e Freitas, em 1906, apontou entre as cachoeiras do Tietê uma denominada *Itupiru* (37 — Freitas, Affonso A. de: 23). À margem do texto de Palácio foi feita a seguinte anotação com relação ao topônimo: “agoa q cae eespraya m.^{to} mas seco, onde não nadão Canoas”. Juzarte traduziu o vocábulo por cachoeira baixa e seca. Para Theodoro Sampaio (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário), trata-se de uma corruptela de *ytú-pirú*, a queda d’água seca ou enfraquecida.

ITUPUCU — Uma cachoeira com este nome foi apontada por Freitas (37 — Freitas, Affonso A. de: 23) em seu trabalho de 1906. Segundo Lemos Barbosa (9 — Barbosa, A. Lemos: vocabulário), o topônimo significa cachoeira ou salto alto, uma vez que *ytu* corresponde a salto, cachoeira, e *pucu* a comprido, alto.

IUHICOARA — O roteiro de viagem de Palácio assinala uma ilha com este nome no curso do Tietê (65 — Palácio, Francisco: 6). À margem do manuscrito foi anotado com relação ao topônimo: “onde Secriao sapos”.

IVAURU — Dentre as cachoeiras citadas por Juzarte, havia uma com o nome de *Ivauru-mirim*, que ele traduziu por “perdeu-se nela um baú” (44 — Juzarte, Theotonio José: 241). Só em Juzarte encontramos referência a este topônimo. Possivelmente, *ivauru* nada mais seja que uma corruptela de *ibauru* que, como vimos, significa cesto de frutas.

JACARÉ — Céspedes Xeria (90 — Xeria, Luiz de Céspedes: 97), em seu mapa de 1628, assinalou nada menos que três rios com o nome *Yacarey*. O topônimo reapareceu no trabalho da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de S. Paulo (18 — CGG: 2, 3, 7) dando nome a um rio: *Jacaré grande*. Nas Folhas Topográficas (43 — IGG: Bauru, Araçatuba) foram registrados dois rios, um *Jacaré guassú* e outro *Jacarezinho*. Segundo Céspedes Xeria, o termo significa “Rio de lagartos”. Na verdade, o Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa informa que o vocábulo designa diversas “espécies de crocodilianos do gênero *Caiman*, que vivem nos rios e lagoas, bem como uma árvore da família das Leguminosas, sub-família *Mimosácea*, do gênero *Piptandera*, também chamada monjolo” (31 — Ferreira, Aurélio Buarque de Hollanda: dicionário).

JACARÉ PEPIRA — Céspedes Xeria (90 — Xeria, Luiz de Céspedes: 97), em 1628, assinalou um rio por nome *Yacarepepi*. Juzarte, em 1769, registrou uma cachoeira sob a forma *Jacará (sic) popira* (44 — Juzarte, Theotônio José: 241). Um viajante que percorreu a região em 1783 citou *Jacarepipira*, um afluente do Tietê (26 — *Divertimento admirável*: 136). A Carta Chorographica da Capitania de São Paulo de 1793 assinalou os rios: *Jacaré pepira mirim e guaçu* (14 — *Carta Chorographica da Capitania de São Paulo*: mapa). No mapa de Montezinho, o registro foi feito sob as formas *Jacaré pipira mirim e guaçu* (56 — Montezinho, Antonio Roiz: mapa). Luiz d'Alincourt citou o rio *Jacaré pipira*, confluyente do Tietê, em sua memória sobre a viagem que fez no ano de 1818 (21 — D'Alincourt, Luiz: 16). Em 1906, Freitas citou como afluentes da margem direita do Tietê os rios: *Jacaré-pipira mirim e guaçu* (37 — Freitas, Affonso A. de: 24). Finalmente, em 1954, o topônimo foi assinalado nas Folhas Topográficas como rio *Jacaré pepira* (43 — IGG: Bauru). Segundo Céspedes Xeria, *yacarepepi* corresponde a "Pestaña de lagarto". Juzarte interpretou *jacará (sic) popira* como "sombrancellas de jacaré", enquanto que para Martius *Jacarepipira*, termo usado em São Paulo e Rio, vem de "jacaré, *picye pira* apanha peixe. *Crocodilus piscem capiens*" (54 — Martius, Carl Friedrich Phil v.: 508).

JACARECATINGA — Um ribeirão, também conhecido por Água Parada, foi registrado com o nome de Jacaretinga nas Folhas Topográficas de 1954 (42 — IGG: Araçatuba). Antenor Nascentes informa que o vocábulo é o produto de *jacaré* mais *tiga*, do tupi, que significa branco. *Jacaretinga*, enfim, vem a ser o mesmo que *Jacaré-de-óculos*, réptil da família Crocodílicos (*Caiman sclerops*). Caracteriza-se por possuir uma listra entre os olhos (58 — Nascentes, Antenor: dicionário). Outra composição provável para o topônimo em questão seria: *jacaré-catinga*, significando, nesse caso, jacaré de mau cheiro.

JACOB — Este antropotopônimo, junto a uma cachoeira, foi assinalado por Freitas em sua obra de 1906 (37 — Freitas, Affonso A. de: 23).

JACU — Um afluente do Tietê com este nome foi registrado nas Folhas Topográficas de 1954 (43 — IGG: São Paulo). Por esse nome são conhecidas as aves da família dos Crácidas, principalmente do gênero *Penelope* (31 — Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda: dicionário).

JACURUPAVA — Dentre as cachoeiras citadas por Freitas, há uma com este nome (37 — Freitas, Affonso A. de: 23). Podemos de-

compor o referido topônimo em: *jacuru-pava*. Segundo o Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa (31 — Ferreira, Aurélio Buarque de Hollanda: dicionário), *jacuru* é o nome de uma ave da família dos *Bucônidas* (*Nystalusc hacuru*), também conhecido por *João-bobo*, *chicolerê*, *dormião*, *fevereiro*, *jacuru* ou *jucuru*, *sucuru*, *joão-doido*, *joão-tolo*, *juiz-do-mato*, *rapazinho-dos-velhos* e *tamatião*. Quanto a *pava*, seria, na verdade, (p)aba. Lemos Barbosa indica que *aba* corresponde a saba: “suf. Participípio circunstancial: o em que, o com que, etc.” (9 — Barbosa, A. Lemos: vocabulário). Logo, o significado do topônimo seria: o lugar do *jacuru* ou o pouso do *jacuru*.

JACUTINGA — Um córrego com este nome foi registrado em 1954 nas Folhas Topográficas (43 — IGG: Bauru). Segundo o Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, o topônimo é designativo de uma ave da “família dos Crácidas (*Pipile jacutinga Spix*). Sinôn.: *jacuapeti*, *jacupará* e *peru-do-mato* (31 — Ferreira, Aurélio Buarque de Hollanda: dicionário). A propósito dos pássaros da região do Tietê, em relato de 1783, o autor dizia serem os jacus muito freqüentes naquela região e apresentarem sob “duas qualidades hun’s se chamão Jacutingas e outros Jacucácas” (26 — *Divertimento admirável*: 131).

JAGUARY — Müller (57 — Müller, Daniel Pedro: mapa), em seu mapa de 1837, assinalou um rio com este nome. O topônimo reapareceu nas Folhas Topográficas de 1954, também junto a um rio (43 — IGG: São Paulo). Segundo Theodoro Sampaio (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário), o vocábulo vem de *yaguar-y*, isto é, o rio da onça. O Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa esclarece que *jaguar* é o nome brasilíndio da onça pintada (*Panthera onça*), o maior carnívoro da América do Sul. Como sinônimos, cita: *jaguaretê* e *jaguarapinima* (31 — Ferreira, Aurélio Buarque de Hollanda: dicionário).

JAPONÊS — Este etnicotopônimo foi assinalado em 1954 nas Folhas Topográficas (43 — IGG: São Paulo). É um dos poucos exemplos de topônimos na região estudada que faz referência à presença de imigrantes na região.

JARAGUAHU — Um afluente da margem direita do Tietê, citado por Freitas em sua obra de 1906 (37 — Freitas, Affonso A. de: 24). Produto de *jaragua-hu*, segundo Theodoro Sampaio, *jaragua* trata-se de uma corruptela de “*yara-guá*, a baixa do senhor, o vale do dono” ou uma corruptela de “*yara-quã* — o dedo de Deus, a ponta do Senhor” (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário). *Hu*, *u* ou *y* é água, rio. Logo, seria: rio do vale ou rio do dedo de Deus.

JATAHY — No trabalho da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de S. Paulo sobre o rio Tietê encontramos o registro de uma corredeira e de uma ilha denominadas *Jatahyseiro* (18 — CGG: 7). Freitas, um ano depois, entre as cachoeiras daquele rio, assinalou uma por nome *Jatahy* (37 — Freitas, Affonso A. de: 23, 24). Nas Folhas Topográficas consta uma corredeira com este nome e um córrego do *Jatahyzeiro* (43 — IGG: Campinas e Bauru). Antenor Nascentes informa ser esse o nome de uma “árvore da família Leguminosae (*Hymenaea courbaril*) e de uma abelha da família Meliponidae (*Trigona jaty*). (Do tupi *yata’i*)” (58 — Nascentes, Antenor: dicionário). Para Theodoro Sampaio “corr. *yá-atã-yba*, contracto em *ya-atã-y*, a árvore do fruto duro (*yá-atã*). É a árvore *Hymenaea Cubaril*. Alt. *Gitaby, Jutahy*. Designa também uma qualidade de abelha, que toma este nome pela predileção de se aninhar nesta árvore” (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário). No caso, a conotação deve ser com a flora, pois a vegetação marginal ao rio Tietê era alta, rica em figueiras pretas, ingazeiros, anjicos e jataizeiros, segundo o trabalho da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de S. Paulo, datado de 1905 e acima citado (18 — CGG: 5).

JAÚ — O topônimo foi assinalado nas Folhas Topográficas (43 — IGG: Bauru) de 1954: *ilha do Jaú* e *rio Jaú*. Por este nome são conhecidos os peixes de rio da família dos Silúridas (*Paulicea lutkeni Steindachner*); na Amazônia, o mesmo nome é empregado para designar o *Tachysurus hersbergi*, da mesma família (31 — Ferreira, Aurélio Buarque de Hollanda: dicionário). Segundo Theodoro Sampaio, *jaú* ou *jahú* — “*ya-ú*, aquele que devora, é o grande peixe fluvial (*Platystoma*), freqüente no rio Tietê” (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário). Em Toponímia Brasileira (24 — Departamento de Estatística do Estado de S. Paulo: 9) encontramos a seguinte interpretação para o topônimo: “*y-au*, o que come, o que devora”. Já no Livro dos Municípios (51 — *Livro dos Municípios*: 9) a explicação dada para o vocábulo foi a seguinte: “o nome foi dado pelos bandeirantes que partindo de Porto Feliz para Cuiabá, pelo Tietê, pernотaram na foz desse rio e aí pescaram um grande jahú, daí o nome do rio, uma vez que a foz ficou conhecida como Barra do Ribeirão do Jahú”.

JIBÓIA — Um ribeirão Jibóia foi assinalado pelas Folhas Topográficas em 1954 (43 — IGG: Campinas). Segundo Theodoro Sampaio (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário), o termo vem de “*gihi-boy*, a cobra de rãs, o ofídio que se alimenta de rãs”. Antenor Nascentes esclarece que o termo é aplicado não só a uma cobra da família Bóidas (*Constrictor constrictor*), como a

uma planta da família Aráceas (*Philodendrum pottus*) (58 — Nascentes, Antenor: dicionário).

JOÃO GARCIA — Uma cachoeira com este nome foi registrada por Palácio, em seu roteiro de 1726 (65 — Palácio, Francisco: 7). Em 1769, Juzarte (44 — Juzarte, Theotonio José: 240) apontou entre as cachoeiras do Tietê uma por nome *Dugarcia*. Provavelmente seja esta a forma mais antiga do topônimo — *Garcia* — encontrado nos documentos mais recentes (vide Garcia). À margem do texto de Palácio o topônimo foi explicado nos seguintes termos: “Por nella morrer hum homem deste nome”. Juzarte também referiu-se ao fato: “perdeu-se este homem nela”.

JULIA AUGUSTA — Nas Folhas Topográficas (43 — IGG: Araçatuba) de 1954 foram registrados dois córregos: um *Júlia Augusta* e outro *Julinha*, ambos afluentes da margem direita do rio Tietê e muito próximos um do outro.

JUNDIAÍ — Na Notícia que o Alferes José Peixoto da Silva Braga deu a Diogo Soares, dizia: “Saí da cidade de São Paulo a três de julho de 1722 /.../ passado o rio Theaté fomos pousar neste dia junto ao mato de *Jundiaí*, quatro léguas distante da cidade de São Paulo...” (87 — Taunay, Afonso de E.: 121). Tanto no mapa anônimo (14 — *Carta Chorographica da Capitania de São Paulo*: mapa) como no de Montezinho (56 — Montezinho, Antonio Roiz: mapa) foi esboçado, em 1791-92, o trajeto de um afluente do Tietê por nome Jundiaí. Luiz d’Alincourt, em sua memória sobre a viagem que fez no ano de 1818, a propósito da então vila de *Jundiahy*, assim se expressou: “Foi Jundiahy no seu princípio uma Freguesia, erecta há perto de cento e oitenta anos: tira o nome do rio Jundiahy, e estes dos peixes chamados Jundiás, a cuja palavra juntando-se-lhe o y /.../ quer dizer rio, assim os dois substantivos formam um só nome que exprime o rio de *Jundiás*, ou rio em que há *Jundiás* (21 — D’Alincourt, Luiz: 47). Um afluente da margem esquerda e outro da direita foram citados por Freitas (37 — Freitas, Affonso A. de: 23, 24) e nas Folhas Topográficas o topônimo reapareceu ligado a um rio da margem direita e outro da margem esquerda do antigo *Anhembí* (43 — IGG: São Paulo). Segundo o Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, por *Jundiá* são conhecidos diversos peixes da “família dos Silúridas (va.: nhandiá)” e uma planta da família das Labiadas, também conhecida por meladinha-falsa (31 — Ferreira, Aurélio Buarque de Hollanda: dicionário).

JUNDIUVIRA — Um afluente da margem direita do Tietê que foi citado por Freitas em 1906 (37 — Freitas, Affonso A. de: 24) e nas Folhas Topográficas de 1954 (43 — IGG: São Paulo).

JUQUIÁ — Freitas anotou, dentre as cachoeiras do Tietê, uma com esta denominação (37 — Freitas, Affonso A. de: 23). O Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa dá como sinônimo de *Juquiá* o vocábulo *cuvu*. Por este nome é conhecido um aparelho de pescaria que é utilizado nos “lugares rasos e lodosos dos rios e lagoas” (31 — Ferreira, Aurélio Buarque de Hollanda: dicionário). Theodoro Sampaio faz as seguintes observações a propósito do vocábulo: “a nassa aberta; o covão de boca larga. Alagoas” (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário).

JUQUIRI — As únicas citações que encontramos deste topônimo foram as de Müller (57 — Müller, Daniel Pedro: mapa) e de Freitas (37 — Freitas, Affonso A. de: 24), nas quais o termo aparece ao lado de um rio, afluente da margem direita do Tietê. O Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa informa que por esse nome é conhecida uma planta da família das Leguminosas e da sub-família Papilionácea (*Machaerium aristulatum*) (31 — Ferreira, Aurélio Buarque de Hollanda: dicionário). Theodoro Sampaio, a propósito de *juquery*, tece as seguintes observações: “corr. *yuker-i*, o espinho propenso a dormir. Nome comum das *Mimosaceas*. Com a lixívia desta planta tirava o gentio uma espécie de sal com que temperava os seus manjares. São Paulo” (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário).

JURUMIRIM — Cabral Camello (12 — Camello, João Antonio Cabral: 114) registrou em suas Notícias Práticas um salto com este nome. Em seu roteiro de viagem, Palácio fez referência a umas pedras ao longo do Tietê “aq chamam oyurumirim” (65 — Palácio, Francisco: 5). Freitas também citou o topônimo, mas identificando uma cachoeira (37 — Freitas, Affonso A. de: 23), ao passo que nas Folhas Topográficas o topônimo ressurgiu ao lado de um córrego (43 — IGG: São Paulo). Cabral Camello, ao citar o referido salto, acrescentava: “significa boca pequena, assim é, pois o rio se mete nela e sai por um canal tão estreito que parece um funil”. Na verdade, *juru* significa “boca, trago, bocado”, e *miri* corresponde a pequeno, de acordo com Lemos Barbosa (9 — Barbosa, A. Lemos: vocabulário). Aliás, Theodoro Sampaio, ao estudar a palavra, faz a seguinte observação: “corr. *yurú-mirim*, a boca pequena, a barrinha” (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário). A mesma interpretação do topônimo foi feita à margem do texto de Palácio.

LAGOA DOS PATOS — Um córrego com este nome foi assinalado nas Folhas Topográficas de 1954 (43 — IGG: Bauru).

LAGOA SECA — Um córrego com este nome, afluente do Tietê, foi assinalado nas Folhas Topográficas (43 — IGG: Bauru).

LAJE — Tanto o trabalho da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de S. Paulo de 1905 (18 — CGG: 2, 7), como as Folhas Topográficas de 1954 (43 — IGG: São José do Rio Preto) registraram uma corredeira com este nome.

LAJEADO — Este topônimo foi registrado no trabalho da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de S. Paulo, dando nome a um ribeirão (18 — CGG: 7). Reapareceu nas Folhas Topográficas de 1954 (43 — IGG: Araçatuba, São Paulo) junto a dois ribeirões da margem esquerda do Tietê. Bernardino de Souza (80 — Souza, Bernardino José de: dicionário) informa que os vocabularistas do Rio Grande do Sul mencionaram este termo como designativo de arroio cujo leito é pedregoso, que corre sobre lajes. Os diferentes relatos fazem referência ao fato de a região tieteana ser rica em pedras, lajes, etc. O vocábulo deve refletir o aspecto da região, haja visto o grande número de topônimos compostos de *ita*, pedra.

LAMBARI — Em 1837, Müller (57 — Müller, Daniel Pedro: mapa) assinalou um rio com este nome. Em 1905, o trabalho da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de S. Paulo registrou uma ilha e um ribeirão assim denominados (18 — CGG: 2, 7). O ribeirão novamente reapareceu nas Folhas Topográficas de 1954 (43 — IGG: Araçatuba). A propósito de *Lambary*, Theodoro Sampaio informa: “corr. aramberi, o peixinho de água doce semelhante à sardinha. Alt. *araberí*, *alambary*”. Quanto a *araberí*: “*arabé-r-i*, a baratinha, um peixinho de água doce, vulgarmente chamado *alambary* ou *lambary* (*Chalceus nematurus*) em São Paulo, Minas Gerais e no Rio de Janeiro” (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário). Na verdade, por este nome são conhecidas diferentes espécies de peixes fluviais da família dos Carácidas (31 — Ferreira, Aurélio Buarque de Hollanda: dicionário). No trabalho da Comissão foi feita referência a um trecho do Tietê entre as corredeiras de *Aracanguá* e *Cruzes*, conhecido por “*Manso do Lambary*” (18 — CGG: 2).

LARANJA — Um córrego com este nome, afluente do Tietê, foi assinalado nas Folhas Topográficas de 1954 (43 — IGG: Bauru). Azambuja, ao escrever em 1751, já fazia referência a laranjas do mato, isto é, laranjais nativos que produziam laranjas maravi-

lhosas (7 — Azambuja, Conde de — Antonio Rolim de Moura: 187).

LARANJA AZEDA — Na bibliografia que consultamos, este topônimo apareceu pela primeira vez em 1905, quando a Comissão Geográfica e Geológica do Estado de S. Paulo o registrou junto a um porto (18 — CGG: 1, 5). Nas Folhas Topográficas de 1954 reapareceu não só dando nome a um porto como a um ribeirão e a dois córregos, sendo um deles também conhecido por córrego *Visconde de Parnaíba* (43 — IGG: Bauru). O topônimo *Laranja-Azeda* corresponde à *laranja-da-terra*, isto é, “árvore da família das Rutáceas (*Citrus aurantium Lin*), também chamada *laranja-amarga* e *laranja-azeda*; o fruto dessa árvore” (31 — Ferreira, Aurélio Buarque de Hollanda: dicionário).

LENÇÓIS — O autor anônimo da carta corográfica de 1793 (14 — *Carta Chorographica da Capitania de São Paulo*: mapa) registrou um ribeirão com este nome. Montezinho (56 — Montezinho, Antonio Roiz: mapa) apontou o topônimo dando nome a um rio, que foi também assinalado no mapa de Müller (57 — Müller, Daniel Pedro: mapa) de 1837; na obra de Freitas (37 — Freitas, Affonso A. de: 23) de 1906 e nas Folhas Topográficas (43 — IGG: Bauru) de 1954. Segundo o Livro dos Municípios (51 — *Livro dos Municípios*: 562), o vocábulo provém da grande quantidade de espuma formada pelas águas do rio, dando a impressão de um vasto lençol.

LEOPOLDINA — Um córrego com este nome foi assinalado nas Folhas Topográficas (43 — IGG: Araçatuba) de 1954. Não sabemos se o antrotopônimo se refere a D. Leopoldina, esposa de D. Pedro I, ou a outra pessoa que de uma forma ou de outra tenha seu nome ligado à região.

LIMEIRA — Um córrego com este nome foi assinalado pelas Folhas Topográficas (43 — IGG: São José do Rio Preto). Este vocábulo designa uma árvore da família das Rutáceas (*Citrus limetta*) (31 — Ferreira, Aurélio Buarque de Hollanda: dicionário).

LIMOEIRO — Uma ilha com este nome foi registrada no trabalho da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de S. Paulo (18 — CGG: 2, 7) de 1905. A mesma ilha foi assinalada nas Folhas Topográficas (43 — IGG: Bauru) de 1954. O vocábulo corresponde a uma árvore da família das Rutáceas (*Citrus limonum*), segundo o Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa (31 — Ferreira, Aurélio Buarque de Hollanda: dicionário).

LIMONADA — Em seu relato de viagem pelo Tietê, Palácio fez referência a umas *Pedras da Limonada* quando disse: “Vereis Logo hum posSo grande com agoa m.^{to} quieta naVolta q faz Sobre ap.^{te} direita estaó huás pedras com m.^{ta} correnteza, eperigozas chamãolhe as pedras da *Limonada*, e eu lhe chamo pedras deestancar vidas, porq todas as monções morre nellas gente afogada”. À margem do texto foi anotado: “Por nella morrer húa molher q fazia no rio de Janr.^o” (65 — Palácio, Francisco: 7).

LINDEIRO — Um córrego com este nome foi registrado nas Folhas Topográficas de 1954 (43 — IGG: São Paulo). O vocábulo foi empregado provavelmente no sentido de limite, de limítrofe (31 — Ferreira, Aurélio Buarque de Hollanda: dicionário).

LUSSANVIRA — Este topônimo foi registrado nas Folhas Topográficas, dando nome a um rio (43 — IGG: Araçatuba). Virgílio Corrêa Filho (19 — Corrêa Filho, Virgílio: 476) cita-o para exemplificar a existência na toponímia brasileira de “termos forjados pelos tupinólogos ou pela fantasia. *Lussanvira* foi o produto da reunião das iniciais dos sobrenomes dos engenheiros que dirigiram a construção da Estrada de Ferro Noroeste. Arthur Neiva (59 — Neiva, Arthur: 105), discorrendo sobre o topônimo, informa que houve muita confusão com relação a seu significado, pois muitos supunham ser de origem indígena. Depois é que se soube que Sampaio Corrêa, querendo homenagear um grupo de auxiliares seus na construção da referida estrada, compôs o nome com as iniciais dos homenageados, a saber: Ludgero Dolabella, Sanson de David, Victorino Avilla e Pereira Travassos. Segundo Neiva, “ficou assim creado (*sic*) o nome *Lusanvira*, bem eufônico e transpirando origem cabocla. A actual graphia (*sic*) com dois *ss* já é uma alteração”. Este é um dos poucos exemplos em que o nome de um curso d’água foi retirado de uma estação, uma vez que, na generalidade, estas são nomeadas a partir daquelas.

MACAÉ — Nas Folhas Topográficas foi assinalado um córrego com este nome (43 — IGG: Araçatuba). Theodoro Sampaio, a propósito de *macahé*, informa que se trata de uma corruptela de “*maca-é*, a macaba doce”. Quanto a *macaba*, corruptela de “*má-caba*, a cousa gorda, o que é carnudo ou polposo. É o fruto da palmeira. *Acrocomia sclerocarpa*”. Como alterações do vocábulo apresenta: *Macá*, *Baccaba*, *Bacá* (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário). Para Martius, *macahé* é uma palavra de etimologia dúbia, *ma* — interrogativo, *caa* — mato, *ae* — este? *amaca ae*, rede de dormir” (54 — Martius, Carl Friedrich Phil v.: 512).

MACAÚBAS — No trabalho da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de S. Paulo (18 — CGG: 3, 7), um ribeirão — *Macaúba* — foi assinalado. Nas Folhas Topográficas o registro foi feito: ribeirão *Macaúbas* (43 — IGG: Araçatuba). Theodoro Sampaio (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário) informa: *macáyba*, a árvore da macaba. É a palmeira *Acrocomia sclerocarpa*. O autor apresenta as seguintes alterações para o vocábulo: *Macahyba*, *Macahuba* e *Macayuba*.

MACHADO — Este antropotopônimo foi assinalado no trabalho da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de S. Paulo (18 — CGG: 3, 7) de 1905 por duas vezes, dando nome a um córrego e a uma ilha. Nas Folhas Topográficas (43 — IGG: Araçatuba, Bauru) os registros foram múltiplos: além do córrego e da ilha acima citados, denominados simplesmente *Machado*, fizemos o levantamento de um ribeirão do *Machado*, também conhecido por ribeirão *Maurício Machado*; de um porto *Machado* e de um córrego *Machado de Melo*.

MACUCO — Uma corredeira, uma ilha e um córrego com este nome foram registrados pela Comissão Geográfica e Geológica do Estado de S. Paulo em 1905 (18 — CGG: 2, 7). Neste trabalho há a indicação de que a cachoeira assim denominada era a conhecida por *Itupanema* (vide Itupanema). Nas Folhas Topográficas ambos foram assinalados (43 — IGG: Araçatuba, Bauru). Para Theodoro Sampaio, *macuco* é uma “corr. *Macucu*, c. *ma-cú-cú*, a cousa de muito comer, ou muito bom de comer”; alusão ao físico da ave deste nome, a qual “...tem no peito mais titelas que dous galipavos” (*Trachypelmus brasiliensis*) (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário). Antenor Nascentes afirma ser este o nome comum de diversas aves da família Tinâmidas, principalmente o *Tinamus solitarius* (58 — Nascentes, Antenor: dicionário).

MANDAQUI — Um rio, afluente do Tietê, foi registrado nas Folhas Topográficas de 1954 com este nome (43 — IGG: São Paulo). O termo vem, segundo Theodoro Sampaio, de *manda-aqui*, os feixes verdes, o montão úmido (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário).

MANDI — Um ribeirão com este nome foi registrado pelas Folhas Topográficas em 1954 (43 — IGG: São Paulo). Theodoro Sampaio aponta *Mandi* e *mandim* como alterações de *mandiy*, nome dado ao bagre (*Pimelodus Maculatus*) (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário). Na verdade, por *mandi* são conhecidos diversos peixes fluviais da família dos *Silúridas*, dos gêneros *Rhamdia*,

Pimelodus e *Pimelodella*, todos encontrados em São Paulo (31 — Ferreira, Aurélio Buarque de Hollanda: dicionário). Para Bernardino de Souza, o vocábulo designa o homem rústico, o caipira e é um localismo do sul de São Paulo (80 — Souza, Bernardino José: dicionário). O topônimo está a requerer maiores estudos; cremos, no entanto, com base no nosso estudo, que a interpretação de Theodoro Sampaio é a que mais se aproxima da realidade, visto o panorama geral da toponímia da região. A maior parte dos topônimos têm sua origem na fauna local. Outro pormenor a ser ponderado é o fato de a região ser apontada como grandemente piscosa, o que vem corroborar a nossa hipótese.

MANDIÇUNUNGA — Um rio com este nome foi registrado por Freitas em 1906 (37 — Freitas, Affonso A. de: 23) e nas Folhas Topográficas de 1954 (43 — IGG: São Paulo) junto a um ribeirão. O topônimo é o produto de *mandi-sununga*. Lemos Barbosa informa: sununga “zunir, soar, barulho, zunido; barulhento” (9 — Barbosa, A. Lemos: vocabulário). Portanto, o vocábulo significa: o mandi barulhento.

MANQUINHO — Um afluente da margem direita do Tietê, com este nome, foi citado por Freitas em seu trabalho de 1906 (37 — Freitas, Affonso A. de: 24). O Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa informa que a superstição popular, para não pronunciar o nome *Diabo*, o substitui por vários termos, entre eles manquinho (31 — Ferreira, Aurélio Buarque de Hollanda: dicionário).

MARCO — Um porto com este nome foi assinalado nas Folhas Topográficas de 1954 (43 — IGG: Bauru).

MARCOS PEREIRA — Um porto com esta denominação foi assinalado nas Folhas Topográficas de 1954 (43 — IGG: Araçatuba).

MARIANA — As Folhas Topográficas registraram um córrego com este nome (43 — IGG: São José do Rio Preto).

MATA — Duas vezes este topônimo foi assinalado nas Folhas Topográficas. Uma dando nome a um ribeirão e outra a um córrego, ambos afluentes da margem direita do Tietê (43 — IGG: Araçatuba).

MATADOURO — As Folhas Topográficas assinalaram um córrego com este nome (43 — IGG: São Paulo).

MATÃO — O topônimo foi registrado nas Folhas Topográficas de 1954 como *Águas do Matão* (43 — IGG: Bauru). O topônimo, em sua forma diminutiva, foi anotado pela Comissão Geográfica e Geológica do Estado de S. Paulo em 1905 (18 — CGG: 3): Ribeirão *Matãozinho*.

MATIAS — O autor da Notícia 7.^a Prática assinalou a existência no Tietê de uma cachoeira denominada *Mathias Pires* (10 — Barros, Manuel de: 142). Palácio, em seu roteiro de 1726, registrou-a como *Mathias Peres* (65 — Palácio, Francisco: 7). Juzarte, em 1769 (44 — Juzarte, Theotonio José: 240), e Freitas, em 1906 (37 — Freitas, Affonso A. de: 23), também fizeram o registro. Nas Folhas Topográficas o topônimo foi assim assinalado: corredeira *do Matias* (43 — IGG: São Paulo). À margem do texto de Palácio, foi anotado com relação ao topônimo: “Por nella morrer hú homem deste nome”. Enquanto Juzarte explicava: “perdeu-se este homem nela”.

MATO-GROSSO — Um ribeirão com este nome foi registrado no trabalho da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de S. Paulo (18 — CGG: 3, 7) e nas Folhas Topográficas (43 — IGG: Araçatuba). Segundo Bernardino de Souza, por este termo, não raras vezes, são designadas as matas (80 — Souza, Bernardino José de: dicionário).

MATO-SECO — Palácio registrou uma cachoeira com este nome em seu roteiro de 1726 (65 — Palácio, Francisco: 14). Juzarte, em 1769, ao citar em seu trabalho a cachoeira de *Yaivapiru*, dizia significar mato seco (44 — Juzarte, Theotonio José: 234, 241). Um viajante, em 1783, citou o topônimo junto a uma cachoeira (26 — *Divertimento admirável*: 136); Müller, em 1837, registrou-o também (57 — Müller, Daniel Pedro: mapa). O vocábulo, junto a uma ilha e a uma corredeira, foi apontado no trabalho da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de S. Paulo (18 — CGG: 2, 7). Freitas, em 1906, assinalou uma cachoeira do Tietê com este nome (37 — Freitas, Affonso A. de: 23).

MATOZINHO — Um ribeirão com este nome foi citado no trabalho da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de S. Paulo (18 — CGG: 7). Este topônimo tanto pode se referir a um tipo de vegetação como pode ser a forma diminutiva de um antropotônimo.

MBAE, Y RY — Céspedes Xeria (90 — Xeria, Luiz de Céspedes: 97), em seu mapa de 1628 assinalou um afluente do Tietê com este nome, que dizia significar “Rio capax de alojamento”.

MBAGUARIGUIEN — Um rio com este nome foi assinalado do mapa de Céspedes Xeria (90 — Xeria, Luiz de Céspedes: 97) de 1682. A interpretação dada pelo autor foi “vomitado de un pasaro”. Theodoro Sampaio (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário) informa que *mbaguari* é corruptela de *baguari*, nome dado a uma espécie de garça (*Ciconia Maguari*). O Pequeno Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa indica que por *baguari* é conhecido um grande socó indígena (*Ardea cocoi*) (31 — Ferreira, Aurélio Buarque de Hollanda: dicionário). Lemos Barbosa (9 — Barbosa, A. Lemos: vocabulário) indica que *maguari* é o nome dado à cegonha brasileira, e *gueena* corresponde ao “vomitar, a cousa vomitada”.

MBOY, RI J — Este topônimo foi citado por Céspedes Xeria (90 — Xeria, Luiz de Céspedes: 97) em 1682, que então o interpretou como “Rio de las quantas”. Na verdade, *mboyra* corresponde a conta, colar. Logo, *Mboyra-y* (rio, água) significa: rio das contas.

MEIO — As Folhas Topográficas registraram um córrego, afluente do Tietê, com este nome (43 — IGG: Bauru).

MEIA LÊGUA — Uma corredeira e uma ilha com este nome foram citadas no trabalho da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de S. Paulo (18 — CGG: 2, 3, 7).

MENEZES — Um porto assim denominado foi assinalado nas Folhas Topográficas (43 — IGG: Araçatuba).

MONÇÃO — Uma corredeira com este nome foi registrada pela Comissão Geográfica e Geológica do Estado de S. Paulo em 1905 (18 — CGG: 7). O vocábulo reapareceu nas Folhas Topográficas de 1954, então dando nome a um porto e a um ribeirão (43 — IGG: Bauru). É fácil a explicação da existência do mesmo na região tieteana. Como é sabido, por esse nome passaram à história as viagens fluviais que os bandeirantes paulistas empetraram, principalmente no século XVIII, em direção a Mato Grosso, com o fito não só de trazer metais como de levar abastecimento à população lá estabelecida.

MONJOLO — Um córrego com este nome foi assinalado nas Folhas Topográficas (43 — IGG: Bauru) de 1954. Segundo Bernardino de Souza (80 — Souza, Bernardino José: dicionário), este “termo peculiar ao sul do Brasil, designativo de um primitivo aparelho movido por água, destinado a pilar o milho e o primeiro que se aplicou ao descascamento do café”. Provavelmente, a existência de um destes aparelhos levou à adoção do mesmo para nomear o córrego.

MONTE ALEGRE — Um córrego com este nome foi assinalado nas Folhas Topográficas (43 — IGG: Bauru).

MOQUEM — Um rio com este nome foi assinalado por Freitas (37 — Freitas, Affonso A. de: 24), e nas Folhas Topográficas (43 — IGG: Bauru) o topônimo foi registrado junto a um ribeirão. Lemos Barbosa, a propósito do significado de *mocae*, informa: “tostar, moquear, secar, moqueado, grelha” (9 — Barbosa, A. Lemos: vocabulário). Lery, por exemplo, a propósito do preparo das raízes de mandioca e aipim, afirmava: “depois de arrancadas, as mulheres (só elas se ocupam disso) assam-nas ao fogo ou no *moquem*, quando não as ralam frescas sobre prancha de pau cravejadas de pedrinhas pontudas (como o fazemos ao queijo e à noz moscada), reduzindo-as a uma farinha alva de neve”. Em outra passagem, dizia: “as postas de carne, bem como as tripas depois de bem limpas, são colocadas no moquem, em torno dos quais se juntam as gulosas velhas para recolher a gordura escorrida” (48 — Lery, Jean de: 83, 161). Hans Staden, ao narrar a sua estada entre os índios, conta, a uma certa altura, que, a um pedido seu para o levarem até o navio dos franceses, eles “prometeram que aí me levariam, mas primeiro queriam descansar e comer o *moquem*, a carne assada dos cristãos”. Em outra oportunidade explicava que quando os índios queriam conservar o peixe ou a carne colocavam os mesmos sobre “pequenos paus à altura de quatro palmos acima do fogo, que fazem em baixo, de tamanho adequado, deixando ao alimento assar e defumar até que fique completamente seco. Quando mais tarde querem comê-lo, cozinham-no de novo. Chamam a esta comida *moquém*” (81 — Staden, Hans: 134, 164).

MORRO DOS MATEUS — Um córrego com este nome foi registrado pelas Folhas Topográficas em 1954 (43 — IGG: São Paulo).

MORTO — Juzarte (44 — Juzarte, Theotonio José: 229), em seu diário de 1769, já assinalou a existência de um trecho do rio Tietê com este nome, a saber: “daqui fomos grande distância por um estirão de rio morto”. No trabalho da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de S. Paulo (18 — CGG: 2), de 1905, este trecho foi assinalado, bem como nas Folhas Topográficas, onde o topônimo apareceu também junto a um afluente do Tietê (43 — IGG: Bauru). No trabalho da Comissão foi feito um estudo particularizado do “Rio Morto”, que foi então definido como “um longo trecho do baixo Tietê, estendendo-se por um vasto estirão de umas doze léguas de comprimento, e que começando logo abaixo da perigosa corredeira do Arranca-Rabo, vai terminar um pouco acima da corredeira da Lage, variando a sua largura entre 200 a 400 metros. É assim chamado, não

porque a vida não se manifeste em seu leito, como no célebre lago da Palestina, mas por causa da correnteza quase nula das suas águas, que tranqüilas e silenciosas nos dão a idéia de um grande lago dormente”.

MUITOS FILHOS — Uma ilha assim denominada foi assinalada nas Folhas Topográficas (43 — IGG: Bauru).

NICO DA BARRA — Um rio com este nome foi registrado nas Folhas Topográficas (43 — IGG: São Paulo) de 1954, com a observação de que é também conhecido por *rio da Cachoeira*. Segundo o Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, *nico* significa mico, macaco; enquanto que, entre os significados de *barra*, podemos citar: qualquer pedaço grosso de madeira, entrada estreita de um porto; no Brasil: banco ou coroa de areia ou de outros sedimentos trazidos pelos rios e depositados nas suas bocas e nas dos estuários; foz de um rio ou riacho (31 — Ferreira, Aurélio Buarque de Hollanda: dicionário). Outra hipótese que pode ser levantada é a de que se trate simplesmente de um antrotopônimo. Em reforço à primeira interpretação, podemos afirmar, de acordo com o testemunho de um viajante que percorreu a região em 1783, que era grande o número de *micos* na zona do Tietê (26 — *Divertimento admirável*: 132), quando o autor, ao referir-se à caça da região, dizia: “outros têm o nome de micos com a cor tocada a preto”.

NICOLAU — Apenas as Folhas Topográficas fizeram menção a este topônimo, ao registrarem o porto Nicolau (43 — IGG: Bauru).

OFICINA — Em 1906, no trabalho da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de S. Paulo, foi feita referência a um ribeirão com este nome, afluente do Tietê (18 — CGG: 3). Nas Folhas Topográficas foi assinalado um ribeirão *das Oficinas*, também conhecido por *dos Ferreiros* (43 — IGG: São José do Rio Preto).

ONÇA — Montezinho registrou o topônimo em seu mapa de 1791-92, dando nome a um rio (56 — Montezinho, Antonio Roiz: mapa). Müller fez o mesmo em 1837 (57 — Müller, Daniel Pedro: mapa). No trabalho da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de S. Paulo de 1905 (18 — CGG: 3, 7), foram assinalados com este nome uma ilha e um ribeirão. Freitas, em 1906, citou um afluente da margem direita do Tietê com tal denominação (37 — Freitas, Affonso A. de: 24). Nas Folhas Topográficas de 1954 (43 — IGG: Bauru, Campinas) o topônimo foi apontado junto a um córrego da margem direita do rio Tietê e a um ribeirão da margem esquerda do mesmo rio, além de

nomear, também, uma ilha. Um viajante que percorreu a região no ano de 1783 informava sobre a existência de onças em toda a extensão do grande rio (26 — *Divertimento admirável*: 134).

ONDAS — Este topônimo, simples ou composto, foi citado em várias fontes que tivemos a oportunidade de consultar. O autor da Notícia 7.^a Prática (10 — Barros, Manuel de: 145) e Palácio, em seu roteiro de 1726 (65 — Palácio, Francisco: 14), registraram as cachoeiras *Ondas Grandes* e *Ondas Pequenas*. A propósito da primeira, informava Palácio que atravessava todo o rio e advertia o leitor que tivesse cuidado na saída, pois ali havia “húa pedra, ehe precizo desviar della aSaber Cortar asondas queestafaz, queSempre algúas entrarâm dentro naCanoa, mas não importa, porqueestas refrescam omantimento, e afa-zenda /.../”. Em 1726, uma corredeira por nome *Ondas Grandes* foi citada pelo autor da Notícia 6.^a Prática (65 — Rebello, Gervásio Leite: 103). Juzarte (44 — Juzarte, Theotonio José: 241), em seu diário de 1769, ao apontar a cachoeira *Icacoara-guaçu*, dizia que o termo significava *Ondas Grandes*. Um viajante que percorreu a região no ano de 1783 anotava entre as cachoeiras do Tietê as de *Ondas Grandes* e *Ondas Pequenas* (26 — *Divertimento admirável*: 136); Müller assinalou-as em seu mapa de 1837 (57 — Müller, Daniel Pedro: mapa). No trabalho da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de S. Paulo (18 — CGG: 2, 3, 7) de 1905, foram citadas: corredeira *Ondas Grandes*, corredeira *Ondinhas*, ilha *Ondinhas* e ribeirão *Ondinhas*. Freitas, em 1906, só assinalou uma cachoeira por nome *Ondas* (37 — Freitas, Affonso A. de: 23).

OSÓRIO — Um córrego com este nome foi registrado nas Folhas Topográficas (43 — IGG: Araçatuba). É possível que o topônimo seja uma homenagem ao herói da Guerra do Paraguai, Manuel Luís Osório, Marquês de Eral.

P. SALES — Um córrego denominado P. Sales foi registrado nas Folhas Topográficas (43 — IGG: Araçatuba).

PACAEMBU — Um afluente da margem esquerda do Tietê foi citado com este nome na obra de Freitas, de 1906 (37 — Freitas, Affonso A. de: 24). Para Theodoro Sampaio, “corr. *paca-yembó*, ou *paca-yembú*, o arroio das pacas” (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário).

PALMEIRAS — Freitas citou entre os afluentes da margem direita do Tietê um com este nome (37 — Freitas, Affonso A. de: 24). As Folhas Topográficas registraram o topônimo junto a um córrego e a um ribeirão, ambos à margem direita do Tietê (43 —

IGG: Bauru, Araçatuba). Palmeira é o nome genérico de todas as plantas da família das Palmáceas (31 — Ferreira, Aurélio Buarque de Hollanda: dicionário). No estudo feito pela Comissão Geográfica e Geológica do Estado de S. Paulo, em 1905, a propósito das espécies vegetais existentes ao longo do rio, as palmeiras foram citadas, o que, por si, explica o emprego do vocábulo como topônimo (18 — CGG: 5).

PALMITAL — As Folhas Topográficas registraram um córrego com esta denominação (43 — IGG: Bauru). O vocábulo é sinônimo de *pindobal*, isto é, “floresta de palmeiras de coco-de-macaco (babaçu), quando ainda pouco desenvolvidas /.../, mata de pindobas”. Ora, *pindoba* designa “a planta da família das palmáceas (*Attalea compta*). Var.: pindova” (31 — Ferreira, Aurélio Buarque de Hollanda: dicionário).

PÃO — Uma cachoeira do Tietê assim denominada foi citada num documento de 1783 (26 — *Divertimento admirável*: 136).

PARÁ — Um afluente da margem esquerda do Tietê foi registrado com este nome por Freitas em sua obra de 1906 (37 — Freitas, Affonso A. de: 24) e nas Folhas Topográficas de 1954 (43 — IGG: Campinas). Segundo Lemos Barbosa, *pará* e *paranã*, geograficamente, foram empregados para designar o mar e os rios mais caudalosos (8 — Barbosa, A. Lemos: 64). Para Theodoro Sampaio, *pará* corresponderia a *mbará* ou *mará*, isto é, o mar. Em tupi, *pará* corresponde a rio volumoso, caudal. Um outro significado para o termo, apontado pelo autor, é o de variedade, policromia, derivando-o de *parab* e funcionando como adjetivo, com significado de: vário, variegado e multicolor (76 — Sampaio, Theodoro: 109, 258). Segundo Lemos Barbosa, em guarani mar é *pará*; rio é *y*; rio volumoso, *paranã*, enquanto que em tupi mar é *paranã* e rio é *y-guassu*. No entanto, geograficamente, *pará* e *paranã* foram empregados para designar os maiores rios, como acima mencionamos (8 — Barbosa, A. Lemos: 64).

PARAHYTINGA — Um afluente da margem direita do Tietê foi citado com este nome por Freitas em sua obra de 1906 (37 — Freitas, Affonso A. de: 24). Segundo Theodoro Sampaio, trata-se de uma “corr. *paray-tinga*, o parahyba branco, ou de águas claras”, pois *parahyba* vem de “*pará-ayba*, o rio ruim, impraticável, à força de dificuldades naturais da corrente; rio imprestável” (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário).

PARAISO — O topônimo foi citado por Freitas (37 — Freitas, Affonso A. de: 23) e registrado junto a um córrego nas Folhas Topográficas de 1954 (43 — IGG: Araçatuba).

PAREDÃO — O trabalho da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de S. Paulo registrou uma corredeira com este nome (18 — CGG: 7). O termo, entre outros significados, é empregado no Brasil para designar fenômenos geográficos diferentes, conforme as regiões. Assim, em Mato Grosso, o seu emprego está ligado às ribanceiras elevadas (muitas vezes a pique) de um rio; no Rio Grande do Sul, às encostas abruptas da serra, e na Paraíba ao cordão de recifes submersos (31 — Ferreira, Aurélio Buarque de Hollanda: dicionário). Só uma pesquisa de campo poderia nos dar o exato significado do topônimo.

PARNAÍBA — Uma freguesia com este nome foi registrada por Montezinho em um mapa de 1791-92 (56 — Montezinho, Antonio Roiz: mapa). O topônimo voltou a ser assinalado em 1906 por Freitas, que apontou uma das cachoeiras do rio Tietê por nome Parnaíba (37 — Freitas, Affonso A. de: 23). O topônimo é o produto de *paraná*, mar, rio caudaloso, e mais *aika*, ruim, estragado, impraticável (9 — Barbosa, A. Lemos: vocabulário). Logo: o rio caudaloso e ruim. Em seu diário de viagem de 1803, Martim Francisco Ribeira de Andrade Machado explicava que “a etimologia do nome Parnahiba vem da língua do paiz, de parana, rio, iba, ruim, q’não presta, isto he, rio ruim, não navegável por causa dos saltos e caxueiras, e não piscosos” (42 — Instituto de Estudos Brasileiros da USP: MS., Cod. 95.2.A8).

PASSARINHOS — Uma ilha com este nome foi assinalada no trabalho da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de S. Paulo (18 — CGG: 2, 7) e pelas Folhas Topográficas (43 — IGG: Bauru). Além do termo ser sinônimo de pequeno pássaro, designa também “certa árvore silvestre, de flores vermelhas e amarelas” (31 — Ferreira, Aurélio Buarque de Hollanda: dicionário). Acreditamos que o topônimo, no caso, faça referência à presença de pássaros na região, pois, em 1783, um viajante fazia a seguinte observação: “Os pássaros são innumeráveis e de diversas qualidades...” (26 — *Divertimento admirável*: 132).

PATOS — A Carta Corográfica (14 — *Carta Chorographica da Capitania de S. Paulo*: mapa) de 1793 já assinalava um ribeirão com este nome. O mesmo fizeram Montezinho (56 — Montezinho, Antonio Roiz: mapa) em 1791-92, Müller (57 — Müller, Daniel Pedro: mapa) em 1837 e a Comissão Geográfica e Geológica do Estado de S. Paulo (18 — CGG: 3, 7) em 1905. Nas Folhas Topográficas de 1954 (43 — IGG, Bauru, Araçatuba, São José do Rio Preto), o topônimo foi registrado junto a um ribeirão à margem esquerda do referido rio, além de outro

nessa mesma margem por nome córrego dos *Patinhos*. Pato é o termo empregado para designar as aves da família dos Anátidas (31 — Ferreira, Aurélio Buarque de Hollanda: dicionário). Um viajante que percorreu o Tietê, em 1783, anotou a presença desses animais na região (26 — *Divertimento admirável*: 132). Aliás, Juzarte, em seu diário de 1769, dizia: "... aqui ficou a gente contente porque uns caçando Patos, outros tirando abelheiras, outros tirando palmitos, todos tinham em que se divertir, e que comer..." (44 — Juzarte, Theotônio José: 238).

PAU — No roteiro de viagem de Palácio, datado de 1726, foi assinalada uma ilha com este nome (65 — Palácio, Francisco: 17).

PAU D'ALHO — As Folhas Topográficas registraram um córrego e um ribeirão com este nome (43 — IGG: Bauru). Por *Pau d'Alho* é conhecida uma árvore da família das Fitolacáceas (*Gallezia garazema*), também denominada de *guararema* (31 — Ferreira, Aurélio Buarque de Hollanda: dicionário).

PAU SANTO — Uma cachoeira com este nome foi registrada na Notícia 6.^a Prática (68 — Rebello, Gervásio Leite: 102) e por Palácio (65 — Palácio, Francisco: 5). Müller assinalou-a em seu mapa de 1837 (57 — Müller, Daniel Pedro: mapa). Freitas também o fez, em 1906, ao apresentar a relação das cachoeiras do Tietê (37 — Freitas, Affonso A. de: 23). Palácio informa em seu roteiro de viagem: "/.../ está huá Caxoeira chamada *Pau Santo* cujos milagres Sam indiabrados, hê m.^{to} perigoza; ireis a remos pela man direyta desviandovos daterra, ecom m.^{to} cuidado, porq não tope aCanoa do Pau hypocrita, pois este toma oCanal /.../". À margem do texto, foi anotado com relação ao topônimo: "Por todas as canoas toparem nelle". Por Pau-de-santo é conhecida a árvore meliácea (*Cobralea cangerana*) (31 — Ferreira, Aurélio Buarque de Hollanda: dicionário).

PEDERNEIRAS — Uma corredeira com este nome foi registrada pelo autor da Notícia 7.^a Prática (10 — Barros, Manuel de: 143). Por Palácio, o topônimo foi citado junto a uma itaipava e sob a forma de Pedreneiras (65 — Palácio, Francisco: 8). Um viajante que em 1783 percorreu a região referiu-se a uma cachoeira do Tietê com este nome (26 — *Divertimento admirável*: 136). Fizeram também o seu registro: Müller, em seu mapa de 1837 (57 — Müller, Daniel Pedro: mapa), e Freitas, em sua obra de 1906 (37 — Freitas, Affonso A. de: 23). Nas Folhas Topográficas de 1954 o topônimo foi citado junto a um ribeirão e a um córrego da margem direita, bem como a um ribeirão da margem esquerda do Tietê (43 — IGG: Bauru, Araçatuba,

Campinas). À margem do texto de Palácio, o topônimo foi interpretado como significando: “onde hã eSetira pedras p.^a espingardas”. O Livro dos Municípios (51 — *Livro dos Municípios do Estado de São Paulo*: 726) relaciona o vocábulo com “pedra dura que produz lume”, que era abundante nesse município. Aliás, o vocábulo designa “pedra muito dura que produz faíscas, quando ferida com um fragmento de aço; sílex”, segundo o Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa (31 — Ferreira, Aurélio Buarque de Hollanda: dicionário).

PEDRA-DE-FERRO — As Folhas Topográficas de 1954 registraram uma ilha com este nome (43 — IGG: Bauru). Esta é a “designação vulgar do basalto (Sergipe), arenito silicificado muito duro”, segundo o Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa (31 — Ferreira, Aurélio Buarque de Hollanda: dicionário).

PEDREIRA — As Folhas Topográficas de 1954 assinalaram um córrego com este nome (43 — IGG: São Paulo).

PEDROSO — Este antrotopônimo foi registrado nas Folhas Topográficas junto a um córrego (43 — IGG: São Paulo).

PEIXE — Céspedes Xeria (90 — Xeria, Luiz de Céspedes: 97) fez referência ao rio *piray* que, segundo ele, significava “Rio dos peixes”. É interessante notar-se que o topônimo só reapareceu nos documentos em que pesquisamos em 1906, na obra de Freitas (37 — Freitas, Affonso A. de: 23) e nas Folhas Topográficas em 1954 (43 — IGG: Bauru). É verdade que nos documentos que consultamos e que medeiam o período entre 1628 e 1906 há referências, em vários topônimos, ao peixe. Porém, o topônimo em si só figura nos documentos acima citados.

PEQUENO — Um canal com este nome foi assinalado nas Folhas Topográficas (43 — IGG: Araçatuba).

PELOUROS — Este topônimo foi registrado por Müller em seu mapa de 1837 (57 — Müller, Daniel Pedro: mapa). Por Pelouro eram conhecidas as balas de metal que antigamente se empregavam em certas peças de artilharia (58 — Nascentes, Antenor: dicionário).

PERNAMBUCO — No roteiro de viagem de Palácio, de 1726, encontramos o registro de uma ilha com este nome (65 — Palácio, Francisco: 20). Juzarte fez o mesmo em 1769 (44 — Juzarte,

Theotonio José: 240). O topônimo é o produto de *paranã* e *puca* (mbuca). Ora, *paranã*, geograficamente, foi empregado para designar o mar e os rios caudalosos (8 — Barbosa, A. Lemos: 64), enquanto *puca* tem o significado de ser ou ter buraco; fender-se, fenda, rebentar, poluir-se (9 — Barbosa, A. Lemos: vocabulário). Logo, seria fenda do rio. Já Theodoro Sampaio, discorrendo sobre a palavra, é de opinião que: “corr. *paranã-mbuca*, o furo ou entrada do laga-mar; alusão à brecha natural do recife por onde o lagamar se comunica com o mar. O nome *paranambuca* era comum na costa do Norte, no trecho dela tomado pelos recifes, e o sentido que os índios lhe davam era o de *furo*, *entrada*, passagem natural aberta na muralha do recife. No tupi do Norte, no Nheengatú, *paranã-mbuca* quer dizer — jorro do mar — alusão à embocadura por onde ele se escapa” (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário).

PEROVÁ — Freitas, em 1906 (37 — Freitas, Affonso A. de: 24) e as Folhas Topográficas, em 1954 (43 — IGG: São Paulo), assinalaram um afluente, da margem direita do Tietê, com este nome. Theodoro Sampaio informa que o vocábulo corresponde a *iperoba*, isto é, “corr. *ypê-roba*, a casca amargosa. Alt. Peroba. (*Aspidosperma*). Alt. Iperó” (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário). *Peroba* é o nome pelo qual é conhecida uma árvore da família das Apocinaceas (*Aspidosperma polyneuron*), ou *perobeira*. Agora isto, é empregado para designar outras espécies do mesmo gênero (31 — Ferreira, Aurélio Buarque de Hollanda: dicionário).

PICANÇO — As Folhas Topográficas assinalaram um córrego com este nome (43 — IGG: São Paulo). Antenor Nascentes (58 — Nascentes, Antenor: dicionário), a propósito do termo, informa que vem do latim *picu*, picanço, e sufixo — *anço*. Por este nome são conhecidas várias “aves da família Pícidas, também chamadas *pêto* e *pica-pau* (*Lanius rufus*, *Lanius meridionalis*, *Picus major*, *Picus martins*)”.

PILÕES — Uma cachoeira com este nome foi citada por um viajante que percorreu a região em 1783 (26 — *Divertimento admirável*: 136). Freitas, ao relacionar as cachoeiras do rio Tietê, em 1906, citou uma com este nome (37 — Freitas, Affonso A. de: 23). O topônimo foi assinalado duas vezes nas Folhas Topográficas de 1954, dando nome a uma corredeira e a um ribeirão (43 — IGG: São Paulo).

PINHEIROS — Uma aldeia com este nome foi citada na Notícia 6.^a Prática (68 — Rebello, Gervásio Leite: 101) de 1726. O topô-

nimo, dando nome a um rio, foi registrado por Montezinho em 1791-92 (56 — Montezinho, Antonio Roiz: mapa), por Müller em 1837 (57 — Müller, Daniel Pedro: mapa), por Freitas em 1906 (37 — Freitas, Affonso A. de: 23) e, em 1954, nas Folhas Topográficas (43 — IGG: São Paulo), onde foi registrado também um rio *dos Pinheirinhos*. Segundo Azevedo Marques (53 — Marques, Manuel Eufrásio de Azevedo: 172), foi conhecido este afluente por rio *Grande e Geribatiba*. Por *pinheiro* são conhecidas as árvores da família Pináceas, do gênero *Pinus* e, principalmente, o *Pinus pinea*, as árvores da família araucariáceas e as da família Droseráceas (58 — Nascences, Antenor: dicionário). Freitas assinalou dois afluentes do Tietê: o rio *Pinheiros*, na margem esquerda e o rio *Pinheirinhos*, na margem direita.

PINTIDUBA — Este topônimo foi empregado pelo autor da Notícia 7.^a Prática para identificar um trecho do rio Tietê que, segundo dizia, significava “esteirão do rio direito” (10 — Barros, Manuel de: 143). O conde Azambuja em 1751 também citou um sítio ao longo do Tietê, conhecido por *Pitunduba* (7 — Azambuja, conde — Antonio Rolim de Moura: 187).

PINTOS — Um ribeirão com este nome foi registrado no trabalho da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de S. Paulo (18 — CGG: 3, 7). Nas Folhas Topográficas (43 — IGG: São José do Rio Preto, Bauru) o topônimo foi assinalado junto a dois ribeirões situados à margem direita do rio Tietê. O termo *pinto* é empregado não só para designar o franguinho, como um peixe da família dos Ciliorrínidas (*Catullus haeckeli*) (31 — Ferreira, Aurélio Buarque de Hollanda: dicionário). Não sabemos se, no caso, trata-se de um topônimo que tem sua origem na nossa fauna ou se é um antrotopônimo.

PIO PRADO — As Folhas Topográficas assinalaram um porto com este nome (43 — IGG: Araçatuba).

PIRACICABA — O rio Piracicaba foi assinalado por quase todos os viajantes que percorreram a região do Tietê. Assim, entre eles, podemos citar o autor da Notícia 7.^a Prática (10 — Barros, Manuel de: 143), Palácio em 1726 (65 — Palácio, Francisco: 8), Cabral Camello (12 — Camello, João Antonio Cabral: 115) em 1727, Juzarte em 1769 (44 — Juzarte, Theotonio José: 227), um viajante anônimo em 1783 (26 — *Divertimento admirável*: 136), o autor da Carta Corográfica de 1793 (14 — *Carta Chorographica de Capitania de São Paulo*: mapa), Montezinho em 1791-92 (56 — Montezinho, Antonio Roiz: mapa),



Müller em 1837 (57 — Müller, Daniel Pedro: mapa), Freitas em 1906 (37 — Freitas, Affonso A. de: 24), bem como as Folhas Topográficas de 1954 (43 — IGG: Bauru). Para o autor da Notícia 7.^a Prática o termo significava “Lugar onde chegam os peixes”. A margem do texto de Palácio foi anotado com relação ao topônimo: “quer dizer onde chegam os peixes edali não paSam”. Azevedo Marques, citando Martius, interpretou-o por “lugar onde se junta o peixe” (53 — Marques, Manuel Eufrásio de Azevedo: 173). Martius, ao decompor o vocábulo, informa ser o produto de *pira*, peixe, *ycica*, grude e *caba*, lugar de fazer (54 — Martius, Carl Friedrich Phil v.: 521). A explicação dada em Toponímia Brasília é a de que significa “queda d’água que não permite a passagem do peixe” (24 — Departamento de Estatística do Estado de São Paulo: 10). Lemos Barbosa interpreta os vocábulos: *syc*a, chegar, e *sycaba*, fim, conclusão, chegada (9 — Barbosa, A. Lemos: vocabulário). Logo: lugar onde o peixe chega. Theodoro Sampaio (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário) interpreta o termo pela colheita ou tomada do peixe, referindo-se ao ponto em que um acidente natural do leito impede que o peixe passe, favorecendo a pesca. “Um salto ou queda d’água é um pira-cycaba”, diz o referido autor.

PIRAITINGA — Dentre os rios registrados nas Folhas Topográficas em 1954, encontramos um com este nome (43 — IGG: Taubaté). Como *pira* significa peixe, *y*, rio, e *tinga*, branco, Theodoro Sampaio traduz o termo por “rio do peixe branco” (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário).

PIRAPITINGUI — Nas Folhas Topográficas de 1954 foi assinalado um rio com este nome (43 — IGG: São Paulo). Em Toponímia Brasília foi feita a seguinte análise sobre o topônimo: “*Pirapitanguy* — pegar peixe com entorpecente ou veneno” (24 — Departamento de Estatística do Estado de São Paulo: 10). Segundo Martius (54 — Martius, Carl Friedrich Phil v.: 522), o topônimo é o produto de *pirapitinga-y*, isto é, rio da pirapitinga, que é um peixe da espécie *Characinus*. O autor coloca a possibilidade do vocábulo vir de *Pirapitanguy* que, no Paraguai, significa rio de peixe saboroso.

PIRAPORA — O topônimo identificando uma cachoeira foi registrado pelo autor da Notícia 7.^a Prática, de data desconhecida (10 — Barros, Manuel de: 142), em 1726 pelo autor da Notícia 6.^a Prática (68 — Rebello, Gervásio Leite: 102) e por Palácio (65 — Palácio, Francisco: 6), em 1769 por Juzarte (44 — Juzarte, Theotonio José: 225, 240), em 1783 por um viajante (26 — *Divertimento admirável*: 136), em 1837 por Müller (57

— Müller, Daniel Pedro: mapa) e em 1906 por Freitas (37 — Freitas, Affonso A. de: 23). *Pira*, como vimos, significa peixe. Quanto a *pora*, Lemos Barbosa aponta vários significados para o termo, como: o que está (contido) em conteúdo, habitante de; estar cheio, abundar, haver, conter algo; saltar, pular (9 — Barbosa, A. Lemos: vocabulário). O autor da Notícia 7.^a Prática e Juzarte interpretaram o topônimo como significando “lugar onde os peixes saltam”. Para Theodoro Sampaio (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário), o termo vem de *pirá-pora*, a morada do peixe, o que contém peixe. Como alterações para o vocábulo, cita: *Pirapó* e *Pirapura*.

PIRATARACA — Um poço com este nome foi citado na Notícia 7.^a Prática (10 — Barros, Manuel de: 146) de data desconhecida. O autor da Notícia tomou o termo como significando “lugar onde há peixe e se pesca”. Afora esse caso, Manuel de Barros registrou um pouso denominado *Pirataracá*, explicando que nesse caso seria designativo de “lugar, onde o peixe se espantou” (10 — Barros, Manuel de: 143). O topônimo *Pirataraca* foi citado por diversos autores. A Carta Corográfica da Capitania de São Paulo de 1793 (14 — *Carta Chorographica da Capitania de São Paulo*: mapa) assinalou o topônimo, mas não especificou se se tratava de um rio, córrego ou outro acidente qualquer. Já Montezinho, em seu mapa de 1791-92, registrou um rio com tal denominação (56 — Montezinho, Antonio Roiz: mapa). Juzarte, por sua vez, identificou como *Pirataraca* uma ilha e dois poços (44 — Juzarte, Theotonio José: 234, 238), enquanto que no mapa de Müller (57 — Müller, Daniel Pedro: mapa), no trabalho da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de S. Paulo (18 — CGG: 7) e nas Folhas Topográficas (43 — IGG: Araçatuba), o topônimo foi citado apenas junto a uma ilha. Há a possibilidade de o termo vir de *pirataraca*. *Taraca* seria uma corruptela de *tataca*. Lemos Barbosa informa que *tataca* significa estalar, soar, tiritar, som, estalo, tiritante ou, também, uma variedade de rã (9 — Barbosa, A. Lemos: vocabulário).

PIRATI — Entre os córregos assinalados nas Folhas Topográficas há um denominado *Pirati-mirim* (43 — IGG: São Paulo). Segundo Theodoro Sampaio, o vocábulo vem de “*pirá-ti*, o peixe branco ou prateado. Pode ser também *pirá-ti* a água ou caldo de peixe”. *Pirati*, segundo o referido autor, corresponde à tainha (*Mugil liza*) (76 — Sampaio, Theodoro: 260, 267).

PIRATIRUCA — Dentre a bibliografia consultada, somente Freitas citou o topônimo, ao relacionar as cachoeiras do Tietê (37 — Freitas,

Affonso A. de: 23). Seria o produto de *pirati* (peixe branco) e *ruca*. Ora, *ruca*, segundo Theodoro Sampaio, é uma modalidade de roca, no tupi amazônico, e tem o significado de casa, o abrigo, o refúgio. Logo, refúgio do peixe branco (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário).

PIRAUNA — Um ribeirão assim denominado foi registrado por Palácio em 1726 (65 — Palácio, Francisco: 9). Segundo aquele viajante, “Ouvireis roncar; aparecer-vos hã Caxoeira, mas hê hum ribeyram / . . . / e q.^{do} oavistares vos parecerã roupa branca, q está aenchugar”. O topônimo é o produto de *pirá* (peixe) e *una* (preto) (9 — Barbosa, A. Lemos: vocabulário). À margem do texto de Palácio o topônimo foi assim interpretado: “Quer dizer peixe preto”. Antenor Nascentes esclarece que o vocábulo é sinônimo de *miragaia*, peixe da família Ciênidas (*Petrometopon cruentatus*), de cor vermelho escuro (58 — Nascentes, Antenor: dicionário).

PIRES — Um córrego com esta denominação foi registrado em 1954 pelas Folhas Topográficas (43 — IGG: São Paulo).

PIRIRICA — Nas Folhas Topográficas foi assinalado um porto com este nome (43 — IGG: Bauru). Segundo Theodoro Sampaio, o termo provém de “*piriric*, agitado, volteante, ligeiro / . . . / a correnteza, o rápido” (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário). Em outro trecho de seu trabalho, dissertando sobre os nomes que os índios davam aos acidentes existentes nos leitos dos rios, informava Theodoro Sampaio que os rápidos e correntezas eram assim denominados por eles “*pyryrica* ou *pyryri* de que provém de *byryri* ou *burury* e ainda *bariry*” (76 — Sampaio, Theodoro: 113). Para Lemos Barbosa, significa “faiscar, deitar fagulhas” (9 — Barbosa, A. Lemos: vocabulário). O Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa aponta como um dos significados para o termo o de “cachoeira, pequena corredeira; ondulação à superfície da água produzida pelos peixes” (31 — Ferreira, Aurélio Buarque de Hollanda: dicionário).

PONCES — Nas Folhas Topográficas de 1954 (43 — IGG: Campinas) encontramos um ribeirão assim denominado. Parece-nos não haver dúvida de que se trata de um antropotopônimo.

PONTAL — Um córrego com este nome foi registrado nas Folhas Topográficas (43 — IGG: Bauru). Bernardino de Souza (80 — Souza, Bernardino José de: 258) informa que em carta de 2 de fevereiro de 1930 dizia Sud Mennucci: “em São Paulo, onde não consta hoje pontais marítimos (pelo menos do conheci-

mento do público), conhecem-se muito os pontais fluviais, línguas de terra nas confluências dos rios, denominação esta oficial nas cartas topográficas”.

PONTAL DO RIO TIETÊ — Este topônimo foi assinalado nas Folhas Topográficas (43 — IGG: Araçatuba) (vide Pontal).

PONTE — Topônimos compostos com o vocábulo *ponte* foram registrados nas Folhas Topográficas (43 — IGG: Araçatuba, São Paulo), a saber: córrego *Ponte Alta*, córrego *Ponte Pensa* e córrego *Ponte Velha*.

PORCOS — Um ribeirão com este nome foi registrado em 1905 no trabalho da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de S. Paulo (18 — CGG: 3, 7). Um rio com a mesma denominação foi assinalado em 1954 nas Folhas Topográficas (43 — IGG: Bauru).

PORTO FELIZ — Müller, em 1837, assinalou em seu mapa um porto com este nome (57 — Müller, Daniel Pedro: mapa). Azevedo Marques informa que esta denominação foi dada ao antigo porto de *Araritaguaba* quando de sua elevação à cidade, a 13 de outubro de 1797 (53 — Marques, Manuel Eufrásio de Azevedo: 187).

PORTO RIBEIRO — Este antropotopônimo foi assinalado no trabalho da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de S. Paulo (18 — CGG: 5).

POSSES — Um ribeirão assim denominado foi registrado nas Folhas Topográficas (43 — IGG: Bauru).

POTE — Um ribeirão com este nome foi assinalado nas Folhas Topográficas de 1954 (43 — IGG: Taubaté).

POTUNDUBA — O autor da Notícia 7.^a Prática, ao citar o rio *Pitinduba*, acrescentava: “vale o mesmo que esteirão de rio direito” (10 — Barros, Manuel de: 143). À citação do rio *Potunduba* feita por Palácio em seu roteiro de 1726 foi acrescentado à margem: “estiram de rio escuro” (65 — Palácio, Francisco: 9). Azambuja (7 — Azambuja, Conde — Antonio Rolim de Moura: 187), em 1751, informava: “A 12 passei pelo último sítio, que se encontra até Camapuan, onde estão vivendo dois moradores, com alguns carijós, fora de toda a comunicação, mais que com aqueles que fazem caminho para Cuiabá; chamam a este lugar Pitunduba”. Em seu diário de 1769 Juzarte citou a cachoeira *Putanduva* que, segundo ele, significaria “onde a vista

se faz escura" (44 — Juzarte, Theotonio José: 229). Para Müller, a cachoeira denominava-se *Potenduba* (57 — Müller, Daniel Pedro: mapa). O registro do topônimo junto a uma cachoeira foi também feito por alguém que percorreu a região no ano de 1783 (26 — *Divertimento admirável*: 136). Montezinho (56 — Montezinho, Antonio Roiz: mapa) assinalou em seu mapa de 1791-92 a cachoeira *Putunda*. Na Carta Corográfica da Capitania de São Paulo, de 1793, o topônimo foi citado junto a um rio (14 — *Carta Chorographica da Capitania de São Paulo*: mapa). Freitas, em 1906, citou entre as cachoeiras do Tietê uma denominada *Potunduva* (37 — Freitas, Affonso A. de: 23). Dada a diferença de grafias do topônimo, perguntamos: o rio *Ponunduva* registrado pelas Folhas Topográficas de 1954 não seria uma outra forma para o mesmo topônimo? (43 — IGG: São Paulo). Uma outra possibilidade é a de que o termo seja produto de *potyra-nduba*, isto é, lugar das flores.

PRETA — Este topônimo foi registrado junto a uma lagoa nas Folhas Topográficas (43 — IGG: São José do Rio Preto).

PROTEBU — Um afluente do Tietê, da margem esquerda, foi citado por Freitas em sua obra de 1906 (37 — Freitas, Affonso A. de: 24).

PRUDENTE DE MORAIS — Este antropotopônimo, dando nome a um córrego, foi registrado pelas Folhas Topográficas de 1954 (43 — IGG: Araçatuba). O topônimo é um exemplo do emprego de nomes de figuras históricas em acidentes geográficos, no caso o terceiro presidente do Brasil.

PURUMIRIM — Uma cachoeira com este nome foi citada por um viajante que percorreu a região do Tietê no ano de 1783 (26 — *Divertimento admirável*: 136). Não encontramos o topônimo em nenhum outro dos autores consultados.

QUATORZE DE JULHO — Um porto com este nome foi assinalado no trabalho da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de S. Paulo (18 — CGG: 7). Como é óbvio, trata-se de um topônimo de origem histórica, provavelmente referente à data da Queda da Bastilha.

QUEBRA POTE — Na relação das cachoeiras do Tietê, apresentada por Freitas, encontramos uma com este nome (37 — Freitas, Affonso A. de: 23). As Folhas Topográficas de 1954 voltaram a registrar o topônimo junto a uma cachoeira (43 — IGG: Bauru). Na revista Chácaras e Quintais encontramos o significado provável para o vocábulo em questão: talvez provenha do

canto onomatopáico “quebrei três potes” das “sarasaneas”. Num trecho, o autor, referindo-se à ave, assim se expressou: “a culpada é a quebra pote” (67 — Pinto, Joaquim Mourão Serpa: 535-536).

QUEIXADA — Um ribeirão e um porto com este nome foram registrados nas Folhas Topográficas (43 — IGG: Bauru, São José do Rio Preto). O Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa informa que assim se denomina uma espécie de porco-do-mato da família dos *Taiacúidas* (*Tayassu pecari*) conhecido também por tacuité, canela-ruiva, taguigati (Amazonas) e queixo-ruivo (Goiás) (31 — Ferreira, Aurélio Buarque de Hollanda: dicionário). Antenor Nascentes (58 — Nascentes, Antenor: dicionário) esclarece que o nome do animal advém da faixa branca que possui em ambos os lados da boca, estendendo-se para trás, ao longo da queixada. Um viajante que percorreu a região cortada pelo Tietê em 1783 testemunhou a existência de grande quantidade de porcos-do-mato (26 — *Divertimento admirável*: 134).

QUILOMBO — A Carta Corográfica da Capitania de São Paulo, de 1793 (14 — *Carta Chorographica da Capitania de S. Paulo*: mapa) registrou um rio com este nome. Dois anos mais tarde o referido acidente foi registrado por Montezinho (56 — Montezinho, Antonio Roiz: mapa) e, anos depois, em 1837, por Müller (57 — Müller, Daniel Pedro: mapa). Bernardino de Souza (80 — Souza, Bernardino José: dicionário), a propósito da palavra *quilombo*, informa que foi empregada, no Brasil, para designar as moradas clandestinas dos escravos que, ao deixarem os seus “donos” se refugiavam nas matas ou em lugares despovoados, distantes das aglomerações humanas. Antenor Nascentes (58 — Nascentes, Antenor: dicionário) informa que a palavra vem do quimbundo *ki'lôbo*, união, povoação.

QUINTINO BOCAIUVA — As Folhas Topográficas registraram um córrego com este nome (43 — IGG: Araçatuba). O topônimo, como é evidente, homenageia o jornalista e político brasileiro.

QUINZE DE NOVOEMBRO — Dois córregos com este nome foram assinalados nas Folhas Topográficas de 1954: um à margem direita e outro à margem esquerda do rio Tietê (43 — IGG: Araçatuba). Este topônimo é alusivo à proclamação da nossa República.

REBOJO — O trabalho da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de S. Paulo registrou uma ilha com este nome (18 — CGG:

3, 7). Segundo Bernardino de Souza (80 — Souza, Bernardino José: dicionário), “assim se chama no Pará e em Goiás ao movimento circular das águas dos rios que formam sorvedouros ou redemoinhos, tendo o povo a superstição de que o rebojo é um ser vivo que desperta à passagem das ligeiras igaras e canoas”. O Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa confirma: “repercussão ou redemoinho do vento quando muda repentinamente de direção; redemoinho ou contracorrente produzido pela sinuosidade do rio ou pelos acidentes de seu álveo ou de suas margens; sorvedouro; espumarada que a água faz no mar e no rio...” (31 — Ferreira, Aurélio Buarque de Hollanda: dicionário).

RELÓGIO QUEIMADO — Uma corredeira com este nome foi registrada no trabalho da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de S. Paulo (18 — CGG: 2, 7) de 1905. O topônimo reapareceu dando nome a um córrego nas Folhas Topográficas (43 — IGG: Bauru) de 1954. Não encontramos nenhuma referência a esta expressão, que acreditamos, à semelhança do que ocorre em outros casos, ser designativa de uma planta ou animal. Aliás, Antenor Nascentes informa que, entre outros significados, relógio designa uma planta da família Malvaceas (*Sida rhomboifolia*, *Sida suppurativa*), também chamada zanzo (58 — Nascentes, Antenor: dicionário).

REMÉDIOS — Um ribeirão com este nome, também conhecido por ribeirão *Bonito*, foi registrado nas Folhas Topográficas de 1954 (43 — IGG: Bauru). Tem-se notícia da ereção às margens do Tietê de uma capela em louvor à “Nossa Senhora dos Remédios da Ponte do Tietê” (29 — *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*: 70, v. 1). Seria esta a origem do topônimo?

RIBEIRÃOZINHO — Céspedes Xeria assinalou um rio *Rivera* em 1628 (90 — Xeria, Luiz de Céspedes: 97), que acreditamos ser o registro mais antigo do ribeirão apontado nas Folhas Topográficas (43 — IGG: Bauru), embora não tenhamos absoluta certeza da correspondência entre os dois afluentes acima citados. Xeria interpretou o vocábulo como significando “A Royuelo”, isto é, arroio.

RICO — As Folhas Topográficas assinalaram um córrego com este nome (43 — IGG: São Paulo). O topônimo faz referência à sua piscosidade? Provavelmente sim.

RIO CLARO — Um ribeirão com este nome foi registrado no trabalho da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de S. Paulo (18 — CGG: 7).

RIVERA — Céspedes Xeria identificou alguns afluentes do Tietê como *Rivera*, *Riveron*, *Rivera grande*, e interpretou *rivera* como “a royuelo”, isto é, arroio (90 — Xeria, Luiz de Céspedes: 97). A propósito, Taunay comenta que por “*Rivera grande*” poderia ser tomado o *Piracicaba* “si não estivesse tão perto do Avandava...” (84 — Taunay, Afonso de E., ed.: 4).

RODADO — Uma cachoeira com este nome foi registrada por Freitas (37 — Freitas, Affonso A. de: 23) em sua relação das cachoeiras do rio Tietê. As Folhas Topográficas de 1954 registraram a corredeira do *Rodado* (43 — IGG: Campinas). Segundo o Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, o vocábulo, entre outros significados, designa um “cavalo que tem pelo branco e preto, formando esta cor malhas redondas (esta significação, muito corrente no nordeste do Brasil, é algo antiquado em Portugal)” (31 — Ferreira, Aurélio Buarque de Hollanda: dicionário).

SABAÚNA — Um viajante que percorreu a região do Tietê em 1783 registrou uma cachoeira por nome *Sobauna* (26 — *Divertimento admirável*: 136). Anos depois, em 1906, Freitas voltou a registrá-la (37 — Freitas, Affonso A. de: 23). Segundo Theodoro Sampaio, o topônimo é o produto de “*tambá-una*, a concha preta, uma espécie de molusco de água doce” (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário).

SALTINHO — Um córrego com este nome foi registrado nas Folhas Topográficas (43 — IGG: Bauru).

SALVADOR — Este antropotopônimo, segundo tudo indica, foi assinalado nas Folhas Topográficas junto a uma cachoeira (43 — IGG: São Paulo).

SANTA AMÉLIA — As Folhas Topográficas registraram um córrego assim denominado (43 — IGG: Bauru).

SANTA BÁRBARA — Um ribeirão com este nome foi assinalado tanto no trabalho da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de S. Paulo (18 — CGG: 7), como nas Folhas Topográficas (43 — IGG: Araçatuba).

SANTA CÂNDIDA — Nas Folhas Topográficas de 1954 foi feito o registro do topônimo como água de Santa Cândida (43 — IGG: Bauru).

- SANTA CLARA — As Folhas Topográficas assinalaram um córrego com este nome (43 — IGG: Bauru).
- SANTA CRUZ — Dois córregos, um à margem direita e outro à esquerda do Tietê, foram registrados com este nome nas Folhas Topográficas (43 — IGG: São José do Rio Preto).
- SANTA MARIA — Um córrego com este nome foi registrado nas Folhas Topográficas (43 — IGG: Bauru).
- SANTA QUITÉRIA — Um córrego com este nome foi registrado nas Folhas Topográficas (43 — IGG: São Paulo).
- SANTÍSSIMO — Um ribeirão com este nome foi citado no trabalho da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de S. Paulo (18 — CGG: 7). O topônimo foi registrado também nas Folhas Topográficas, mas identificando um córrego (43 — IGG: Araçatuba).
- SANTO ANDRÉ — Um ribeirão com este nome foi assinalado nas Folhas Topográficas (43 — IGG: São Paulo).
- SÃO JERÔNIMO — Um ribeirão com este nome foi registrado no trabalho da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de S. Paulo (18 — CGG: 3, 7) e nas Folhas Topográficas (43 — IGG: Araçatuba).
- SÃO JOÃO — Um rio com este nome, também conhecido por ribeirão *Barueri*, foi assinalado nas Folhas Topográficas de 1954 (43 — IGG: São Paulo).
- SÃO JOAQUIM — Um córrego com este nome foi registrado nas Folhas Topográficas (43 — IGG: Bauru).
- SÃO JOSÉ — Este topônimo é uma exceção dentre os demais aqui estudados, não só por ser o único antropotopônimo em louvor a um santo, citado em documentos bem antigos, como pelo fato de não ter permanecido até nossos dias. Senão, vejamos: um rio com este nome foi registrado por Montezinho, em seu mapa de 1791-92 (56 — Montezinho, Antonio Roiz: mapa), a Carta Corográfica da Capitania de S. Paulo fez o mesmo um ano depois (14 — *Carta Chorographica da Capitania de S. Paulo*: mapa), e o topônimo foi assinalado, em 1837, por Müller (57 — Müller, Daniel Pedro: mapa). Depois desta data não o encontramos em nenhum dos documentos que consultamos.

SAPÉ — Este topônimo foi registrado mais de uma vez pelas Folhas Topográficas (43 — IGG: São José do Rio Preto, Bauru), a saber: dando nome a um ribeirão situado à margem esquerda e a um córrego à margem direita do Tietê, além de aparecer junto a um córrego da margem esquerda sob a forma de *Sapezinho*. Para Theodoro Sampaio, o termo vem de “*ecá-pé*, ver caminho, aluminar. É a conhecida gramínea com que se fazem fachos e tetos de habitação (*Saccharum sapé*)” (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário). O Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa esclarece que por *sapé* são conhecidas várias plantas da família das Gramíneas (*Imperata exaltada* e *Imperata brasiliensis*), designando no Paraná o ramo seco de pinheiro e, em Pernambuco, um cesto ou balaio para diferentes usos (31 — Ferreira, Aurélio Buarque de Hollanda: dicionário).

SAPETUBA — Juzarte, ao citar a cachoeira *Sapetuba mirim*, em 1769, traduziu o topônimo por “tetal pequeno” (26 — *Divertimento admirável*: 136). Um viajante citou a referida cachoeira do Tietê sob a forma *Sapetuva* (44 — Juzarte, Theotonio José: 241), isto em 1783. Decompondo-se o vocábulo teremos: *sapé-tyba*, isto é, sapezal (vide Sapé) e mirim, pequeno. Logo: sapezal pequeno.

SARAPOY — Céspedes Xeria (90 — Xeria, Luiz de Céspedes: 97), em seu mapa de 1628, assinalava um rio por nome *Sarapy* que, segundo ele, significava “rio de um peje llamado sarapo”. Na verdade, por sarapó são conhecidos vários peixes fluviais da família dos Ginótidás (31 — Ferreira, Aurélio Buarque de Hollanda: dicionário). Taunay colocou a hipótese de Sarapoy corresponder ao atual Sorocaba “pelo facto de lembrar que por elle se navegava e ter este como afluente superior o actual Sarapuhy” (84 — Taunay, Afonso de E., ed.: 4).

SARJOBE — Este topônimo, designando um porto, foi assinalado nas Folhas Topográficas em 1954 (43 — IGG: Araçatuba).

SECO — No trabalho da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de S. Paulo foi feito o registro de uma ilha denominada ilha *Seca*, também conhecida por *Itapiru* (18 — CGG: 2, 3, 7). Nas Folhas Topográficas foram assinalados os córregos: *Seco* e *Lagoa Seca* (43 — IGG: Araçatuba, Bauru).

SEPITUBA — Müller, em 1837, assinalou em seu mapa uma cachoeira denominada *Sepetubu* (57 — Müller, Daniel Pedro: mapa). Freitas, em 1906, citou o topônimo ao relacionar as cachoeiras do rio Tietê (37 — Freitas, Afonso A. de: 23). Segundo Theo-

doro Sampaio, sipitiba, corruptela de *sapé-tyba* ou *capetyba*, corresponde ao sítio do sapé, o sapezal (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário).

SERRINHA — Um porto com este nome foi assinalado no trabalho da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de S. Paulo em 1905 (18 — CGG: 4).

SETE FOGÕES — Nas Folhas Topográficas de 1954 encontramos o registro de um ribeirão assim denominado (43 — IGG: São Paulo). A propósito do vocábulo *fogão*, Bernardino de Souza (80 — Souza, Bernardino José: dicionário), citando diferentes autores, informa que: “em Mato-Grosso designa o terreno onde há grande número de poais (*Psychotria ipecacuanha*); em Minas e no Sul, por outro lado, corresponde a trechos da terra que apresentam melhores condições para o cultivo; particularmente no Rio Grande do Sul é empregado para indicar o lugar, nos galpões das estâncias, onde é aceso o fogo para o churrasco e o chimarrão, sendo, portanto, o local de encontro dos tropeiros e peões”.

SETE GUARANTÃS — As Folhas Topográficas de 1954 registraram um córrego com este nome (43 — IGG: Bauru). Segundo Theodoro Sampaio, o topônimo é o produto de “*guara-antã*, a madeira rija (*Sapindacca*)” (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário). O Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa informa que esta é a denominação da árvore da família das Rutáceas (*Esenbeckia leiocarpa*), bem como de uma ave da família Tresquiornítidas, cuja plumagem é vermelha (31 — Ferreira, Aurélio Buarque de Hollanda: dicionário).

SEVERINO — Este antropotopônimo, dando nome a um córrego, foi registrado nas Folhas Topográficas (43 — IGG: Bauru).

SÍTIO DO BURACO — Um córrego com este nome foi assinalado nas Folhas Topográficas (43 — IGG: São Paulo). Este é um dos raros exemplos em que um curso d'água retira o seu nome da terra onde nasce ou por onde passa.

SOROCABA — O autor da Notícia 7.^a Prática, de data desconhecida (10 — Barros, Manuel de: 143), fez referência à barra do rio Sorocaba; Palácio, em seu roteiro de viagem de 1726, ao referir-se ao rio Sorocaba, dizia: “tão largo como oq ides navegando...” (65 — Palácio, Francisco: 8); Cabral Camello (12 — Camello, João Antonio Cabral: 114), em suas Notícias Práticas de 1727, registrou o topônimo junto a um rio e a um porto; Juzarte, em 1769, citou-o em seu diário (44 — Juzarte, Theo-

tonio José: 226); um viajante que percorreu a região do Tietê em 1783, a propósito do Sorocaba, dizia: “cujas vertentes dizem manhã das Serras da costa do mar nas alturas do Yguape e passa pela Villa de Sorocaba, de onde teve este nome, e tera de largura mais ou menos seis braças...” (26 — *Divertimento admirável*: 136). Este importante afluente do Tietê foi assinalado por Freitas em 1906 (37 — Freitas, Affonso A. de: 24) e nas Folhas Topográficas de 1954 (43 — IGG: Campinas). Segundo Theodoro Sampaio (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário), o termo vem de “çorocaba, a ruptura, o rasgão, em alusão às rasgaduras naturais do solo em torno da cidade”. De acordo com Martius, é o produto de “*soroe* — *romper*, *sorocaba*, ato de romper, rompimento (da terra por minas)” (54 — Martius, Carl Friedrich Phil v.: 525).

SOTURNA — Uma ilha e um ribeirão com este nome foram registrados nas Folhas Topográficas (43 — IGG: Bauru).

SUCURI — Em 1791-92, Montezinho (56 — Montezinho, Antonio Roiz: mapa) já assinalava em seu mapa um rio com este nome. O topônimo foi registrado também na Carta Corográfica da Capitania de S. Paulo de 1793 (14 — *Carta Chorographica da Capitania de S. Paulo*: mapa), por Müller (57 — Müller, Daniel Pedro: mapa), no trabalho da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de S. Paulo de 1905 (18 — CGG: 7), neste último junto a um ribeirão e a um córrego e, em 1954, nas Folhas Topográficas, dando nome a um ribeirão (43 — IGG: Bauru). Antenor Nascentes (58 — Nascentes, Antenor: dicionário) informa que a palavra vem do tupi *su'u* (morder) e *ku'ri* (apressado). Logo: o que morde rapidamente. Daí designar uma cobra da família Bóidas (*Eunectes murinus*). Registrados como *sucury*, a tradução seria rio do sucuri. A presença de grande quantidade de sucuris na região do Tietê foi atestada, já em 1783, por um viajante que percorreu a região (26 — *Divertimento admirável*: 134).

SUMIDO — Um córrego com este nome foi registrado nas Folhas Topográficas de 1954 (43 — IGG: Araçatuba).

SUSSUAÚ DE CIMA — As Folhas Topográficas de 1954 registraram um rio com este nome (43 — IGG: São Paulo). A propósito da origem do topônimo, tanto é possível que seja o produto de *sussuá* (inchaço, com pus) e *u* (= y, rio) como de *suassu* (o animal grande, a caça de maior vulto, o veado, o cervo). Um viajante que percorreu a região em 1783 já registrara a presença de muitas antas, veados e caças (26 — *Divertimento admirável*: 134).

TABATINGÜERA — As Folhas Topográficas de 1954 assinalaram uma ilha com este nome (43 — IGG: Bauru). Segundo Theodoro Sampaio, o topônimo é o produto de “*tabating-uêra*, forma plural de *tabatinga*; significa — os barreiros de tabatinga” (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário). Antenor Nascentes, a propósito de tabatinga, informa que designa a “argila branca, mole e unctuosa, sedimentar, com alguma porção de matéria orgânica; bastante refratária” (58 — Nascentes, Antenor: dicionário). Variações: *tauatinga* e *tobatinga*.

TÁBUA — Um córrego com este nome foi registrado nas Folhas Topográficas de 1954 (43 — IGG: São Paulo). Este é o “nome comum a duas plantas, uma da família das Tifáceas (*Typha domingensis*), também conhecida por partazana (em São Paulo, usa-se a variante *taboa*), e de que se fazem esteiras, e outra da família das Leguminosas (*Aeschynomene*)” (31 — Ferreira, Aurélio Buarque de Hollanda: dicionário).

TAIAÇUPEBA — Um rio — Taiassupeva — foi citado por Freitas (37 — Freitas, Affonso A. de: 24) e registrado nas Folhas Topográficas sob a forma *Taiaçupeba* (43 — IGG: São Paulo). A propósito de tayaçupeba, Theodoro Sampaio informa: “corr. *tãiaçú-peba*, o porco montês menor, o porquinho do mato (*Dicotyles*). Alt. Tayaçupeva” (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário). O Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa esclarece que por tiaiçu são conhecidas as garças do gênero *Tigrisoma*, como duas espécies de porcos-do-mato indígenas, a saber: a queixada (*Tayassu pecari* Fischer) e o caititu (*Tayassu tajacu*) (31 — Ferreira, Aurélio Buarque de Hollanda: dicionário). Como já apontamos anteriormente, em 1783 um viajante que esteve percorrendo a região afirmava serem numerosos os porcos-do-mato (26 — *Divertimento admirável*: 134). Quanto a *peba*, significa chato (9 — Barbosa, A. Lemos: vocabulário). Logo seria: porco-do-mato chato.

TAMANDUÁ — As Folhas Topográficas registraram uma ilha com esse nome, também conhecida por ilha *Tambaú* (43 — IGG: Bauru). Para Theodoro Sampaio trata-se da corruptela de “*ta-manduá*, o caçador de formigas. O componente — *ta* — é como uma forma contracta de *tacy*, a formiga. É o nome tupi dos *Myrmecophagas*” (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário). Por tamanduá são conhecidos vários mamíferos pertencentes à ordem dos Xenartros, que se alimentam de formigas e por isso recebem o nome de papa-formigas (31 — Ferreira, Aurélio Buarque de Hollanda: dicionário).

TAMANDUATEÍ — O rio Tamanduateí foi assinalado por Freitas (37 — Freitas, Affonso A. de: 24) e nas Folhas Topográficas (43 — IGG: São Paulo). Produto de *tamondó-ty*, isto é, tamanduás em grande número, segundo Theodoro Sampaio (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário). A partir da consulta ao Pequeno Vocabulário de Lemos Barbosa, podemos sugerir duas composições para o vocábulo: 1.^a) *tamandúá-(t)eyia* (multidão, bando, cardume), logo: muitos tamanduás; 2.^a) *tamandúáeté-y*, isto é, rio do tamanduá verdadeiro, já que *eté* corresponde a verdadeiro, legítimo, genuíno (9 — Barbosa, A. Lemos: vocabulário). São estas as palavras textuais de Azevedo Marques sobre o Tamanduateí: “É o rio Piratininga dos antigos, segundo Fr. Gaspar Madre de Deus /.../. Em uma sesmária concedida pelo capitão-mor Francisco de Moraes no ano de 1559 já encontramos este rio com o nome de *Tamanduateí*” (53 — Marques, Manuel Eufrásio de Azevedo: 275, 276).

TAMBAÍ — O topônimo foi registrado na Notícia 7.^a Prática (10 — Barros, Manuel de: 144), de data desconhecida, dando nome a duas cachoeiras: *Tambaí* e *Tambaímirim*. Juzarte, em 1769, citou uma delas em seu diário (44 — Juzarte, Theotônio José: 241); o mesmo fez um viajante em 1783 (26 — *Divertimento admirável*: 136). O autor da Notícia 7.^a Prática interpretou o topônimo como: “lugar onde há peixinhos mais pequeninos”, enquanto Juzarte tomou o termo *Tambaí* como “vaso de mer. cheio de água”. Para Theodoro Sampaio, *tambá* vem a ser a ostra, o mexilhão, o conteúdo da concha. Aponta como alterações do vocábulo: *Sambá*, *Samá*, *Tamá* (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário). De acordo com o Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, *tambá* corresponde à concha bivalve (31 — Ferreira, Aurélio Buarque de Hollanda: dicionário). Logo, *tambaí* seria o produto de *tamba-y*, isto é, rio das conchas. *Tambaú* não seria uma alteração de *tambaí*? (vide Tambaú).

TAMBAPIRIRICA — Em seu diário de 1769, Juzarte assinalou a existência, no Tietê, de uma cachoeira com este nome, dizendo significar o vocábulo “vaso de mer. que ferve” (44 — Juzarte, Theotônio José: 241); um viajante, em 1783, a registrou sob a forma *Tamba piririca* (26 — *Divertimento admirável*: 136); e no mapa de Müller o topônimo reapareceu sob as formas *Tambá-piririca* e *Tambá-guassu* (57 — Müller, Daniel Pedro: mapa). Produto de *tambaí-piririca*, isto é, faísca, deitar fagulhas (9 — Barbosa, A. Lemos: vocabulário). Martius, ao citar *Tambari-tiririca* como uma das cachoeiras do Tietê, dizia ser o produto de *tamaru*, peixe e *tiririca*, grama “*Scleria culmo trigono acuto*” (54 — Martius, Carl Friedrich Phil v.: 526).

TAMBAÚ — O topônimo foi registrado em 1905 no trabalho da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de S. Paulo (18 — CGG: 7) dando nome a uma corredeira e a uma ilha. Freitas, em 1906, citou entre as cachoeiras do Tietê uma com este nome (37 — Freitas, Affonso A. de: 23). Nas Folhas Topográficas de 1954 (43 — IGG: Bauru), o topônimo reapareceu junto a um córrego situado à margem esquerda do rio Tietê, muito embora não tenhamos, neste último caso, a certeza da grafia exata do topônimo. Theodoro Sampaio (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário) assim interpreta *tambahú*: “*tambá-ú*, o marisco come ou vive; onde há marisco”. Como *tambá* significa ostra, mexilhão, o conteúdo da concha, para o autor, uma outra hipótese é de que se trata de um produto de “*tamba-u*, isto é, a concha ou marisco preto. Alt. Sambau, Sambauna, Sabauna”. Afora essas interpretações, uma outra possibilidade é que o topônimo *tambau* seja uma alteração fonética de *tambá-y*, isto é, rio das conchas.

TAMBU — Duas cachoeiras com este nome foram registradas no mapa de Müller de 1837 (57 — Müller, Daniel Pedro: mapa): *Tambu* e *Tambu piririca*. O Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa indica como sinônimo deste termo “bicho do pau podre” (31 — Ferreira, Aurélio Buarque de Hollanda: dicionário), ao passo que o padre Lemos Barbosa dá como correspondente a bicho de pau a palavra *arumatiá* e a *piririca* faiscar e deitar fagulhas (9 — Barbosa, A. Lemos: vocabulário). Por outro lado, é provável que se trate de uma alteração de *tambáú*.

TAPUTANGUARA — Palácio mencionou em seu roteiro de viagem de 1726 uma grande cachoeira com este nome (65 — Palácio, Francisco: 12). À margem do texto foi anotado: “Quer dizer húa lage de Cor parda”.

TAQUARAL — As Folhas Topográficas registraram um ribeirão assim denominado entre os afluentes do Tietê (43 — IGG: Bauru). Segundo Bernardino de Souza, o termo é designativo de “bosque, reboleira de taquaras, nome vulgar de várias espécies indígenas de bambusáceas”, comum no sul do país (80 — Souza, Bernardino José de: dicionário). O Dicionário do Império do Brasil (73 — Saint-Adolphe e Milliet, J.C.R.: dicionário) afirmava ser esta denominação comum a muitos ribeiros brasileiros em cujas margens existia uma “espécie de caniço chamado taquara”. Taquaral vem a ser, portanto, o terreno coberto de taquaras, ou seja, de bambu (58 — Nascentes, Antenor: dicionário). Theodoro Sampaio esclarece que taquara vem do tupi *ta-quara*, isto é, a haste furada, ou oca, apresentando-se também sob a forma *taquá* (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário).

TAQUARANXI — Nas Folhas Topográficas de 1954 localizamos o referido topônimo junto a um córrego (43 — IGG: Campinas). Theodoro Sampaio decompõe taquarachim da seguinte forma: *taquara-achim*, dando para a mesma o significado de: a taquara crespa (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário). No entanto, uma outra possibilidade deve ser levada em conta, com respeito à composição do topônimo: *taquara-syma*, *taquarassima*, *taquaraxima*, isto é, taquara lisa.

TIJUCO PRETO — As Folhas Topográficas registraram em 1954 um córrego com este nome (43 — IGG: São Paulo). Para Theodoro Sampaio, *tijuco* vem de “*ty-yuc*, água corrupta, podre; lama, brejo. No tupi-guarani *Tuyú*”. Os vocábulos *tijuca* e *tijuco* provêm de *tuyuca*, como eram denominados os brejos (76 — Sampaio, Theodoro: 112, 289). Bernardino de Souza (80 — Souza, Bernardino José de: dicionário) complementa a informação de Theodoro Sampaio, quando afirma: “termo geral no Brasil, empregado no sentido de brejo cheio de lama, sobretudo se esta é de cor escura; pântano, lameiro”.

TIMBORÉ — Um córrego com este nome foi registrado em 1954 nas Folhas Topográficas (43 — IGG: Araçatuba). Segundo o Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, por *timbó* é conhecido grande número de “plantas que têm propriedades tóxicas e são empregadas para tinguir o peixe, especialmente da família das Leguminosas, sub-família Papilionácea (*Clitoria canifolia* Dahlstedtia *pinnata* e *Lonchocarpus urucu*). Ré, por seu turno, significa: depois de, depois que (31 — Ferreira, Aurélio Buarque de Hollanda: dicionário).

TIQUATIRA — Um ribeirão com este nome foi assinalado nas Folhas Topográficas de 1954 (43 — IGG: São Paulo). Decompondo o topônimo, teremos: *ti*, corruptela de *ty*, a água, o líquido, o caudal, o curso d'água; *quatira*, alteração de *quatiara*, *quatiá*, isto é, a escrita, a letra, a inscrição; ou de *tiquara*: *ty-quara*, ou seja, buraco d'água, o poço (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário).

TIRIRICA — Entre as cachoeiras do Tietê, citadas por Freitas, há uma com este nome (37 — Freitas, Affonso A. de: 23). Para Theodoro Sampaio, o topônimo vem de *tiriri*, vibrante, cortante. É o nome de uma *Cyperaceae*, lacerante (*Cyperus brasiliensis*) (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário).

TRAVERSA GRANDE — Uma corredeira e um ribeirão com este nome foram registrados no trabalho da Comissão Geográfica e Geo-

lógica do Estado de S. Paulo (18 — CGG: 2, 7), enquanto que nas Folhas Topográficas o topônimo só apareceu junto a um ribeirão (43 — IGG: Araçatuba).

TRÊS BARRAS — Nas Folhas Topográficas de 1954 há o registro de um ribeirão com este nome (vide Barra) (43 — IGG: Bauru).

TRÊS BOCAS — Uma ilha com este nome foi registrada nas Folhas Topográficas de 1954 (43 — IGG: Bauru).

TRÊS IRMÃOS — Juzarte, em seu diário de 1769 (44 — Juzarte, Theotônio José: 238) registrou uma cachoeira com este nome. O topônimo foi assinalado por Müller, em 1837 (57 — Müller, Daniel Pedro: mapa), junto a uma cachoeira. Foi também assinalado no trabalho da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de S. Paulo, ao lado de uma corredeira e um ribeirão (18 — CGG: 2, 4, 7) e nas Folhas Topográficas, designando um ribeirão também conhecido por Iguatemi (43 — IGG: Araçatuba).

TRÊS PONTES — Um ribeirão com este nome foi assinalado no trabalho da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de S. Paulo (18 — CGG: 7). O topônimo foi registrado nas Folhas Topográficas ao lado de um ribeirão e de um córrego (43 — IGG: Bauru).

TUCUM — O topônimo aparece nas Folhas Topográficas de 1954 como *Águas do Tucum* (43 — IGG: Bauru). Segundo Theodoro Sampaio, *tu-cu* significa espinho alongado, a puá. É o nome dado à palmeira *Astrocaryum tucuma*, cuja haste possui espinhos e dos quais se obtém uma fibra muito resistente, usada não só em anzóis como na confecção de cordas e redes.

TUCUNA — Dentre a bibliografia consultada, apenas a Carta Corográfica da Capitania de S. Paulo, de 1793, registrou este topônimo, dando nome a um ribeirão (14 — *Carta Chorographica da Capitania de S. Paulo*: mapa). Não temos certeza quanto à grafia do vocábulo: *tucuna*, *tucumã* ou *tucura*. Por *tucuna* são conhecidos uns índios da região do Solimões, cuja língua é considerada aruaque por alguns estudiosos, enquanto que *Nimuendajú* classificou como isolada. Seria uma corruptela de *tucumã* que, segundo o Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa é o nome comum de várias palmeiras (*Astrocaryum tucuma*, *Bactris setosa* e *Acrocomia*); seria o nome dado a certo cágado da região do Tocantins (31 — Ferreira, Aurélio Buarque de Hollanda: dicionário), ou viria de *tucura* que, em tupi, significa gafanhoto? (9 — Barbosa, A. Lemos: vocabulário).

TUPI — Um córrego com este nome foi registrado pelas Folhas Topográficas de 1954 (43 — IGG: São José do Rio Preto). O vocábulo, embora bem antigo e corrente na língua popular, só apareceu como topônimo na região do Tietê, na bibliografia consultada, num mapa de 1954. A propósito do termo, vide Frederico Edelweiss em suas obras: *Tupis e Guaranis; estudo da etnomínia e lingüística* (28 — Edelweiss, Frederico G.: 3, 33, 57) e o capítulo "Em lingüística, tupinambá não é sinônimo de tupi", em *Estudos Tupis e Tupi-Guaranis* (27 — Edelweiss, Frederico G.: 69).

TUPIRU — Müller assinalou o topônimo duas vezes em seu mapa. Uma sob a forma *Tupiru* e outra como *Tupi-ru-mirim*, em ambos os casos dando nome a cachoeiras (57 — Müller, Pedro: mapa). Decompondo o topônimo, teremos: *ty-pi-rú*, isto é, caudal fino, magro ou seria uma alteração de *tapiru* (tapirúva), *tapir-yba*, árvore ou pau d'anta.

TURVO — As Folhas Topográficas assinalaram um rio com esta denominação (43 — IGG: Bauru).

UMBELINA — As Folhas Topográficas registraram um porto com este nome (43 — IGG: Bauru), que é um exemplo de antropotopônimo.

UNA — Um afluente da margem esquerda do Tietê foi citado com este nome por Freitas (37 — Freitas, Affonso A. de: 24) e nas Folhas Topográficas de 1954 (43 — IGG: São Paulo). Ao ser registrado, foi feita a observação de que é também conhecido por *Chico* ou *da Vargem*. O vocábulo *una* significa negro, preto, escuro. Theodoro Sampaio aponta as seguintes alterações para o vocábulo: *Un, U, Huna, Mu, Pixuna* (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário).

URUPANEMA — Uma cachoeira com este nome foi citada por um viajante em 1783 (26 — *Divertimento admirável*: 136). Produto de *uru-panema*, segundo Theodoro Sampaio, por *uru* são denominadas as galináceas (*Odonthophorus dentatus*), bem como uma espécie de tecido de folhas de palma; enquanto *panema* significa: ruim, imprestável, inútil; infeliz, mal-sucedido; pobre, falho, estéril (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário).

VACAS — Um ribeirão com este nome foi registrado nas Folhas Topográficas de 1954 (43 — IGG: Bauru).

VACURITUVA — Juzarte, em seu diário de 1769, apontava uma cachoeira com este nome que, segundo ele, significava “onde há palmitos” (44 — Juzarte, Theotonio José: 236, 241). Na verdade, *vacuri* é o mesmo que *bacuri*. Segundo Antenor Nascentes, é o nome de uma árvore da família das Gutíferas (*Statonia insignis*), sendo de origem tupi *waku’ri* (58 — Nascentes, Antenor: dicionário). Já Theodoro Sampaio informa a propósito de *bacury*: “corr. *ybá-cury* ou *ybá-curi*, o fruto contínuo, apressado; o que frutifica de pronto” (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário). *Tuva*, *tyba*, é o sufixo abundancial (9 — Barbosa, A. Lemos: vocabulário). Logo, *vacurituva* seria o *bacurizal*.

VAI-VÊM — Uma corredeira com este nome foi registrada no trabalho da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de S. Paulo (18 — CGG: 7). A mesma foi assinalada também nas Folhas Topográficas de 1954 (43 — IGG: Araçatuba). Bernardino de Souza esclarece a propósito: *vai-vêm*, o mesmo que *pacoca*; é empregado para designar os trechos dos leitos dos rios que ficam abaixo das cachoeiras, caracterizando-se por suas águas agitadas e remoinhosas. O autor, citando Sud Mennucci, informa que em Piracicaba dá-se o nome de *vaivém* a uma correnteza formada pelo rio do mesmo nome, sendo comum a expressão “Quem cai no *vaivém* não volta mais” (80 — Souza, Bernardino José: dicionário).

VAMICANGA — Para Theodoro Sampaio, trata-se de uma corruptela de “*guaimi-canga*, o osso de velha. Alt. Guamicanga” (77 — Sampaio, Theodoro: vocabulário). Sob a forma *Guaimicanga* o topônimo foi assinalado pelo autor da Notícia 7.^a Prática junto a uma itaipava (10 — Barros, Manuel de: 144); em 1769, por Juzarte (44 — Juzarte, Theotonio José: 230, 240), identificando uma cachoeira, o que foi feito também por um viajante, em 1783 (26 — *Divertimento admirável*: 136) e, anos mais tarde, em 1906, por Freitas (37 — Freitas, Afonso A. de: 23). Palácio, em seu roteiro de viagem, cita uma cachoeira denominada *Vaimicanga*. À margem do texto foi anotado em relação ao topônimo: “caveyra dehua velha q nella morreu” (65 — Palácio, Francisco: 11). O topônimo foi registrado por duas vezes no trabalho da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de S. Paulo (18 — CGG: 1, 3, 5 e 7) dando nome a uma corredeira e a uma ilha, como também nas Folhas Topográficas de 1954 (43 — IGG: Bauru) que, além de assinalar o topônimo junto a esses acidentes geográficos, o fez também junto a um córrego.

VARAÇÃO — Um córrego com este nome foi assinalado nas Folhas Topográficas (43 — IGG: Bauru). Segundo Bernardino de Souza,

esse vocábulo é empregado para “indicar o transporte de embarcações por terra nos trechos encachoeirados dos rios” (80 — Souza, Bernardino José: dicionário).

VARGEM — Um ribeirão com este nome, também conhecido por *Una* e por *Chico*, foi citado nas Folhas Topográficas (43 — IGG: São Paulo).

VEADO — Este topônimo foi registrado pelas Folhas Topográficas (43 — IGG: Bauru) de 1954 junto a um ribeirão. O termo é designativo não apenas do mamífero ruminante da família dos Cérvidas, como de uma espécie de mandioca de talo vermelho (31 — Ferreira, Aurélio Buarque de Hollanda: dicionário). No caso, acreditamos que a conexão tenha sido feita com o representante da fauna, pois, segundo um viajante que navegou pelo Tietê em 1783, havia na região grande número de antas, veados e onças pintadas (26 — *Divertimento admirável*: 132).

VERDE — Um rio com este nome foi assinalado nas Folhas Topográficas (43 — IGG: São Paulo).

VERMELHO — Um ribeirão e um córrego com este nome foram assinalados como afluentes da margem direita do Tietê nas Folhas Topográficas (43 — IGG: São Paulo).

VISCONDE DE PARNAIBA — Um córrego com este nome foi registrado nas Folhas Topográficas (43 — IGG: Araçatuba) de 1954, sendo indicado que ele é também conhecido por *Laranja Azeda*. A homenagem, no caso, é a uma personagem de nossa História imperial. Não sabemos se ao 1.º Visconde de Parnaíba, Manuel de Souza Martins, ou ao 2.º, Antonio de Queirós Telles (89 — Vianna, Hélio: 243).

VOLTA FRIA — Um córrego assim denominado foi registrado nas Folhas Topográficas de 1954 (43 — IGG: São Paulo).

CLASSIFICAÇÃO

Uma vez completa a análise de cada um dos topônimos em particular, resolvemos fazer uma tentativa de classificação dos diferentes topônimos citados nas Folhas Topográficas do Estado de São Paulo. Apenas uma tentativa, pois as experiências nesse setor ainda estão engatinhando.

Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, em artigo publicado em 1975⁽⁶⁸⁾, expõe com muita propriedade toda a gama de dificuldades de que se reveste uma classificação no campo toponímico, mesmo porque a “diversidade de pontos de vista, relativa a critérios estruturais básicos da disciplina, não encontra paralelo em outros campos do conhecimento, já bem solidificados por uma tradição de rigor científico em suas conceituações”⁽⁶⁹⁾.

Assim sendo, não fugindo à regra, embora de maneira geral o nosso critério de classificação coincida com aquele adotado pela autora acima citada, há no nosso trabalho certas diferenças de critério, o que nos levou a sugerir sub-divisões não previstas no artigo de Maria Vicentina.

Entretanto, para que não tivéssemos dúvidas nessa tarefa, seria necessário que contássemos com dados precisos sobre a origem de cada um dos topônimos, o que só em casos raríssimos foi possível apurar, como, por exemplo, no caso do topônimo *Lussanvira*. Por outro lado, pode-se às vezes atribuir indiferentemente mais de um significado ao topônimo. O critério que adotamos foi o da escolha do significado mais provável. Exemplo: Rio Dourado como Zootopônimo e não como Cromotopônimo. Houve casos, porém, em que a tomada de posição nos pareceu extremamente duvidosa, e então incluímos o topônimo em mais de uma categoria. Exemplo: Ribeirão Bagaçu, que a nosso ver tanto pode ser Zootopônimo como um Fitotopônimo.

Muito embora fosse nosso intuito classificar em sua totalidade as diferentes formas toponímicas levantadas, fomos levados, por razão de prudência e honestidade, a enquadrar 15,2% delas entre os não classificados. Com isto não queremos dizer, de forma alguma, que sejam inclassificáveis; muito pelo contrário. No entanto, para que a classificação seja feita, há necessidade ou de maior conhecimento do topônimo em si ou da existência de maior número de pesquisas no campo da taxinomia, que venham possibilitar a classificação adequada.

(68) Dick, Maria Vicentina de Paula do Amaral — O problema das taxinomias toponímicas (uma contribuição metodológica). *Língua e Literatura*, São Paulo, 4:373-380, 1975.

(69) *Idem*, p. 373.

O que apresentamos neste trabalho não passa de mais uma picada na densa floresta em que se constituem os estudos toponímicos, não só no Brasil como em todo o mundo.

Vejamos então o que nos foi dado apurar.

ZOOTOPÔNIMOS

Rio Alambari	Córrego Jacutinga
Rio Anhumas	Ribeirão Jaguari
Córrego da Anta	Córrego Jataí (Fitotopônimo)
Corredeira Aracanguá	Rio Jaú
Rio Araçariguama	Ribeirão Jibóia
Rio Araquá	Rio Jundiá
Córrego das Araras	Rio Jundiuvira
Ribeirão dos Bagres	Ribeirão Lambari
Ribeirão Bagaçu (Fitotopônimo)	Córrego do Macuco
Ribeirão Cabucu de Baixo (Fitotopônimo)	Ribeirão Mandi
Ribeirão Canudo (Fitotopônimo)	Ribeirão Madissununga
Rio Capivara	Água do Mucuri
Rio Capivari	Córrego da Onça
Córrego do Caracol	Ilha dos Passarinhos
Ribeirão Carapicuiaba (Fitotopônimo)	Córrego dos Patinhos
Córrego do Cateto (Fitotopônimo)	Rio dos Patos
Córrego do Catingueiro	Rio do Peixe
Rio Caveté	Córrego Picanço
Ribeirão do Cervão	Rio Piracicaba
Ribeirão Cervo Grande	Rio Piraitinga
Ribeirão do Cervinho	Rio Pirapitingüi
Córrego das Conchas	Ilha Pirataraca
Porto Corumbatá	Córrego Pirati-Mirim
Ilha do Corvo Branco	Rio dos Porcos
Rio Cotia	Córrego Quebra Pote?
Rio Dourado	Ribeirão da Queixada
Córrego das Êguas	Corredeira do Rodado
Córrego do Gato	Ribeirão Sucuri
Rio Guaió	Rio Sussuaú de Cima
Córrego Guaraú (Fitotopônimo)	Rio Taiassupeba
Rio Jacareatinga	Ilha do Tamandua
Rio Jacaré Guassu	Rio Tamanduateí
Rio Jacaré Pepira	Ilha do Tambau
Córrego Jacarezinho	Ribeirão das Vacas
Ribeirão do Jacu	Ribeirão do Veado

FITOTOPÔNIMOS

Ribeirão Aricanduva	Córrego Guararema
Corredeira Bacuri	Córrego Guaraú (Zootopônimo)
Ribeirão Bagaçu (Zootopônimo)	Ribeirão Guaxatuba
Córrego Bananal	Córrego Jataí (Zootopônimo)
Ilha Baririzinho (Hidrotopônimo)	Córrego Jataiseiro
Rio Barueri (Hidrotopônimo)	Córrego da Laranja
Rio Bauru	Ribeirão Laranja Azeda
Ribeirão Biritiba Mirim	Córrego Limeira
Córrego Bocaiúva	Ilha Limoeiro
Córrego do Bosque	Córrego Macaé
Cachoeira Buru (Hidrotopônimo)	Ribeirão Macaúbas
Rio Cabriúva	Ribeirão da Mata
Ribeirão Cabuçu de Baixo (Zootopônimo)	Água do Matão
Cachoeira Caiacatinga	Ribeirão Mato Grosso
Córrego Campestre	Água do Mucuri
Córrego Campinho	Ribeirão Palmeiras
Ilha do Campo	Córrego Palmital
Ribeirão Canudo (Zootopônimo)	Córrego Pau d'Alho
Ribeirão Carapicuíba (Zootopônimo)	Ribeirão Perová
Córrego do Cateto (Zootopônimo)	Rio Pinheiros
Ilha das Congonhas	Ribeirão do Sapé
Ilha Congoinha	Córrego do Sapezinho
Córrego Embira	Ribeirão Tábua
Córrego das Flores	Ribeirão Taquaral
Córrego Floresta	Córrego Taquaranxi
	Córrego Timboré
	Água do Tucum

ANTROPOTOPÔNIMOS

Córrego Aparecida	Porto Florêncio
Ilha do Arruda	Córrego do Garcia
Córrego Barbozinha	Córrego dos Goulart
Córrego Camargo	Água do José Patrício
Córrego dos Cardoso	Córrego Júlia Augusta
Porto Carvalho	Córrego Julinha
Ribeirão Chico	Córrego Leopoldina
Ribeirão dos Cubas	Córrego Lussanvira
Ribeirão Eleutério	Ilha do Machado
Porto Ferrão Onça?	Córrego Machado de Melo

Porto Marcos Pereira
Córrego Mariana
Cachoeira do Matias
Porto Menezes
Ribeirão Maurício Machado
Rio Nico da Barra?
Porto Nicolau
Córrego do Osório
Córrego P. Sales

Córrego Pedroso
Córrego dos Pintos
Córrego Pio Prado
Córrego do Pires
Córrego dos Ponces
Córrego Salvador
Córrego Severino
Porto Umbelina

HIDROTOPÔNIMOS

Ribeirão Água Baixa
Córrego Água Comprida
Ribeirão Água Fria
Ribeirão Água Limpa
Córrego Água Preta
Ribeirão Água Vermelha
Corredeira Banharão
Ilha Baririzinho (Fitotopônimo)
Rio Barueri (Fitotopônimo)
Córrego Bica da Pedra
Cachoeira Buru (Fitotopônimo)
Rio Cachoeira
Ribeirão Corredeira

Córrego Escaramuça
Corredeira Escaramuça do Gato
Rio Guapira
Córrego Itaipu
Córrego Lagoa dos Patos
Córrego Lagoa Seca
Água de Mina
Aguinha das Minas
Ribeirão do Pará
Porto Piririca
Ribeirãozinho
Pontal do Rio Tietê
Córrego Saltinho
Ribeirão Tiquatira

HIEROTOPÔNIMOS

Córrego Anhangai
Ribeirão Ave Maria
Cachoeira do Bispo
Córrego da Capela
Rio da Cruz
Córrego Cruz das Almas
Salto das Cruzes
Ribeirão Espírito Santo
Água do Inferninho
Canal do Inferno
Córrego Paraíso
Córrego Santa Amélia

Ribeirão Santa Bárbara
Água Santa Cândida
Ribeirão Santa Clara
Córrego Santa Cruz
Córrego Santa Maria
Córrego Santa Quitéria
Córrego Santíssimo
Ribeirão Santo André
Ribeirão São Jerônimo
Ribeirão São João
Córrego São Joaquim

LITOTOPÔNIMOS

Córrego Barreiro
Córrego Barreirinho
Córrego do Cerrito
Córrego das Cinzas
Ribeirão Itaguá
Rio Itaim
Córrego Itaipu
Córrego Itapeva
Cachoeira Itapocu
Cachoeira Itapúa
Salto Itapura

Rio Itaquera
Rio Itaquí
Córrego Itaquiri
Córrego Laje
Ribeirão Lajeado
Ribeirão Pederneiras
Ilha Pedra de Ferro
Córrego da Pedreira
Ilha Tabatingüera
Córrego Tijuco Preto

ERGOTOPÔNIMOS

Córrego Arrebenta Rabicho
Água de Bomba
Ilha do Chapéu
Ribeirão Descascador
Córrego do Esteio Lavrado
Córrego da Estiva
Ribeirão do Farelo
Córrego Iguatemi (Geomorfotopônimo)
Porto do Marco
Córrego do Monjolo

Ribeirão Moquém
Córrego das Oficinas
Ribeirão dos Pilões
Córrego Ponte Alta
Córrego Ponte Pensa
Córrego Ponte Velha
Ribeirão do Pote
Córrego do Relógio Queimado
Ribeirão dos Remédios

GEOMORFOTOPÔNIMOS

Córrego Baía Nova
Ilha da Barra
Córrego Barra Bonita
Córrego Barra Mansa
Córrego Bossucaba
Córrego Grotão
Rio Guapira

Córrego Iguatemi (Ergotopônimo)
Córrego da Ilha Seca
Córrego Monte Alegre
Córrego Morro dos Mateus
Córrego do Pontal
Rio Sorocaba
Ribeirão da Vargem

SOCIOTOPÔNIMOS

Córrego do Ajudante
Córrego do Colégio
Córrego da Chácara Bela Vista
Córrego da Chácara Boa Vista
Água da Fazenda Dois Córregos
Córrego da Fazenda Domingão

Água da Fazenda Velha
Córrego dos Ferreiros
Córrego Guardinha
Ribeirão do Matadouro
Ribeirão das Posses
Córrego do Sítio do Buraco

ANIMOTOPÔNIMOS OU NOOTOPÔNIMOS

Ribeirão do Alegre
Ribeirão Boa Vista de Cima
Ribeirão Boa Vista de Baixo

Córrego Bom Sucesso
Ribeirão Bonito
Ilha Soturna

CROMOTOPÔNIMOS

Ribeirão Azul
Rio Claro
Lagoa Preta

Ribeirão Una
Rio Verde
Rio Vermelho

NUMEROTOPÔNIMOS

Ribeirão Sete Fogões
Córrego das Sete Guarantãs
Ribeirão Três Barras

Ribeirão Três Bocas
Ribeirão Três Irmãos
Ribeirão Três Pontes

DIMENSIOTOPÔNIMOS

Córrego Fundo
Ilha Grande
Ribeirão Guaçú

Canal Pequeno
Ribeirãozinho

HISTORICOTOPÔNIMOS

Rio Batalha
Córrego Prudente de Morais
Córrego Quintino Bocaiúva

Córrego Quinze de Novembro
Córrego Visconde de Parnaíba

MORFOTOPÔNIMOS

Volta do Anzol
Córrego Botinha

Córrego da Curva
Córrego Volta Fria

SOMATOPÔNIMOS

Cachoeira Atuaú
Ribeirão do Cotovelo

Córrego Jurumirim
Córrego Vamicanga

ETNOTOPÔNIMOS

Córrego dos Espanhóis
Córrego do Japonês

Córrego Tupi

METEOROTOPÔNIMOS

Ribeirão Botujuru

TERMOTOPÔNIMOS

Córrego Frio

NÃO CLASSIFICADOS

Córrego Arranca Rabo
Salto Avanhandava
Rio Aveçuia
Corredeira dos Baixotes
Cachoeira Bujui
Cachoeira Carambui
Ribeirão Doce
Córrego Esgotão
Córrego Esgoto Grande
Córrego da Fartura
Ribeirão Fugido
Rio Lençóis
Água Limpa
Córrego Lindeiro
Rio Mandaqui

Córrego do Meio
Porto Monção
Rio Morto
Ilha Muitos Filhos
Água Parada
Rio Ponunduva
Córrego Rico
Porto Sarjobe
Córrego Seco
Água Suja
Água Sumida
Ribeirão Travessa Grande
Rio Turvo
Corredeira Vai-Vém
Córrego Varação

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A extensão e a complexidade do tema que nos propusemos a abordar levou-nos a cobri-lo apenas parcialmente. Eis porque, ao concluirmos esta fase do estudo, não nos julgamos autorizados a tirar conclusões mas apenas a tecer considerações sobre os dados que conseguimos levantar, o que faremos.

Fato que merece ser realçado, a nosso ver, é a verificação de que, dentre os topônimos coligidos, os de origem indígena ficam aquém dos 50%! E tal porcentagem cai para 30% se se considerarem apenas os topônimos constantes nas Folhas Topográficas de 1954. Este dado nos parece significativo, uma vez que a quase totalidade dos autores que fizeram estudos sobre a toponímia brasileira é unânime em afirmar a predominância dos topônimos de origem indígena sobre os demais. Na realidade, isto é verídico para várias regiões, mas não para aquela que é objeto deste estudo.

Uma vez concluída a classificação, ficou nítido que a distribuição percentual dos topônimos foi aproximadamente da seguinte ordem: 20,23% de Zootopônimos; 15,02% de Fitotopônimos; 10,69% de Antropotopônimos; 7,80% de Hidrotopônimos; 6,64% de Hierotopônimos; 6,06% de Litotopônimos; 5,49% de Ergotopônimos; 4,04% de Geomorfotopônimos; 3,46% de Sociotopônimos; 1,73% de Animotopônimos; 1,73% de Cromotopônimos; 1,73% de Numerotopônimos; 1,44% de Dimensiotopônimos; 1,44% de Historicotopônimos; 1,15% de Morfotopônimos; 1,15% de Somatopônimos; 0,86% de Etnotopônimos; 0,28% de Meteorotopônimos; 0,28% de Termotopônimos e 8,67% de não classificados.

É preciso que se esclareça que estas porcentagens são aproximadas, pois para seu cálculo levamos em conta apenas os topônimos classificados. Ora, na classificação só foram considerados os topônimos diferentes, tendo sido deixados de lado as repetições e aqueles cuja única diferença consistia na existência de sufixos aumentativos ou diminutivos. Entretanto, do que foi apurado, pudemos observar que, de uma maneira geral, os topônimos podem ser reunidos em 4 grupos, a saber:

— num primeiro reuniríamos os que se destacam numericamente dos demais, isto é, os que foram inspirados nos reinos animal ou vegetal e em nomes próprios;

— num segundo aqueles cujos nomes apresentam conotação religiosa, ou com o reino mineral, ou com formas de terreno, ou com algo produzido pelo homem, ou ainda com alguma instituição que indique a presença do homem como ser social. Neste grupo intermediário também se situam os topônimos em cuja composição entra o elemento água, o que nos pareceu

curioso, pois em sua maioria os topônimos aqui analisados são designativos de acidentes hidrográficos;

— num terceiro, bem menos representativo numericamente falando, agruparíamos os que traduzem alguma característica do acidente em si, isto é, cor, aspecto ou dimensão, e aqueles que classificamos como somáticos, étnicos, históricos, numéricos, térmicos, morfológicos ou meteorológicos;

— enfim, num quarto e último grupo ficariam os não classificados, que, como já afirmamos, não são inclassificáveis, mas que no momento tivemos escrúpulos em fazê-lo, quer por necessidade de maiores informes do topônimo em si, quer por problemas de criação de uma sub-divisão adequada.

Por outro lado, da análise que nos propusemos a realizar destaca-se o fato de que são raros, ou mesmo raríssimos, os topônimos citados em todos, ou quase todos, os documentos que tivemos a oportunidade de investigar. Dentre eles, podemos citar, como exemplo, o caso do salto Avanhandava.

O que ocorre com frequência é o seguinte: ou o topônimo só foi citado num documento do nosso século, como o ribeirão Ave Maria, ou, se assinalado por um documento do século XVIII ou XIX, não o foi mais, como ocorreu com a cachoeira Cambalhetuba; ou ainda, se registrado, digamos, no século XVIII, só reapareceu num documento do século XX, sendo o rio Cotia um exemplo desse caso.

Isto tudo demonstra que os autores dos diários e cartas cartográficas não se preocupavam em calcar seus relatos naquilo que já fora levantado na terminologia corrente na região, o que explica em parte a discrepância nos informes. Tanto isso é verdade que determinados viajantes parecem ter dado aos acidentes e afluentes do Tietê nomes de sua autoria. É esta pelo menos a impressão que nos dá, por exemplo, Juzarte, quando em seu diário cita determinados topônimos para os quais não encontramos mais qualquer registro. Isto nos leva a presumir que os viajantes, diante de um acidente ou afluente do Tietê, eram tentados a batizá-los por conta própria, não levando em consideração a nomenclatura corrente ou apenas pelo fato de desconhecê-la.

Apesar disso tudo, os relatos antigos são de inestimável valor para os estudos toponímicos, pois não poucas vezes revelam o por quê desta ou daquela denominação.

Muitas são as dificuldades que o pesquisador tem que enfrentar. Uma delas é o fato de mapas em escalas diferentes consignarem um determinado topônimo sem que se saiba se corresponde a um mesmo acidente topográfico. A mesma observação é válida para os outros tipos de documentação como diários, relatos, cartas, etc. A tarefa é árdua e somente uma dose de

sorte, aliada a um espírito interessado, poderá levar o investigador à chave do problema.

Num trabalho desta natureza tem-se que ter em mente que não só a grafia, como também o sentido dos topônimos, podem sofrer e sofrem alterações com o passar dos anos. Daí concordarmos com Dauzat quando afirma: "Les confusions de sens sont inévitables en ce qui concerne les noms de plantes e d'animax sauvages /.../. La faculté de discrimination, de classification, de spécification n'est propre qu'aux esprits observateurs et doués d'un certain sens scientifique"⁽⁷⁰⁾. Foi realmente o que verificamos em muitos casos, em que foi difícil estabelecer dentre dois ou mais significados prováveis qual o verdadeiro. Limitamo-nos a citar as diferentes hipóteses sem tomar este ou aquele partido, pois em determinados casos só a pesquisa local e a investigação mais apurada numa documentação mais ampla poderiam nos levar a um resultado mais positivo.

Como se depreende dessas observações, o nosso trabalho constitui-se mais num levantamento preliminar daquilo que existe em alguns documentos que tomamos para balizas de nossa investigação. Poderíamos ampliá-la, com a consulta a outras fontes documentais, além de longa e paciente pesquisa de campo para tentar levantar o que resta na tradição oral.

Façamos votos para que neste século, dominado por um utilitarismo imediato, sobre sempre uma brisa de cultura a inspirar os estudiosos, e a convidar o governo a dedicar atenção especial a assuntos desta ordem, através de dotação de verbas e criação de corpos de pesquisadores. Só assim conseguiremos realizar obra de relevo, obedecendo a uma planificação geral que virá substituir trabalhos esporádicos e modestos. Na esperança de que estas pretensões otimistas em breve se concretizem, terminamos as nossas considerações na expectativa de que estes escassos dados por nós coletados e a verificação de quanto há ainda por fazer sirvam de incentivo para que outros se dediquem a este fator de investigação concorrendo para o conhecimento e valorização do que é nosso e prestando, destarte, inestimável serviço à cultura pátria.

BIBLIOGRAFIA

- 1 — ABREU, Artur Cardoso de — A revisão toponímica. *Boletim Geográfico*, Rio de Janeiro, 9: 5-8, dez. 1943.
- 2 — ACTAS DA CÂMARA DA VILLA DE S. PAULO (1596-1622). São Paulo, Arquivo do Estado de São Paulo, 1915, v. 2.

(70) Dauzat, Albert — *La géographie linguistique*. Paris, Flammarion, 1948, p. 137 (Bibliothèque de Philosophie Scientifique).

- 3 — AGUIRRA, João Baptista de Campos — Sesmeiros e posseiros. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo*, São Paulo, 34: 259-261, 1938.
- 4 — ARROYO, Leonardo — *Relação do Rio Tietê*. (São Paulo) Obelisco (1965).
- 5 — ATA da 3.^a sessão regimental de 1929. Presidência do Sr. Dr. Affonso A. de Freitas. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo*, São Paulo, 35: 332-334, 1938.
- 6 — AYROSA, Plínio — *Primeiras noções de Tupi*. (São Paulo) s.c.p., 1933.
- 7 — AZAMBUJA, Conde (Antonio Rolim de Moura) — Relação da viagem que fez o conde de Azambuja, D. Antonio Rolim, da Cidade de S. Paulo para a vila de Cuiabá em 1751. In: TAUNAY, Afonso de E., ed. — *Relatos Monçoeiros*, São Paulo, Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo (1954), pp. 182-202. (Biblioteca Histórica Paulista, 9).
- 8 — BARBOSA, A. Lemos — *Curso de tupi antigo*. Rio de Janeiro, São José (1956).
- 9 — IDEM — *Pequeno Vocabulário Tupi-Português*. Rio de Janeiro, São José, 1955.
- 10 — BARROS, Manuel de — Notícia 7.^a Prática — é o roteiro verdadeiro das minas de Cuiabá, e de todas as suas marchas, cachoeiras, itaipavas, varadouros e descarregadouros das canoas, que navegam para as ditas minas, com os dias da navegação, e travessia, que se costumam fazer por mar, e terra. In: TAUNAY, Afonso de E., ed. — *Relatos Monçoeiros*. São Paulo, Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo (1954), pp. 141-159. (Biblioteca Histórica Paulista, 9).
- 11 — BRAGA, José Peixoto da Silva — Notícia 1.^a Prática — que dá ao P. M^e. Diogo Soares o Alferes José Peixoto da Silva Braga, do que passou na Primeira Bandeira, que entrou no descobrimento das Minas do Guayases até sair na Cidade de Belém do Grão-Pará. In: TAUNAY, Afonso de E., ed. — *Relatos Sertanistas*. São Paulo, Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo (1954), pp. 121-137. (Biblioteca Histórica Paulista, 7).
- 12 — CAMELLO, João Antonio Cabral — Notícias Práticas das minas do Cuiabá e Goiasés, na Capitania de S. Paulo e Cuiabá, que dá ao rev. Padre Diogo Juarez, o Capitão João Antonio Cabral Camello, sobre a viagem que fez às minas do Cuiabá no ano de 1727. In: TAUNAY, Afonso de E., ed. — *Relatos Monçoeiros*. São Paulo, Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo (1954), pp. 114-123. (Biblioteca Histórica Paulista, 9).

- 13 — IDEM — Notícia 2.^a Prática do que lhe sucedeu na volta, que fez das mesmas minas para S. Paulo. In: TAUNAY, Afonso de E., ed. — *Relatos Monçoeiros*. São Paulo, Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo (1954), pp. 127-133. (Biblioteca Histórica Paulista, 9).
- 14 — CARTA Chorographica da Capitania de São Paulo (1793). In: TAUNAY, Afonso de E., ed. — *Collectanea de Mappas da Cartographia Paulista Antiga*. São Paulo, Melhoramentos, 1922, p. 6, mapa n.º 8.
- 15 — CASTRO, Francisco Alberto Veiga de — Tietê (Notícia e documentos interessantes). *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo*, São Paulo, 6: 25-35, nov., 1934.
- 16 — COLLEÇÃO DAS LEIS DO IMPÉRIO DO BRASIL DE 1873. Rio de Janeiro, Nacional, 1874, t. 36, 2.^a parte, v. 1, p. 408.
- 17 — COMISSÃO DE MELHORAMENTOS DO RIO TIETÊ — *Relatório* apresentado pelo engenheiro Lysandro Pereira da Silva, chefe da Comissão de Melhoramentos dos rios Tietê e Tamanduateí, ao Secretário de Obras da Prefeitura Municipal de São Paulo, compreendendo os estudos e trabalhos realizados até 1.º de janeiro de 1950. São Paulo, Prefeitura do Município de São Paulo, 1950.
- 18 — COMISSÃO GEOGRAPHICA E GEOLÓGICA DO ESTADO DE S. PAULO (CGG) — *Exploração do Rio Tietê* (Barra do Rio Jacaré-Guassu ao Rio Paraná): 1905. São Paulo, Brazil de Rothschild, 1910.
- 19 — CORRÊA FILHO, Virgílio — Nota sobre toponímia. *Boletim Geográfico*, São Paulo, 88: 476, 1950.
- 20 — CORREIA, Dácio Pires — Tietê ou Tieté. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*. São Paulo, 23: 281-300, 1925.
- 21 — D'ALINCOURT, Luiz — *Memória sobre a Viagem do Porto de Santos a Cidade de Cuiabá*. São Paulo, Martins (1954). (Biblioteca Histórica Paulista, 8).
- 22 — DAUZAT, Albert — *La géographie linguistique*. Paris, Flammarion, 1948. (Bibliothèque de Philosophie Scientifique).
- 23 — IDEM — *Les noms de lieux* — origine et évolution. Paris, Delagrave, 1926. (Bibliothèque des Chercheurs et des Curieux).
- 24 — DEPARTAMENTO DE ESTATÍSTICA DO ESTADO DE SÃO PAULO — *Toponímia Brasileira* (cidades e vilas paulistas). São Paulo, 1952. (Divisão de Estatísticas Físicas, Sociais e Culturais).

- 25 — DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral — O problema das taxinomias toponímicas (uma contribuição metodológica). *Língua e Literatura*. São Paulo, 4: 373-380, 1975.
- 26 — DIVERTIMENTO admirável para os historiadores curiosos observarem as máquinas do mundo reconhecidos nos certões da navegação das minas de Cuyabá, e Mato Grosso . . . Ano 1783. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 77 (2.^a parte): 125-156, 1914.
- 27 — EDELWEISS, Frederico G. — *Estudos Tupis e Tupi-Guaranis, confrontos e revisões*. Rio de Janeiro, Brasileira, 1969.
- 28 — IDEM — *Tupis e Guaranis, estudos de etnomínia e lingüística*. Bahia, Secretaria da Educação e Saúde, 1947. (Publicações do Museu da Bahia, 7).
- 29 — ENCICLOPÉDIA DOS MUNICÍPIOS BRASILEIROS. Rio de Janeiro, Instituto de Geografia e Estatística, 1957.
- 30 — O ESTADO DE S. PAULO. São Paulo, 1970-72: 16/V/1970; 31/V/1970; 27/VI/1970; 4/XII/1970; 5/XII/1970; 4/II/1971; 25/VII/1971 e 31/X/1971.
- 31 — FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda — *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira (1961).
- 32 — FLORIANA, Mansueto Barcatta de Val — Dicionários Kainjang-Portuguez e Portuguez-Kainjang. *Revista do Museu Paulista*, São Paulo, 12: 1-392, 1920.
- 33 — FLORENCE, Hércules — De Porto Feliz a Cuyabá (Diário de viagem de um naturalista da expedição do Barão de Langsdorff em 1826 e 1827). *Revista do Museu Paulista*, São Paulo, 16: 881-991, 1929.
- 34 — IDEM — Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1829. (São Paulo) Melhoramentos (1941).
- 35 — FONSECA, José Gonçalves — Notícia da situação de Mato-Grosso e Cuyabá: estado de umas e outras minas e novos descobrimentos de ouro e diamantes. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 29 (1.^a parte): 352-390, 1866.
- 36 — FREIRE, Laudelino — *Dicionário da Língua Portuguesa*, 2.^a ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1954.
- 37 — FREITAS, Affonso A. de — *Diccionario historico, topographico, ethnographico illustrado do Município de São Paulo*. São Paulo, Paulista, 1929.

- 38 — IDEM — *Geographia do Estado de São Paulo*. São Paulo, Escolas Profissionais Salesianas, 1906.
- 39 — HOLLANDA, Sérgio Buarque de — *Caminhos e Fronteiras*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1957. (Coleção Documentos Brasileiros, 89).
- 40 — IDEM — *Monções*. Rio de Janeiro, Casa do Estudante do Brasil, 1945. (Coleção Estudos Brasileiros).
- 41 — INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO — Manuscrito da Coleção J. F. de Almeida Prado — *Roteiro de Viagem p.^a as Minas do Cuyaba* que fez Francisco Palácio no anno de 1726, n.º 18.
- 42 — IDEM — Manuscrito da Coleção Lamego — *Diário de Viagem*, por Martim Francisco Ribeiro de Andrade Machado. Cod. 95.2, A8.
- 43 — INSTITUTO GEOGRÁFICO E GEOLÓGICO DO ESTADO DE S. PAULO (IGG) — *Folhas Topográficas do Estado de S. Paulo*. Escala — 1:250.000. São Paulo, IGG, 1954:
 - 1 — São Paulo
 - 2 — Campinas
 - 3 — Bauru
 - 4 — São José do Rio Preto
 - 5 — Araçatuba
 - 6 — Taubaté
- 44 — JUZARTE, Theotonio José — *Diário da Navegação do Rio Tietê, Rio Grande, Paraná e Rio Guatemi em que se dá Relação de todas as coisas mais notáveis destes Rios, seu curso, sua distância, e de todos os mais Rios, que se encontram, Ilhas, perigos, e de tudo o acontecido deste Diário, pelo tempo de dois anos, e dois meses. Que principia em 10 de março de 1769. In: TAUNAY, Afonso de E., ed. — Relatos Monçoeiros*. São Paulo, Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo (1954) pp. 215-273. (Biblioteca Histórica Paulista, 9).
- 45 — LEFÈVRE, Valdemar — Aspectos Geográficos do Estado de S. Paulo. *Revista do Instituto Geográfico e Geológico*, São Paulo, 5 (3, 4): 251-254, 1947.
- 46 — LEITE, Aureliano — Primeiros senhores das terras da Casa Verde. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, São Paulo, 36: 175-183, 1939.
- 47 — LEITE, Serafim — *Monumenta Brasiliae* (1558-1563). Roma, "Monumenta Historica Societatis Iesu", 1958.

- 48 — LERY, Jean de — *História de uma viagem à terra do Brasil*. Rio de Janeiro, Ed. Nacional, 1926.
- 49 — LIMA, Gastão César Bierrembach — *Dicionário Geográfico do Estado de São Paulo*. São Paulo, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1943. (Boletim, 2).
- 50 — IDEM — Sugestões sobre a nomenclatura dos cursos de água e suas denominações. *Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia*. Rio de Janeiro, Conselho Nacional de Geografia, 1942, pp. 587-591.
- 51 — LIVRO DOS MUNICÍPIOS DO ESTADO DE SÃO PAULO. São Paulo, Martins, 1951.
- 52 — MAGALHÃES, Erasmo d'Almeida — Notas sobre Toponímia Brasileira. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, São Paulo, 66: 203-207, 1969.
- 53 — MARQUES, Manuel Eufrásio de Azevedo — *Apontamentos históricos, geográficos, biográficos, estatísticos e noticiosos da Província de São Paulo*... , 2v., São Paulo, Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo (1954). (Biblioteca Histórica Paulista, 1).
- 54 — MARTIUS, Carl Friedrich Phil v. — *Wörterammlung Brasilianischer Sprachen*. Leipzig, Friedrich Fleischer, 1867, v. 2.
- 55 — MARTONNE, Emmanuel De — *Traité de Géographie Physique*. Paris, Armand Colin, 1948, t. 1.
- 56 — MONTEZINHO, Antonio Roiz — Mapa Chorographico da Capitania de S. Paulo, que por ordem do Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Bernardo Joze de Lorena, Governador, e Capitão General da mesma Capitania, levantou o Ajudante Engenheiro... conforme suas observações feitas em 1791, e 1792. In: TAUNAY, Afonso de E., ed. — *Collectanea de Mappas da Cartographia Paulista Antiga*, São Paulo, Melhoramentos, 1922, p. 6, mapa n.º 7.
- 57 — MULLER, Daniel Pedro — Mappa Chorographico da Província de São Paulo, desenhado por ... , Marechal reformado do corpo de Engenheiros segundo as suas observações e esclarecimentos que lhe tem sido transmitidos. Anno de 1837. In: TAUNAY, Afonso de E., ed. — *Collectanea de Mappas da Cartographia Paulista Antiga*. S. Paulo, Melhoramentos, 1922, p. 7, mapa n.º 9.
- 58 — NASCENTES, Antenor — *Dicionário da Língua Portuguesa*. (Rio de Janeiro). Academia Brasileira de Letras, 1961-1967.
- 59 — NEIVA, Arthur — *Estudos da língua nacional*. São Paulo, Ed. Nacional, 1940.

- 60 — NÓBREGA, Mello — *História de um rio (O Tietê)*. São Paulo, Martins (1948).
- 61 — NUNES, José de Sá — Toponímia Brasília. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, 1: 102-122, jan.-mar., 1951.
- 62 — OLIVEIRA, Sebastião Almeida — Toponímia fluvial tanabiense. *Revista Brasileira de Geografia*. Rio de Janeiro, 2: 256-259, abr., 1940.
- 63 — OPINIÕES: mudança de nomes geográficos. *Boletim do Conselho Nacional de Geografia*, Rio de Janeiro, 1: 33, abr., 1943.
- 64 — ORDONHES, Diogo de Toledo Lara e — Carta de um passageiro de monção (1785). In: TAUNAY, Afonso de E., ed — *Relatos Monçoeiros*. São Paulo, Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo (1954), pp. 203-214 (Biblioteca Histórica Paulista, 9).
- 65 — PALÁCIO, Francisco — Roteiro da Viagem p.^a as Minas do Cuyaba que fez ... no anno de 1726. MS da Col. Almeida Prado (Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo).
- 66 — PENTEADO, Antonio Rocha, e FLORENÇANO, Paulo C. — Paisagens do Tietê. *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, 6: 52-62, 1950.
- 67 — PINTO, Joaquim Mourão Serpa — Conversa de vizinhos. In: *Chácaras e Quintais*, São Paulo, out., 1962, pp. 535-536.
- 68 — REBELLO, Gervásio Leite — Notícia 6.^a Prática e relação verdadeira da derrota e viagem, que fez da cidade de São Paulo para as minas do Cuiaba o Exmo. sr. Rodrigo Cesar de Menezes, governador e capitão geral da Capitania de São Paulo e suas minas descobertas no tempo do seu governo, e nele mesmo estabelecidas. In: TAUNAY, Afonso de E., ed. — *Relatos Monçoeiros*. São Paulo, Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo (1954) pp. 101-113. (Biblioteca Histórica Paulista, 9).
- 69 — REPERTÓRIO DAS LEIS PROMULGADAS PELA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DA PROVÍNCIA DE S. PAULO DESDE 1835 ATÉ 1875. São Paulo, Typ. do Correio Paulistano, 1877.
- 70 — RESENHA E OPINIÕES: significado de alguns topônimos. *Boletim Geográfico*, Rio de Janeiro, 43: 852-854, out., 1946.
- 71 — RIBEIRO NETO, Oliveira — O Porto Feliz do Tietê. *Revista do Arquivo Municipal de S. Paulo*, São Paulo, 176: 191-204, 1969.
- 72 — ROTEIRO da navegação do Tietê desde a barra do Rio Grande de Santo Amaro até ao salto do Itu-guassú, começado em 27 de agosto de 1792 e terminado em 19 de setembro (S. Paulo). *Revista da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro*, 17 (1-4): 10-18, 1904.

- 73 — SAINT-ADOLPHE e MILLIET, J.C.R. — *Dicionário Geográfico, Histórico e Descritivo do Império do Brasil*. Paris, Ailland Guillard, 1863.
- 74 — SAINT-HILAIRE, Auguste de — *Viagem à Província de São Paulo e resumo das viagens ao Brasil, Província Cisplatina e Missões do Paraguay*. São Paulo, Martins (1940). (Biblioteca Histórica Brasileira, 2).
- 75 — SAMPAIO, Theodoro — O sertão antes da conquista (séc. XVII). *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, São Paulo, 5: 79-104, 1901.
- 76 — IDEM — *O Tupi na Geografia Nacional*. 4.^a ed. (Salvador). Câmara Municipal, 1955.
- 77 — IDEM — Vocabulário Geographico Brasileiro. In: *O Tupi na Geographia Nacional*. 4.^a ed. (Salvador), Câmara Municipal, 1955, pp. 165-302.
- 78 — SANTOS, F. Martins dos — A propósito dos topônimos indígenas. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, 4: 113-116, out., 1939.
- 79 — SOUZA, Aureliano de — Estudo sobre a significação, origem etc. dos nomes das Estações, postos e portos da Estrada de Ferro Sorocabana. *Nossa Estrada*, São Paulo, 32: 27, fev., 1941.
- 80 — SOUZA, Bernardino José de — *Dicionário da terra e da gente do Brasil*. 5.^a ed., São Paulo, Ed. Nacional (1961).
- 81 — STADEN, Hans — Duas viagens ao Brasil: arrojadas aventuras no séc. XVI entre os antropófagos do Novo Mundo. São Paulo, Sociedade Hans Staden, 1942.
- 82 — TASTEVIN, C. — Noms génériques de cours de l'eau dans l'Amérique tropicale. *Récueil de 76 Études de Linguistique, d'Ethnologie, de Science Religieuse, de Pré-histoire et autres*. Viena, 1921.
- 83 — TAUNAY, Afonso de E., ed. — Antiquilhas de São Paulo (séc. XVII, XVIII e XIX). *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, São Paulo, 50: 175-233, 1953.
- 84 — IDEM — *Collectanea de Mappas da Cartographia Paulista Antiga*. São Paulo, Melhoramentos, 1922.
- 85 — IDEM — *História das Bandeiras Paulistas*. 2.^a ed. (São Paulo), Melhoramentos (1961), t. 2.
- 86 — IDEM — *Relatos Monçoeiros*. São Paulo, Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo (1954). (Biblioteca Histórica Paulista, 9).

- 87 — IDEM — *Relatos Sertanistas*. São Paulo, Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo (1954). (Biblioteca Histórica Paulista, 7).
- 88 — VAMPRE, João — O Tietê na história e na lenda. Rio de Janeiro, Jornal do Commercio, 1934. *Apud* NÓBREGA, Mello — *História de um rio (O Tietê)*. São Paulo, Martins, 1948.
- 89 — VIANNA, Hélio — *Vultos do Império*. São Paulo, Ed. Nacional (1968).
- 90 — XERIA, Luiz de Céspedes — Carta do Capitão General Governador do Paraguay, Don Luiz de Céspedes Xeria a Felipe IV sobre a sua navegação no Tietê e no Paraná (1628). In: TAUNAY, Afonso de E., ed. — *Relatos Monçoeiros*, São Paulo, Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo (1954), pp. 92-97 (Biblioteca Histórica Paulista, 9).
- 91 — IDEM — Mappa de D. Luiz de Céspedes Xeria (1628). In: TAUNAY, Afonso de E., ed. — *Collectanea de Mappas da Cartographia Paulista Antiga*. São Paulo, Melhoramentos, 1922, p. 3, mapa 2.